

# ESCOLA E CRISE CLIMÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL

As enchentes de 2024



### **José Edimar de Souza**

Doutor em Educação, com estágio de pós-doutorado em Educação, mestre e graduado em História pela UNISINOS. Graduado em Pedagogia pelo Claretiano e graduado em Geografia e Biblioteconomia pela UCS. Especialista em: Gestão da Educação pela UFRGS; Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FEEVALE; Supervisão Escolar, História do Brasil e Orientação Educacional pela Signorelli. É vice-coordenador do GT-02 História da Educação da ANPEd e vice-presidente da ASPHE. Integra o programa Bibliografia Viva/UFMG. Coordena o repositório ECOAR. É titular do Comitê de Pesquisa da FAPERGS. É Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación. Integra a Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo – RIDPHE. É vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória. É bolsista produtividade em Pesquisa C do CNPq e pesquisador PqG gaúcho da FAPERGS. É especialista em Educação na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha. É professor da Universidade de Caxias do Sul, atua na graduação na Área de Humanidades e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História.

Maio de 2024. O medo escorre pelas margens da incerteza. As águas que tudo arrastam também revelam: décadas de des-caso político e social diante das cheias e das mudanças climáticas. No Rio Grande do Sul, vive-se a maior catástrofe ambiental de sua história. Um número alarmante de vítimas, a sistema de saúde à beira do colapso, a infraestrutura devastada, a economia em ruínas. Ainda assim, a sociedade se levanta – frágil, porém resiliente. As aulas foram suspensas, mas a educação – este fio de dignidade que nos resta – não se deixa silenciar. É nesse cenário que surge esta obra, *Escola e Crise Climática no Rio Grande do Sul: as Enchentes de 2024*, organizada por José Edimar de Souza – um chamado à memória e à responsabilidade. Ao dar forma à dor e ao desafio em perspectiva histórica, o livro ergue um gesto de resistência contra o esquecimento e a naturalização da negligência. Porque lembrar, compreender e educar também são formas de reconstruir.

*Prof. Dr. Fernando Ripe*  
Universidade Federal  
de Pelotas

**Escola e crise climática  
no Rio Grande do Sul  
As enchentes de 2024**



**José Edimar de Souza**  
**Organizador**

**Escola e crise climática**  
**no Rio Grande do Sul**  
**As enchentes de 2024**



São Leopoldo  
2025

© Dos autores – 2025

Editoração: Oikos

Revisão: Rui Bender

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: <https://revistaoeste.com/brasil/quase-6-meses-depois-de-enchente-18-mil-pessoas-ainda-estao-em-abrigos-no-rs/>

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Allprint

Conselho Editorial:

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza Marques Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fernet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

A procedência e a utilização das imagens é de inteira responsabilidade de autores/as.

E74 Escola e crise climática no Rio Grande do Sul. As enchentes de 2024. /  
Organizador: José Edimar de Souza. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2025.  
186 p.; il.; color.; 16 x 23 cm.  
ISBN 978-65-5974-312-4  
1. Escola – Desastre ambiental – Inundação – Rio Grande do Sul. 2.  
Escola – Espaço de acolhimento – Desabrigado. 3. Escola – Abrigo. 4.  
História da educação. I. Souza, José Edimar de.

CDU 373:502.58:556.166 (816.5)

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

## Sumário

Apresentação .....	7
<i>José Edimar de Souza</i>	
Prefácio: Notas sobre como pensar as enchentes na perspectiva da História .....	11
<i>Fabiano Quadros Rückert</i>	
Reflexões sobre as enchentes no Rio Grande do Sul e as reconfigurações nas instituições escolares em auxílio às comunidades impactadas .....	15
<i>José Edimar de Souza</i> <i>Elisângela Dewes</i>	
Escolas-abrigo e aprendizagens construídas a partir das enchentes de maio de 2024 .....	38
<i>Márcia Regina da Silva</i> <i>Hildegard Susana Jung</i>	
“Uma escola que renasce”: a enchente de 2024 e a EMEF Sérgio Lopes em Santa Maria/RS .....	57
<i>José Iran Ribeiro</i> <i>Leonardo da Rocha Botega</i>	
Vulnerabilidade de mulheres e crianças em situações de desastres climáticos em abrigo coletivo .....	79
<i>José Edimar de Souza</i> <i>Vialana Ester Salatino</i>	
Escolas e memórias: impactos das enchentes de maio de 2024 na cidade de São Leopoldo/RS .....	100
<i>Rosana Torma Miranda Cabral</i> <i>Sandra Lilian Silveira Grohe</i> <i>Rodrigo Manoel Dias da Silva</i>	

Escola/abrigo: memórias de um território em crise .....	119
<i>Elise Testolin de Abreu</i>	
<i>Lucila Guedes de Oliveira</i>	
Educar em meio à crise: a atuação da EMEF Pedro Zucolotto diante dos desafios climáticos de 2023/24 .....	127
<i>Alex Juarez Müller</i>	
<i>Bruna Hellen de Melo Gomes</i>	
<i>Jurema Benetti Wiltgen Cicarolli</i>	
Formação para a cidadania em tempos de calamidade: ações educativas do Colégio Farroupilha .....	145
<i>Alice Rigoni Jacques</i>	
<i>Marícia Ferri</i>	
Um acervo que registra o caminho das águas: encontro entre memórias, artefatos, notícias e narrativas .....	169
<i>Mogar Damasceno Miranda</i>	
<i>Sergio Deves</i>	
<i>Jonas Adolpho Boesel</i>	

## Apresentação

Nas palavras de Freire (2006, p. 10), a História é feita por homens e mulheres a partir de uma dada circunstância, de uma estrutura que já existe quando a gente chega ao mundo. “Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um tempo-espaço de possibilidade e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente.” Nesse sentido, Freire (2006, p. 90) acrescenta que “o futuro é algo que se vai dando, e esse ‘se vai dando’ significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro; por isso, então, a História é possibilidade e não determinação”.

A última década do século XXI tem apresentado características climáticas adversas ao meio ambiente e produzido fenômenos cada vez mais violentos: enchentes, ciclones, calor prolongado. Para Ferrer, Danéris e Marques (2025), os impactos produzidos pelas fortes chuvas e inundações de abril e maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, apresentam números surpreendentes e que exigiram rápida organização para superação e elaboração de estratégias resilientes e sustentáveis.

Esta obra reúne estudos que evidenciam ações empreendidas por escolas-abrigos, bem como por instituições que cooperaram com diferentes ações durante o período dos abrigamentos no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, busca-se compreender as respostas construídas pela comunidade escolar, refletindo sobre as configurações que o espaço assume em diferentes contextos, como o vivenciado em nosso estado. Além disso, busca-se contribuir para compreender o tempo presente e a condição humana diante de situações análogas como a vivenciada com as chuvas de abril de 2024. Trata-se de uma obra que reúne dedicado esforço de síntese do grupo de vinte pesquisadores de diferentes instituições; agrega a colaboração de pesquisadores universitários e de professores que atuam na Educação Básica nas Redes Municipais e Estadual de Educação.

O estudo conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), processo número 24/

2551-0002127-2, intitulado “Histórias da escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos”. E compreende um estudo histórico de cunho analítico documental situado no campo da memória e da História da Educação, que buscou recompor a história da escola, as memórias e as identidades constituídas diante do contexto de catástrofe climática, bem como refletir sobre as diferentes formas de organização e o modo como a sociedade gaúcha respondeu ao cenário das cheias de 2024.

Em 2024, a enchente transformou a vida da população gaúcha, “visto que muitas pessoas perderam suas casas e entes queridos. Os impactos afetaram diversas outras áreas como a saúde, a educação, a economia e a infraestrutura urbana” (Guitarrara, 2024, s.p.).

Os municípios passaram por esse grave problema ambiental e climático, o que afetou cerca de dois milhões de pessoas. Dentre os municípios que mais foram afetados pelas enchentes estão: Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Encantado, Gramado, Lajeado, Muçum, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Santa Maria, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, entre outros. Nesse sentido, reconhecendo nossa imersão e experiência de pesquisa nas regiões do Vale dos Sinos e da Serra Gaúcha, contemplamos estudos, especialmente dessas duas regiões.

No primeiro capítulo, José Edimar de Souza e Elisângela Dewes apresentam um estudo mais amplo, mapeando as instituições que atuaram como abrigo e destacando o trabalho de ações empreendidas no acolhimento da população atingida nesse episódio climático.

No segundo capítulo, Márcia Regina da Silva e Hildegard Susana Jung contribuem para a reflexão a partir de narrativas de experiência de escolas de Esteio, aprofundando o dizer freiriano da amorosidade. Da mesma forma, no terceiro capítulo, José Iran Ribeiro e Leonardo da Rocha Botega abordam aspectos da reconstrução da EMEF Sérgio Lopes, de Santa Maria, um expoente dos muitos exemplos do que ocorreu no estado.

No quarto capítulo, José Edimar de Souza e Vialana Ester Salatino abordam aspectos das práticas e do modo como ações preventivas protegeram os sujeitos abrigados em situação de vulnerabilidade de mulheres e crianças. No mesmo contexto, da região do Vale dos Sinos, no quinto capítulo, Rosana Torma Miranda Cabral, Sandra Lilian Silveira Grohe e Rodrigo Manoel Dias da Silva recuperam memórias das escolas impactadas va-

lendo-se de diferentes fontes para compor um histórico desse período singular que vivenciaram as escolas de São Leopoldo.

No sexto capítulo, Elise Testolin de Abreu e Lucila Guedes de Oliveira contextualizam as memórias de um território em crise climática, recuperando narrativas de uma escola da região de Caxias do Sul. No sétimo capítulo, ainda na região da Serra Gaúcha, Alex Juarez Müller, Bruna Hellen de Melo Gomes e Jurema Benetti Wiltgen Cicarolli apresentam relatos sobre o modo como a EMEF Pedro Zucolotto se reconstruiu em meio à crise climática.

No oitavo capítulo, Alice Rigoni Jacques e Marícia Ferri analisam o modo como as escolas de apoio contribuíram e subsidiaram diferentes abrigos, dentre eles as escolas-abrigo, fornecendo alimento, roupas e insumos necessários nesse período.

No nono capítulo, Mogar Damasceno Miranda, Sergio Deves e Jonas Adolpho Boesel recuperam matérias jornalísticas e relatos da comunidade de Campo Bom a partir das representações e vivências diante da exposição sobre as memórias da enchentes de 2024.

Os trabalhos reunidos nesta obra evidenciam o modo como os sujeitos entrevistados narram a forma como rapidamente organizaram o espaço escolar, doações, transformando o lugar em um espaço de aconchego, dando ao tempo uma nova forma. Como argumenta Freire (1992, p. 42-43), “o amor é um ato de coragem, [...] o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas esse compromisso, porque é amoroso, é dialógico”. Identifica-se uma sensibilidade que procurou não apenas acolher aqueles que mais necessitavam naquelas circunstâncias, mas que traduz valores e saberes adquiridos pelos “saberes de experiência feitos”, que revela o modo como cada um se constitui e compreende sua condição no mundo e o que há de bom senso na formação humana e cidadã.

*José Edimar de Souza*

Inverno de 2025

## Referências

FERRÉR, João; DANÉRIS, Marcelo; MARQUES, Pedro Romero (orgs.). **RS: Resiliência & Sustentabilidade**. Reflexões para a construção do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: Libretos, 2025. p. 9-20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

GUITARRARA, Paloma. “Enchentes no Rio Grande do Sul”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/enchentes-no-rio-grande-do-sul.htm>. Acesso em: 07 nov. 2024.

# Prefácio

## Notas sobre como pensar as enchentes na perspectiva da História

O exercício coletivo de escrita do presente livro foi marcado, de um lado, pelo impacto que as enchentes de maio de 2024 provocaram no Rio Grande do Sul e, do outro, pela necessidade de reflexão sobre como os sujeitos sociais vivenciaram a experiência de um fenômeno climático extremo, que atingiu diferentes áreas do território sul-rio-grandense.

Os eventos climáticos extremos geralmente são lembrados pelos danos materiais que provocam; são classificados em escalas de gravidade elaboradas por cientistas e tendem a ser mensurados pelo número de vítimas fatais ou pelo número de desabrigados. Todas essas variáveis são importantes e demandam atenção dos pesquisadores. Contudo, seria um equívoco pensar que podemos interpretar os eventos climáticos extremos sem considerar a diversidade de percepções sociais que eles produzem. Nesse sentido, o presente livro oferece uma contribuição importante na medida em que valoriza memórias e narrativas de sujeitos sociais diretamente envolvidos nas enchentes de 2024.

*A priori*, a percepção social de uma enchente não se “revela” facilmente, e sua investigação demanda um complexo trabalho de interação entre os atingidos e o pesquisador – um sujeito que por motivos diversos busca construir a interpretação e a descrição de um fato que envolve perdas materiais e perdas simbólicas e, em determinados casos, também envolve o luto. Transitando por esses assuntos delicados, os autores do livro demonstraram rigor metodológico e sensibilidade nas abordagens que desenvolveram. O rigor metodológico pode ser observado em procedimentos como a definição das escalas espaciais contempladas em cada estudo; o cuidado com a caracterização das instituições e dos sujeitos participantes; o diálogo com a bibliografia e a descrição das fontes documentais consultadas. A sensibilidade, por sua vez, está presente no reconhecimento da importância das práticas de acolhimento produzidas no decorrer das enchentes de 2024

e na postura de respeito dos pesquisadores diante das experiências pesquisadas.

A articulação entre rigor metodológico e sensibilidade ganha uma dimensão especial no livro a partir do interesse dos pesquisadores pelo uso de escolas como espaços para acolhimento de pessoas vítimas das enchentes. Para os que conhecem o histórico das sucessivas enchentes no Rio Grande do Sul, a transformação de uma escola num espaço de acolhimento para os “desabrigados” pode parecer algo sem importância. Periodicamente ocorrem enchentes, e periodicamente determinadas escolas são usadas para receber famílias que abandonaram suas residências ou foram resgatadas pela Defesa Civil. Contudo, a importância que os sujeitos atribuem a um fato histórico não está condicionada à sua recorrência, e fatos novos tendem a provocar a ressignificação de situações vivenciadas no passado.

E, no caso específico das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, podemos inferir que a prática de acolhimento aos “desabrigados” ganhou novos significados, porque o número de atingidos foi sem precedente e porque a internet ampliou exponencialmente a capacidade de mobilização de auxílio humanitário. Conectadas pelas redes sociais da internet, pessoas de diferentes localidades do Brasil acompanharam o drama das enchentes no Rio Grande do Sul e colaboraram de diversas formas para o socorro das vítimas. Dentro desse contexto mais amplo, o livro ressalta a importância das práticas de acolhimento realizadas em ambientes escolares e provoca uma interessante reflexão que vou tentar sintetizar em duas perguntas: As experiências de acolhimento pertencem aos sujeitos diretamente envolvidos – os “desabrigados”, os voluntários e os funcionários do poder público – ou pertencem ao coletivo maior da sociedade? E seria possível pensar as interações produzidas durante o acolhimento como reconstruções identitárias?

Não pretendo responder as perguntas que elaborei porque entendo que as respostas devem ser construídas por cada leitor a partir do contato com a obra. Entretanto, considero oportuno ressaltar que o livro contempla discussões relevantes para o campo da História Ambiental, sobretudo porque coloca em pauta as complexas relações entre um evento climático extremo e as percepções sociais produzidas a partir do respectivo evento. Nesse aspecto, a História Ambiental recomenda a distinção entre uma enchente – fenômeno com temporalidade determinada pela oscilação no ní-

vel de um determinado corpo hídrico – e a memória social que pode ser construída a partir da mesma enchente.

Dito isso, quero finalizar o prefácio destacando dois motivos para parabenizar os autores do livro. O primeiro motivo diz respeito à minha condição de cidadão brasileiro natural de Novo Hamburgo, cidade localizada nas margens do rio dos Sinos. O segundo diz respeito à minha condição de historiador e professor. Como um cidadão e natural de uma das áreas atingidas, entendo que a enchente de 2024 deve ser interpretada como consequência de um padrão de ações antrópicas que não pode ser completamente desfeito, mas que pode – e deve – ser substituído por um padrão mais sustentável e mais comprometido com a justiça ambiental. E acredito que o livro aponta nessa direção. Como historiador e professor, reconheço a originalidade e a cientificidade do trabalho e tenho a expectativa de que os textos reunidos na obra encontrem interlocutores dentro e fora do Rio Grande do Sul.

*Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert*  
Corumbá, Mato Grosso do Sul  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



# **Reflexões sobre as enchentes no Rio Grande do Sul e as reconfigurações nas instituições escolares em auxílio às comunidades impactadas**

*José Edimar de Souza<sup>1</sup>  
Elisângela Dewes<sup>2</sup>*

## **Considerações iniciais**

O ano de 2024 marcou a história do Rio Grande do Sul e deixou resquícios que são significados de diferentes maneiras pelo povo gaúcho. Em uma ambivalência temos, de um lado, as experiências produtoras de um sentido doloroso, resultado da tragédia, da perda, da incerteza, da falta de segurança e até da confiança para um recomeço, sentimentos experimentados, representativamente, por aqueles que tiveram suas “vidas”, “suas histórias” e “seus alicerces” submersos ou levados pelas águas da enchente; em uma outra perspectiva, tivemos a possibilidade de experimentar ou ser tocados por vivências de solidariedade, nas tentativas de ajudar, de resgatar a dignidade, de humanizar as relações que pareciam desumanizadas e de construir uma passagem em meio à devastação deixada pela enchente para a esperança.

Apesar dos diferentes contextos atingidos, a catástrofe climática impôs um cenário semelhante, onde aqueles que não foram impactados ou que tinham alguma força para se doar ou para ajudar diante de tantas vidas abaladas e trajetórias perdidas passaram a tentar reescrever uma história

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Coordenador do projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), processo número: 24/2551-0002127-2, intitulado *Histórias da escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos*. E-mail: jesouza1@ucs.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação com estágio de pós-doutoramento em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS com bolsa PDTI/FAPERGS.

fundamentada na solidariedade. Esse certamente foi um dos grandes aprendizados das enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul. E as escolas, que carregam em sua essência o propósito de promover experiências educativas, geradoras de aprendizagem, não se afastaram desse legado; transformaram-se em espaços de acolhimento, de solidariedade, reforçando o seu papel social diante das comunidades afetadas.

É sobre esse contexto que escrevemos este estudo que se insere em uma perspectiva histórica. A partir de nosso encontro com as evidências dessas experiências, nesse recorte da história dessas instituições escolares apoiamos-nos na análise de documentos, de dados que emergem dos órgãos públicos e da imprensa gaúcha e brasileira; balizados ainda pelas reflexões de profissionais da educação que compartilharam suas ponderações sobre as reconfigurações realizadas nas instituições educativas para a promoção de ajuda aos que naquele momento necessitavam.

Teorico-metodologicamente nos apoiamos na História Cultural, temos o objetivo de entender as dimensões humanas e as práticas solidárias e educativas que puderam ser vivenciadas pelas instituições escolares, compreendendo que o

o institucional educativo e as instituições educativas, tal como são analisadas aqui, apresentam uma materialidade, uma representação/funcionalidade, uma apropriação/ideação. São construção histórica. Comportando relatividade, assinalam o tempo longo e a perspectiva estrutural a que conferem substância e sentido. Deste modo, as instituições educativas tornam-se objeto de uma observação histórico-pedagógica de dimensão macro (Magaalhães, 2018, p. 42-43).

Ao conceber as instituições educativas como construções históricas, reconhecemos que estão intrinsecamente vinculadas aos processos sociais e a estruturas simbólicas e materiais que ajudam a construir um sentido para as suas práticas. São espaços dinâmicos de disputa, apropriação e representação, condicionados pelos contextos culturais, políticos e econômicos. Portanto, a sua observação em uma dimensão histórica e pedagógica possibilita reconhecer as permanências e rupturas e promover reflexões quanto ao modo como determinadas práticas são legitimadas e ajudam a conferir novos sentidos à atuação da escola.

Este estudo tem como propósito reconhecer esse contexto da enchente, que foi de reconfiguração para as instituições educativas, investigando essa mobilização das escolas para a promoção de ajuda às comunidades afetadas. Buscamos também compreender algumas repercussões dessas prá-

ticas solidárias tanto sobre as instituições escolares, reconhecendo-as como agentes ativos de resistência e reconstrução social, quanto sobre as comunidades escolares.

Antes de seguirmos com as reflexões, entendemos ser relevante apresentar alguns dados que nos ajudam a contextualizar o cenário da catástrofe climática vivida pelo estado do Rio Grande do Sul. Em 30 de abril de 2024, as notícias dos impactos das fortes chuvas no estado gaúcho passam a ganhar maior projeção a partir da imprensa. Porém, a tragédia tem início poucos dias antes, em 27 de abril, quando principiam as fortes chuvas em algumas regiões do estado, como por exemplo na Serra Gaúcha, nas regiões dos Vales do Caí, do Taquari e do Rio dos Sinos, que resultaram no aumento do volume de água e no transbordamento de vários rios e afluentes que são interconectados e que deságuam no Lago Guaíba em Porto Alegre. Na Região Metropolitana, o Guaíba atingiu uma marca histórica de 5,37 metros – superior à da enchente do ano de 1941 (Enchentes no Rio Grande do Sul, 2025).

Os impactos em cada região pelo aumento do volume de chuvas foram devastadores; algumas cidades, como por exemplo Muçum – situada no Vale do Taquari, enfrentaram em menos de um ano a terceira situação de enchente. O Vale do Taquari foi uma das primeiras regiões atingidas com cidades que foram significativamente afetadas; o rio subiu cerca de 30 metros de uma forma muito abrupta, tomando localidades inteiras (Enchentes no Rio Grande do Sul, 2025). Na Serra Gaúcha, o volume intenso de chuvas resultou no deslizamento de terras e/ou no rompimento parcial de barragens, que levaram vidas, bens, negócios e histórias soterradas e carregadas pela enchente (Redação 1, 2024). O Vale do Rio dos Sinos também registrou um volume de água histórico, uma enchente maior do que aquela que atingiu a localidade no ano de 1965. O rio dos Sinos extravasou em várias cidades, inundando por exemplo municípios como São Leopoldo e afastando cerca de 180 mil pessoas de suas casas (Boni, 2024).

As estatísticas divulgadas pela Defesa Civil (Figura 1) poucos dias após o início das enchentes revelam a devastação: mais de 2 milhões de pessoas foram impactadas, sendo que 155 perderam sua vida; 94 estavam desaparecidas; 806 feridas; 82.666 foram resgatadas; 463 municípios foram impactados; 76.955 pessoas acolhidas em abrigos em um cenário de 540.626 desalojados (Redação 2, 2024).

Figura 1 – Excerto de matéria publicada na capa da *Exame* [on-line]



**exame.**

## Enchentes no RS: mais de 76 mil pessoas estão em abrigos; 155 mortes e 94 desaparecidos

Defesa Civil do Rio Grande do Sul divulgou novo levantamento às 9h deste domingo, 19

Porto Alegre: cidade sofre com inundações. (Ricardo Stuckert/Presidência da República/Divulgação)

**XM**  
15 YEARS  
#PROPAGANDA

Ganhe bônus de depósito de **10.500\$** para negociar na app XM  
Levantamentos instantâneos

**Depositar Já!**  
O seu capital está em risco. \*T&Cs aplicam-se

Fonte: Exame (2024, n.p.).

No que tange às instituições escolares, dados divulgados pelo governador Eduardo Leite, em coletiva de imprensa, apresentam um número de 144 escolas estaduais em um universo de 2.337 instituições severamente afetadas – 120 delas tiveram os prédios danificados; 22 escolas foram destruídas ou estavam situadas em áreas de risco e por isso não poderão ser reconstruídas nesses locais. Outras que não foram diretamente afetadas serviram como abrigo (Jacobsen, 2024, n.p.).

É preciso considerar ainda que uma parcela representativa de alunos, professores, profissionais e gestores das instituições de ensino também tiveram suas casas atingidas pela enchente e ainda que a rotina escolar foi prejudicada pela impossibilidade do trânsito até as instituições em virtude do impedimento de vias de acesso. Os impactos no campo da educação são

complexificados por diferentes fatores: infraestruturas das escolas afetadas; comunidade escolar impactada em sua vida pessoal; estruturas viárias e de transporte de municípios atingidos; espaços escolares transformados em abrigos para atender os afetados pelas enchentes.

No que se refere ao atendimento aos desabrigados, na metade do mês de maio de 2024 as informações do governo gaúcho, divulgadas pela imprensa, apresentam esclarecimentos sobre esses espaços. Na época, contabilizavam-se 722 abrigos temporários, montados para atender os impactados pelas chuvas e inundações. Esses espaços foram adaptados para atender as mais diferentes necessidades dos acolhidos, tais como a instalação de banheiros funcionais em 91,67% dos locais (1 para cada 25 pessoas); outros dados revelam que houve uma atenção para a criação de ambientes de lazer e convivência para crianças e adolescentes; cerca de 78,12% dos abrigos organizaram-se para essa oferta; em 62,5% dos abrigos houve a produção de alimentação no local; nos demais espaços de acolhimento, a alimentação chegava em formato de marmitas encaminhadas por outras instalações organizadas por voluntários para a preparação das refeições (Pontes, 2024).

Diante de um cenário caótico, abrigos temporários foram abertos para dar conta de acolher os números cada vez maiores de pessoas desabrigadas em todo o estado. Sem um histórico desse tipo de organização, apesar de experiências semelhantes, talvez com proporções um pouco menores, como foi o caso da cidade de Muçum, que pudessem servir de referência para essas instalações, o que se viu foi uma mobilização e a boa vontade de voluntários em diferentes localidades do estado, em espaços como os destinados à escolarização (Figura 2), para ajudar como era possível naqueles momentos.

Figura 2 – Excerto de matéria publicada pela CBN [on-line]

Menu Buscar CBN 100 anos SOS Rio Grande do Sul Entrar ESCUTE AO VIVO

## Colégio Júlio de Castilhos, maior escola pública do RS, funciona como abrigo durante enchentes

O colégio Júlio de Castilhos abriga 137 pessoas no momento. O trabalho é realizado por cerca de 250 voluntários fixos, membros da sociedade civil, e conta com apoio da prefeitura.

Por Bruno Teixeira — Porto Alegre  
15/05/2024 17h57 - Atualizado há um ano

f X S in



Colégio Júlio de Castilhos, maior escola pública do RS, funciona como abrigo durante enchentes — Foto: Bruno Teixeira/CBN

Fonte: CBN (2024, n.p.).

Abrigos foram abertos de forma emergencial; no início, para que as pessoas resgatadas de locais inundados ou com risco de deslizamento pudessem ser acolhidas. E apesar da ausência de um plano preventivo para essa organização, em pouco tempo, além das necessidades básicas, outras demandas significativas passaram a emergir, e esses espaços foram adaptados para ofertar outros serviços, buscando dar o suporte necessário a quem procurava amparo, como os voltados às questões de saúde mental e física. Se, por um lado, houve uma série de lacunas que precisam ser preenchidas,

como denunciaram os estudos de Leitão (2024) em relação à adaptação dos espaços de abrigos, especialmente para atender as especificidades de um público mais idoso, por outro, os indícios revelam que em um número significativo de abrigos houve a tentativa de oportunizar aos acolhidos serviços que transcendiam os relacionados a um espaço para dormir e à alimentação.

Nesse contexto, as instituições educativas em todo o estado gaúcho foram significativas para dar essa acolhida e mais outros suportes a comunidades que transpunham os limites de seu território, promovendo a reconfiguração não somente de seus espaços, mas do cotidiano escolar. Porque a enchente transformou “escolas em abrigos, com gestores e professores trabalhando como voluntários e salas de aulas servindo como quartos para famílias que perderam suas casas [...] somam-se a ginásios, igrejas e clubes para servir de abrigo temporário a milhares de pessoas [...]” (Soccomori, 2024, n.p). E é sobre esse tema que refletiremos na próxima parte do texto.

### **Do ensino ao abrigo: a reconfiguração das instituições educativas em um cenário de enchente**

Como mencionamos anteriormente, as instituições educativas são campos simbólicos, onde se partilham experiências e são construídos sentidos para as práticas na escola, mas também em sociedade. O exemplo do que foi experienciado a partir das enchentes no Rio Grande do Sul confirma esse papel da escola em uma dimensão de responsabilidade social e de uma educação solidária para a formação cidadã e para uma consciência sobre o bem-estar da coletividade. A escola que possibilita criar vínculos, memórias e sentidos sobre a formação de alunos e docentes também permite a construção de sentidos sobre a vida em coletividade, um papel que foi ampliado e ressignificado de uma forma representativa no cenário da tragédia.

Nessa perspectiva, apresentamos alguns dados e reflexões a partir de registros das memórias sobre essa atuação das escolas acolhendo, protegendo e se reinventando diante de um cenário de catástrofe. Ponderando sobre essas experiências que reafirmam a escola como um lugar de humanidade – onde mesmo em meio ao caos se construiu uma rede para promover a resiliência por meio do cuidado, da esperança e do apoio para a reconstrução de vidas. Compreendemos que “história e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de

olhar o real [...] falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade” (Pesavento, 2006, n.p.).

Nesse sentido, as memórias do diretor e professor de Educação Física da Escola Municipal Jacob Longoni de Canoas, visibilizadas por meio da imprensa, apresentam elementos que propõem entendimentos sobre essa reconfiguração do papel da escola e de seus agentes, sensibilizados pela situação não apenas da comunidade escolar, mas empáticos diante do estado emergencial do povo gaúcho; ponderações também sobre os possíveis sentidos atribuídos a essa reconfiguração. Do registro é possível entender a imprescindibilidade com que a escola se adaptou para atender o chamado da Secretaria da Educação, transformando, em poucas horas, os espaços escolares para acolher os desabrigados: “[...] mesas e cadeiras foram retiradas das dez salas de aula [...] Os colchonetes das aulas de Educação Física se tornam as primeiras camas do pernoite” (Saccomori, 2024, n.p.).

Os primeiros momentos do trabalho dão uma ideia do desafio assumido pelo corpo docente e até de possíveis impactos sobre uma cultura escolar consolidada pelo tempo, de um cotidiano cadenciado por normas e por práticas que visam um dado controle em um espaço sistematizado para amparar e apoiar frequentadores com rostos infantis e adolescentes. Esses agentes da escola precisaram adotar condutas que substituíam a regra pela urgência, amparando famílias inteiras com os seus pets; idosos sozinhos; vendo os ambientes, como por exemplo aquele antes ocupado para a prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, ser tomado como abrigo para pessoas e/ou animais de estimação. Todas as mudanças rápidas assumem novos sentidos, exemplificados em narrativas como a do diretor da instituição escolar:

Existe um momento de ruptura em que a gente para de chamar de escola e começa a chamar de centro de acolhimento. Pois é um trabalho completamente diverso do que se faz em uma escola. A sensação é de viver um outro mundo. Não enxergo meu local de trabalho como aquele de antes. A visão é completamente diferente, a responsabilidade é outra [...] temos pessoas acolhidas que perderam tudo, suas casas, seus bens, seus sonhos. Gente que lutou tanto tempo para comprar aquela casinha, agora vê tudo boiar no meio do lodo, da lama. A escola é a casa dessas pessoas, ainda que temporária. É quase uma situação de albergue, em que precisamos organizar desde horários de banho até a lavanderia. Não é uma colônia de férias, tem bastante tristeza [...] Tudo o que me preocupava antes agora ficou menor, sem sombra de dúvida. Como os desentendimentos das crianças no recreio: o que era fim da picada hoje é tão pequenininho [...] Muda completamente a perspectiva (Kauer, 2024, n.p.).

Na fala do diretor de que a “escola é a casa dessas pessoas” é possível entender o modo como o contexto em que a escola está inserida, e o vivido diante da situação de catástrofe, sensibilizou e contribuiu para que houvesse a construção de um novo sentido diante de premissas históricas sobre o papel social e para que novas atribuições fossem eleitas como prioridades pela instituição. A ponderação de Magalhães (2007, p. 72) parece-nos explicar essa capacidade da escola e de seus agentes de responder a essa nova realidade imposta a eles, valorizando e absorvendo demandas do contexto geográfico, social e cultural, porque a educação se traduz em subjetivação e integração progressivas, cuja objetivação se traduz na capacidade de criar e corresponder aos desafios da realidade através de uma resposta intelectual, adequada, reflexiva, responsável, comprometida.

Em todo o Rio Grande do Sul foram organizados quase 1.000 espaços de abrigo para acolher as pessoas impactadas pelas enchentes nas diferentes regiões do estado. Desse número total cerca de 200 abrigos foram montados em instituições educativas, municipais, estaduais e particulares, de educação infantil, ensino fundamental, médio, técnico e superior. A partir do censo promovido pelo poder público estadual nesses espaços de acolhimento, e de outros dados que emergem na imprensa, organizamos um quadro que apresenta o número de acolhidos separados nas diferentes cidades do RS (quadro 1). Destacamos que, diante de algumas supressões, adaptações e interpretações sobre as nomenclaturas das instituições, realizamos uma investigação por meio da internet para o ajuste dessa informação. Além disso, alguns abrigos não apresentam os dados sobre o número de acolhidos e, em outros casos, essa informação foi zerada no sistema do governo; entretanto, consideramos as indicações dos espaços entre a listagem de abrigos por entender que, diante do cenário de restrições, algumas dessas informações possam não ter sido encaminhadas para o levantamento, bem como alguns abrigos possam ter recebido desabrigados após a realização dessa estatística; hipóteses que são levantadas a partir do nosso contato com instituições educativas que acolheram pessoas da comunidade, mas cujos dados não aparecem no registro do censo. Bem como acreditamos que é possível que outras instituições de ensino tenham servido como abrigo, mas que essa informação não tenha sido registrada por alguma dificuldade imposta em virtude das circunstâncias da catástrofe.

Quadro 1 – Listagem e quantitativo de abrigos em todo o estado do RS

Região Administrativa	Cidade	Escola	Número total de acolhidos	Número de crianças e adolescentes	Número de crianças de 0 a 5 anos	Número de pessoas com Deficiência	Número de pessoas Idosas
Região Caxias do Sul	São Valentim do Sul	EMEF Francisco Marcolin	20				
Região de Lajeado	Capitão	Escola Municipal Alto Palmas	6	3	0	0	1
		Escola Municipal Linha Marinheira	8	5	3	0	0
	Arroio do Meio	ECEI São Paulo	25	3	0	1	4
	Encantado	EMEF Batista Castoldi	18	5	3	1	3
	Relvado	EEEB José Plácido de Castro	25	4	0	0	10
	Roca Sales	EMEI Crescendo Feliz	25	18	2	0	1
		EEEF Dom Pedro I	12	4	1	0	0
Região de Pelotas	Pelotas	ESEF – UFPEL	123	59	25	4	15
	Rio Grande	EMEF Profa. Wanda Rocha Martins	75	20	13	1	5
		EMEF João de Oliveira Martins	27	6	2	1	0
	São José do Norte	EMEF João de Deus Collares	51	9	1	6	16
Região de Porto Alegre	Montenegro	EEEF Adão Martini	86	10	0	1	8
		EE Dr. Paulo Ribeiro Campos	não foi registrado no site do governo	0	0	0	0
	Barão	EMEF Ludwig Kock	4	1	0	0	0
	Canoas	EEEM André Leão Puente	280	40	9	3	30
		ULBRA	6.350	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEF Duque de Caxias	102	35	15	5	18
		EMEF Erna Würth	313	85	30	12	29
		EMEF Guajuviras EMEF	264	72	14	20	15
		Professora Nancy Ferreira Pansera	233	73	22	8	23
		EMEF Carlos Drummond de Andrade	530	158	60	30	45

Escola e crise climática no Rio Grande do Sul. As enchentes de 2024

EMEI Professora Terezinha Tergolina	36	12	5	5	3
EMEF Erna Wurth/CAIC	313	85	30	12	29
EEEM Professora Margot T. N. Giacomazzi	200	50	18	7	13
EMEI Caramelada	31 pessoas c/ transtorno autista	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
Colégio Estadual Marechal Rondon	325	60	15	15	30
EEEM José Gomes de Vasconcelos Jardim	90	56	40	2	9
EEEF Planalto Canoense – Olaria	82	28	3	2	8
EEEF Vasco da Gama	130	26	5	1	20
EMEF Imão Pedro	180	57	12	3	30
EMEF Rondônia	107	35	15	2	16
Colégio Espírito Santo	50	15	5	1	7
EMEF Ildo Meneghetti	80	20	2	2	14
Colégio Estadual Miguel Lampert	120	20	8	3	20
EEEF Cel. Vicente Freire	58	20	7	8	3
Colégio Maria Auxiliadora	131	20	5	0	15
EMEF Castelo Branco	121	29	8	1	19
EMEF Paulo Freire	468	150	18	37	38
EMEF Jacob Longoni	110	30	6	4	25
Escola Adventista de Canoas	162	42	0	0	26
EMEI Vó Corina	80	12	3	5	25
Colégio Estadual Jussara Polidor	269	65	8	30	22
Escola O Acadêmico	17	7	2	0	0
EEEM Érico Veríssimo	142	27	15	6	15
Colégio Ulbra Cristo Redentor	80	20	6	0	15
EMEF Governador Walter Peracchi de Barcellos	200	48	15	12	15
Instituto Federal	333	87	20	10	23

SOUZA, J. E. de; DEWES, E. • Reflexões sobre as enchentes no RS e as reconfigurações nas instituições escolares em auxílio às comunidades impactadas

		EMEF Arthur Oscar Jochins	135	38	0	3	12
		Colégio Estadual Miguel Lambert	200	20	6	30	120
		EEEI Marione Leite	23	0	0	0	0
		EMEF Prefeito Edgar Fontoura	110	20	8	27	30
		Unilasalle	480	80	30	28	200
	Charqueadas	EMEF Professora Maria de Lourdes Freitas de Andrade	7	0	0	0	0
	Eldorado do Sul	EMEF Octávio Gomes Duarte	185	0	0	3	1
		EEEM Roseli Correia da Silva	9	3	0	0	3
		EMEF David Riegel Neto	132	27	12	9	6
		EMEF Paraná	100	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
	Esteio	EMEB Eva Karnal	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEB Dulce de Moraes	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEB Luiza Silvestre de Fraga	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEB Maria Cordélia Simon Marques	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEI Aprender Brincando	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEB Ezequiel Nunes Filho	118	32	12	1	11
		EMEB Edwiges Fogaça	116	15	2	2	34
		EMEB Oswaldo Aranha	88	19	10	0	9
		EMEB Vitória Fabre	103	28	11	0	5
		EEEF Tomé de Souza	82	5	4	3	16
	Gravataí	EMEF Professora Olenca Valente	108	31	20	1	2

Escola e crise climática no Rio Grande do Sul. As enchentes de 2024

	Guaíba	ULBRA	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEI Nossa Senhora de Fátima	88	25	10	4	18
		EMEF José Carlos Ferreira	129	38	16	0	12
		EMEF Coronel Frederico Link	115	12	5	7	30
		EEEM Nestor de Moura Jardim	50	0	0	0	0
		EMEF Breno Guimarães	53	14	8	2	5
		EMEF Inácio de Quadros	57	9	2	1	15
		EMEF Amadeu Bolognesi	136 registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EMEF Senador Teotônio Brandão Vilela	40	7	1	1	5
		EMEF Anita Garibaldi	69	16	4	3	7
		EMEI Amélia Consuelo	87	16	4	2	12
		EMEF São Francisco	57	14	4	1	8
		EMEF Arlindo Stringhini	222	34	0	11	26
		EMEF Gastão Leão	54	14	3	2	6
		IE Dr. Carlos Augusto de Moura e Cunha	150 registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
	Nova Santa Rita	EMEF Miguel Couto	78	11	0	2	9
		EMEF Rui Barbosa	12	0	0	0	0
		EEEE Barão de Teresópolis	76	15	2	12	18
		EMEF Santa Rita de Cássia	116	48	20	0	13
		EMEF 13 de maio	18	5	0	1	3
		EMEF Álvaro Almeida	64	0	0	0	0
		EMEF José Bonifácio	11	3	0	0	2
		EMEI Paulo Freire	43	13	42	2	13
	Novo Hamburgo	Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha	Não foi registrado no site do governo	17	0	0	5

SOUZA, J. E. de; DEWES, E. • Reflexões sobre as enchentes no RS e as reconfigurações nas instituições escolares em auxílio às comunidades impactadas

		Colégio Marista Pio XII	Não foi registrado no site do governo	0	0	0	0
		Colégio Sinodal	Não foi registrado no site do governo	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		Instituto Estadual Seno Frederico Ludwig – CIEP Novo Hamburgo	268	1	0	0	0
		CIEP Canudos	86	33	0	2	8
	Parobé	EMEF Prof. Noemy Fay dos Santos	130	40	0	10	15
	Porto Alegre	Colégio Estadual Júlio de Castilhos	128	8	1	4	16
		EEEM Dom Henrique	Não foi registrado no site do governo	0	0	0	0
		EMEEF Elyseu Paglioli	100	20	6	2	10
		EMEF Jean Piaget	106	30	0	2	8
		EMEF Grande Oriente	256	50	8	5	60
		EEEF Luciana de Abreu	22	11	0	1	3
		EEEE Gomes Carneiro	136	28	6	3	15
		PUC RS (Parque Esportivo)	258	88	29	10	35
		EEEF Bento Gonçalves	43	10	0	2	7
		UNIRITTER Campos Fapa	157	44	0	5	38
		EEI São Francisco 2	118	14	6	3	20
		EEEF Ana Neri	95	35	0	2	7
		Colégio Santa Dorotéia	350	84	74	3	70
		UNIRITTER	126	33	0	4	16
		EEEF Aurélio Reis	85	3	5	0	3
		EEEF Gen. Ibá Ilha Moreira	8	2	0	2	0
		EEEM Santos Dumont	104	43	0	1	25
		EMEF Aramy Silva	100	30	0	3	25
		EMEF Rafael Pinto Bandeira	76	25	0	2	3
		Colégio Marista Assunção	57 registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro

Escola e crise climática no Rio Grande do Sul. As enchentes de 2024

		Escola Nossa Sra. do Cenáculo	70	14	6	3	11
		ESEFID UFRGS	584	180	84	0	0
		Colégio Marista Rosário	130	45	20	0	30
		EEl Descobrimdo o Saber	15	5	2	0	30
		EMEF Porto Alegre	100				
		EEEF Jerônimo de Albuquerque	34	13	0	4	5
		Escola São Francisco	220	55	13	2	0
		Colégio Nossa Sra. do Bom Conselho	47	8	3	3	10
		Instituto São Francisco Paloti	80	7	0	1	9
		Col. Mãe de Deus	111	26	7	3	19
	São Jerônimo	EEEF Dr. José Athanásio	40	21	9	0	4
		EEEF Thomás Alva Edison	27	6	1	0	6
		EMEF Epitácio Pessoa	8	2	0	0	2
	São Leopoldo	IEE Professor Pedro Schneider	32	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		Colégio Sinodal	162	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		Unisinós	1.500	300	0	15	100
		Colégio São José	3	0	0	0	0
		EMEF Zaira Hauschild	30	9	0	2	4
		Colégio São Luis	2	0	0	0	0
		EEEM Polisinós	88	30	0	0	10
		EMEF Dr. Paulo Couto	20	9	3	0	0
		EMEF Gusmão Britto	112	12	0	1	10
		EMEF Prof. João Carlos Hohendorff	270	25	15	4	40
		EMEF Paul Harris	63	16	6	0	4
		EMEI Jardim Verde	36	19	0	0	1
		EMEF Irmão Weibert (somente PETs)	Abrigo pets	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
		EEIP Maior Pintor do Mundo	8	2	1	1	3
		EEIP Universo da Criança	2	0	0	0	0
		EEl Crianças Jedídias	12	2	0	0	0

		CEI Recanto da Criança	70	20	7	0	3
		EEIP Aquarela Kids	25	3	2	1	1
		EEEF Mal. Ilha Moreira	25	1	0	0	1
		EEEM Cristo Rei	45	13	4	0	7
		EEEM Prof. Haydee Mello Rostirolla	48	19	6	0	1
		EEEM Caic Madzatti	80	30	0	2	10
	Sapiranga	EMEF Anita Lydia Wingert	8	3	0	0	0
		Centro Municipal de Educação Dr. Décio Gomes Pereira	23	9	0	1	3
	Sapucaia do Sul	EMEF Hugo Gerdau	232	67	14	9	21
		EMEF Otávio Silveira	420	129	40	4	11
	Taquara	EEEM Willybaldo Bernardo Samrsla (CIEP)	117	37	11	1	12
		Centro Sinodal de Ensino Médio Dorothea Schafke – unidade 1	38	4	2	0	4
	Três Coroas	EMEF Frederico Ritter	Não foi registrado no site do governo	0	0	0	0
		EMEF Balduino Robinson	Não foi registrado no site do governo	0	0	0	0
		EME Marechal Cândido Rondon	Não foi registrado no site do governo	60	15	15	30
	Triunfo	EEEM Afonso Machado Coelho	33	11	6	0	2
		EMEM Josué Machado dos Santos	108	27	10	65	18
		EMEF Manoel Luiz Kuhn	100	23	0	5	18
		EMEF Serafim Ávila	79	0	0	13	61
		Escola Técnica Municipal Farroupilha	120	30	2	2	30

		EMEM Liberato Salzano Vieira da Cunha	63	17	0	0	5
	Viamão	EEEM Farroupilha	38	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
Região de Santa Maria	Cachoeira do Sul	EEEF Rio Jacuí	57	16	5	1	9
	Dona Francisca	EMEF Antônio Luiz Barchet	70	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
Região de Soledade	Candelária	EEEM Olavo Bilac	Abrigo – divulgado	Não há registro	Não há registro	Não há registro	Não há registro
	General Câmara	EMEF Maria José de Freitas	16	8	0	3	0
	Rio Pardo	EEEF Nossa Senhora Aparecida	23	12	4	0	2
		EEEF Dr. Pedro Alexandrino de Borba	28	13	0	0	2
Região Administrativa de Uruguaiana	Uruguaiana	EEEM Dom Hermeto	71	16	0	0	0
		Instituto Estadual de Educação Elisa Ferreira Valls	90	23	0	0	0
	Alegrete	EMEB Eurípedes Brasil Milano (Ginásio)	16	Sem registro	Sem registro	Sem registro	Sem registro
		IEE Oswaldo Aranha (Ginásio)	71	Sem registro	Sem registro	Sem registro	Sem registro
		Instituto Rural Metodista – IRMA	Não foi registrado no site do governo	Sem registro	Sem registro	Sem registro	Sem registro

Fonte: Organizado pelos autores (2025) com base em Rio Grande do Sul (2024).

Diante desses números reforçamos a nossa crença de que as instituições educativas, mesmo sem ter sido preparadas para assumir a função desempenhada, além de uma resposta à situação de emergência expressaram as dimensões pedagógicas, políticas e éticas imbricadas em sua constituição como espaço para a formação escolar, bem como em sua constituição como espaço para a formação cidadã. Elas demonstram a representatividade das instituições educativas como espaços de abrigo; ao olharmos para as estatísticas acerca dos acolhidos e para o número de pessoas abrigadas nas escolas, chegamos aos seguintes números: de um total de 69.415 acolhidos 24.977 pessoas foram atendidas por instituições educativas. Ainda temos as seguintes estatísticas: de 15.049 crianças e adolescentes 4.316 passaram pelas instituições de ensino; das 3.930 crianças menores de cinco anos 1.145

estiveram em espaços escolares; de 2.042 pessoas com deficiência 651 passaram pelos espaços de acolhimento montados em instituições educativas; e, por fim, de 7.457 idosos atendidos 2.258 receberam cuidados nos espaços de ensino.

O exemplo das enchentes foi uma aproximação a concepções historicamente associadas à escola em diferentes tradições pedagógicas, que conceberam as instituições educativas como espaços que interagem de forma comprometida com o meio social, promovendo mudanças significativas na sociedade. Talvez, com a distinção de que essas vivências durante as enchentes estivessem mais pactuadas com uma prática social para o resgate da dignidade humana do que com planos e projetos político-partidários, como os indícios dessas transformações pedagógicas em diferentes momentos históricos nos mostram.

Essas reconfigurações que foram “impostas” à escola pelos elementos de catástrofe, sentimentos de humanidade e solidariedade, são profundas. Não foram somente espaços ocupados por outros sujeitos, diferentes daqueles que habitualmente frequentam as salas de aula, ou novas funções desempenhadas por gestores, professores e alunos das instituições; a emergência fez com que “lugares” tradicionalmente concebidos, institucionalizados, fossem atravessados por um movimento, mesmo que temporário, de práticas de uma vida cotidiana, da inventividade dos sujeitos diante do colapso de comunidades inteiras e de novas operações que passam a orientar o cotidiano escolar, modificando-o, tornando-o território de acolhimento e também de práticas exercitadas fora do espaço escolar (Certeau, 2005).

Esses números são indícios da centralidade das instituições educativas em ações de enfrentamento à crise instaurada em virtude da catástrofe climática. Quase um terço dos desabrigados encontrou refúgio nesses espaços tradicionalmente destinados à educação. Soma-se a essa representatividade outra frente solidária que se formou em várias escolas gaúchas com a arrecadação de diferentes bens necessários para tentar criar um “cotidiano” não igual, mas que lembrasse aquele vivido em casa, tais como: alimentos, produtos de higiene, brinquedos, roupas, etc. A exemplo do que foi realizado pelo Colégio Farroupilha de Porto Alegre, com campanhas em dois momentos distintos, a primeira para a coleta e destinação de bens necessários nos diferentes abrigos montados como os da região metropolitana de Porto Alegre e no Vale do Rio dos Sinos; e, em um segundo momento, com a arrecadação de recursos que foram investidos na compra de ele-

trodomésticos e outros materiais para famílias de professores e profissionais da rede pública de ensino atingidos pela enchente (Colégio lança..., 2024). Ou ainda como a organização da Universidade de Caxias do Sul com a arrecadação de donativos e do preparo de sanduíches por professores, profissionais e alunos, que foram distribuídos aos desabrigados em cidades da Serra Gaúcha e na região metropolitana de Porto Alegre (Assessoria de Comunicação, 2024).

O trabalho de coleta e doação também foi significativo para tentar, em meio ao caos, criar um ambiente que acolhesse, mas que também fosse capaz de aliviar a tensão e a dor diante da perda. Um exemplo foi o espaço organizado na Escola Duque de Caxias em Canoas destinado às crianças – uma sala equipada com brinquedos e materiais da escola e de doações da comunidade, como rememora o coordenador do abrigo Rhenan Santos (2024):

É claro que todos nós sentimos pelo que está acontecendo, mas as crianças sentem em um nível muito profundo e até com dificuldade de compreender a situação. Às vezes, tudo o que as crianças precisam é de um momento para brincar e serem crianças, sem se preocupar tanto com tudo isso.

Essa organização mostra também como a dimensão pedagógica foi considerada apesar de tantas necessidades, da urgência da situação das famílias; houve um olhar sensível e de reconhecimento dos direitos da criança e de suas necessidades; a natureza das instituições, de sua essência na promoção da educação, não deixou de falar alto. Esses espaços para a recreação estão acordados com a ideia de que a brincadeira é uma forma de educar e, diante da situação enfrentada, constituiu-se em uma maneira para reelaborar a realidade vivida, ressignificando a dor na tentativa de recuperar um sentido de “normalidade”. Essas experiências ajudam com reflexões de que os abrigos-escola se reafirmam como lugares de proteção e de desenvolvimento; ambientes onde o cuidar, o resistir e o reconstruir transformam-se em experiências geradoras de conhecimento tanto para os acolhidos como para a comunidade escolar que trabalhou como voluntária.

## **Considerações finais**

A catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024 escancarou as vulnerabilidades sociais, mas também evidenciou a potência das instituições escolares como espaços de acolhimento, proteção e ressignificação da vida. A análise empreendida neste estudo permitiu evidenciar

que, diante da catástrofe, as instituições escolares desempenharam um papel central para a oferta de abrigo e também de atenção a ações voltadas para a resiliência das comunidades impactadas e para as necessidades psicopedagógicas de suas crianças. Mantiveram viva a sua essência, reorientando práticas e valores para atender as necessidades imediatas da população atingida. Ao serem reconfiguradas como abrigos, as escolas ainda ultrapassaram a sua função tradicional de promover a construção de conhecimento e passaram a operar como lugares de solidariedade, reafirmando seu vínculo com as comunidades e sua representatividade na construção das trajetórias históricas, culturais e sociais da sociedade.

As reconfigurações não foram feitas somente nos espaços físicos das instituições a fim de acolher os desabrigados; elas aconteceram sobre esses voluntários que atuaram nos abrigos – professores, gestores do ensino, alunos, comunidades escolares, quando não impactados diretamente pela passagem das águas das enchentes, foram afetados pelas muitas histórias de perda, pelas demonstrações de afeto e carinho daqueles que recebiam um pouco de conforto; suas trajetórias também foram marcadas, suas vidas transformadas pela experiência nas ações solidárias. As memórias que possivelmente emergem no retorno à escola, no encontro com os alunos, no trânsito pelas salas agora com as classes e cadeiras, mas que antes foram ocupadas por colchões, colaboram para a construção de outros sentidos para aqueles espaços, para o seu papel. No tempo da catástrofe responderam de forma inventiva e humanitária aos desafios, confirmando que a escola é um lugar de promoção de resistência.

A escola após a enchente também precisou se reconfigurar para dar conta de uma realidade de insuficiências no campo da educação, que são históricas, mas que são amplificadas em situações como as das enchentes. Provavelmente os impactos da catástrofe climática levarão algum tempo para ser sentidos e para ser revertidos. Além das estruturas físicas afetadas, a comunidade escolar também foi abalada. O retorno à rotina escolar após um período significativo longe da escola apresenta impactos no desenvolvimento do ensino. São outros desafios que se apresentam aos gestores, professores e estudantes, que novamente precisarão mobilizar práticas inventivas e dinâmicas para correr atrás do prejuízo.

Diante de todo o cenário vivenciado por esses sujeitos e do que ainda se apresenta no presente impõe-se uma reflexão urgente: a necessidade da formulação de políticas públicas que valorizem e preparem as instituições

escolares para enfrentar futuras situações de emergência. Se mesmo diante do caos as escolas demonstraram capacidade de acolher, atender a múltiplas demandas e contribuir para a reafirmação da dignidade das comunidades afetadas, questionamo-nos: de que mais não seriam capazes caso fossem devidamente estruturadas e reconhecidas para desempenhar também esse papel ampliado?

## Referências

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. **Universidade de Caxias do Sul realiza ações de auxílio às vítimas da chuva no Estado**. Site Universidade de Caxias do Sul. 2 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/noticias/universidade-de-caxias-do-sul-disponibiliza-ponto-de-arrecadacao-de-donativos/>. Acesso em: 16 maio 2025.

AULAS esvaziadas e bairros abandonados: o impacto da enchente no interior do RS. **CPERS**. 15 de maio de 2024. Disponível em: <https://cpers.com.br/mais-de-40-das-escolas-estaduais-do-rs-foram-afetadas-pelas-enchentes/>. Acesso em: 14 maio 2025.

BONI, Mathias. Prestes a completar 200 anos, São Leopoldo terá de ser reconstruída: “Maior tragédia da história”. **Zero Hora**. Notícias. 8 de maio de 2024. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/prestes-a-completar-200-anos-sao-leopoldo-tera-de-ser-reconstruida-maior-tragedia-da-historia-clvyjykf1001p01d064m8njkm.html>. Acesso em: 12 maio 2025.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

COLÉGIO lança campanha de arrecadação de recursos para profissionais da educação. Colégio Farroupilha. **Site Colégio Farroupilha**. 10 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.farroupilha.g12.br/novo/colégio-lanca-campanha-de-arrecadacao-de-recursos-para-profissionais-da-educacao/>. Acesso em: 16 maio 2025.

ENCHENTES no Rio Grande do Sul escancararam a crise do clima. **COP30**. 6 de maio de 2025. Disponível em: <https://cop30.br/pt-br/noticias-da-cop30-amazonia/enchentes-no-rio-grande-do-sul-escancararam-a-crise-do-clima>. Acesso em: 13 maio 2025.

JACOBSEN, Gabriel. Maioria das escolas estaduais não sofreu danos; 144 instituições foram muito afetadas pela enchente. **Zero Hora**. 4 de junho de 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/educacao-basica/noticia/2024/06/maioria-das-escolas-estaduais-nao-sofreu-danos-144-instituicoes-foram-muito-afetadas-pela-enchente-clx0w7ib1002n01d0fwpsdjanj.html>. Acesso em: 14 maio 2025.

LEITÃO, Elenara Stein. Adaptando espaços para idosos em abrigos. In: **Perdi tudo, e agora?** Porto Alegre: Edição Autores, 2024.

MAGALHÃES, Justino. A instituição educativa na modernização do local. Perspectiva histórico-pedagógica. **Revista di storia dell'educazione**, n. 1, p. 41-55, 2018.

MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. **Educação Unisinos**, 11(2), p. 69-74, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5694/2895>. Acesso em: 10 maio 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. Palavras para crer – imaginários de sentido que falam do passado. Mesa-Redonda. In: **II Seminário de estudos em análise do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

PONTES, Felipe. Passa de 700 o número de abrigos temporários no Rio Grande do Sul. **Agência Brasil**. 12 de maio de 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/passa-de-700-o-numero-de-abrigos-temporarios-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 12 maio 2025.

REDAÇÃO1. Enchente rompe parcialmente barragem na Serra Gaúcha. **Brasil de fato**. 2 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/02/enchente-rompe-parcialmente-barragem-na-serra-gaucha/>. Acesso em: 14 maio 2025.

REDAÇÃO2. Enchentes no RS: mais de 76 mil pessoas estão em abrigos; 155 mortes e 94 desaparecidos. **Exame**. 19 de maio de 2024. Disponível em: <https://exame.com/brasil/situacao-rio-grande-do-sul-19-de-maio-2024/>. Acesso em: 12 maio 2025.

RIO GRANDE DO SUL. **Censo sobre os Abrigos Provisórios no Estado do Rio Grande do Sul**. Período da Coleta das Informações: De 10/05/2024 a 10/06/2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNWQ3MDFINGQtMDJiZS00NDU2LWFljMTYtNTBiNjhhkODlkNTY0IiwidCI6IjE1ZGNkOTA5LThkYzAtNDBIOS1hMWU1LWNIY2IwNTNjZGQxYSJ9>. Acesso em: 16 maio 2025.

SANTOS, Rhenan. Entrevista de coordenador de abrigo. In: AMARAL, Gabriel. **Escolas municipais das áreas secas são utilizadas como pontos de acolhimento**. Prefeitura de Canoas. Educação. 29 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/escolas-municipais-das-areas-secas-sao-utilizadas-como-pontos-de-acolhimento/#:~:text=Com%20as%20fortes%20chuvas%20e%20a%20enchente,lado%20Leste%2C%2017%20são%20utilizadas%20para%20abrigar>. Acesso em: 16 maio 2025.

SOCCOMORI, Camila. Tragédia climática no Rio Grande do Sul reconfigura o papel das escolas. **Porvir**. 5 de junho de 2024. Disponível em: <https://porvir.org/tragedia-climatica-rs-papel-das-escolas/#:~:text=Enchentes%20transformaram%20o%20papel%20das%20escolas>

20escolas%20em%20abrigos,fam%C3%ADlias%20que%20perderam%20suas%20casas&text=Maio%20de%202024%20entrar%C3%A1%20para,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul. Acesso em: 14 maio 2025.

KAUER, Marcelo Barnetche. Depoimento de professor da Escola Municipal Jacob Longoni. In: SOCCOMORI, Camila. Tragédia climática no Rio Grande do Sul reconfigura o papel das escolas. **Porvir**. 5 de junho de 2024. Disponível em: <https://porvir.org/tragedia-climatica-rs-papel-das-escolas/#:~:text=Enchentes%20transformaram%20escolas%20em%20abrigos,fam%C3%ADlias%20que%20perderam%20suas%20casas&text=Maio%20de%202024%20entrar%C3%A1%20para,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul>. Acesso em: 14 maio 2025.

# Escolas-abrigo e aprendizagens construídas a partir das enchentes de maio de 2024

*Márcia Regina da Silva<sup>1</sup>  
Hildegard Susana Jung<sup>2</sup>*

## Considerações iniciais

Iniciamos contextualizando brevemente as enchentes de maio de 2024, que mobilizaram o Rio Grande do Sul e o país no auxílio às pessoas desabrigadas. A imprensa<sup>3</sup> acompanhou o crescente número de abrigos temporários que foram sendo constituídos emergencialmente a fim de dar suporte mínimo aos mais necessitados. Destacaram, na ocasião, que 478 municípios do estado foram atingidos, considerando a totalidade de 497.

Em reportagem<sup>4</sup> do canal *Porvir* foi abordada a transformação de escolas em abrigos, assim como ginásios, igrejas e clubes. Em depoimento, o diretor de uma escola municipal de Canoas/RS ressaltou que o impacto causado pela tragédia climática afetou a comunidade escolar em distintas perspectivas: do econômico ao emocional e psicológico.

A partir desse contexto, o objetivo do presente capítulo consiste em discutir as aprendizagens construídas a partir das enchentes de maio de 2024 em duas escolas públicas municipais, situadas no município de Esteio, as quais serviram de abrigo durante a catástrofe climática. A metodologia de abordagem qualitativa fez uso de entrevistas semiestruturadas com dois diretores de escolas-abrigo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade La Salle. Professora na rede municipal de Esteio. E-mail: sme.maresiasol@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Coordenadora do PPG em Educação e Professora na Universidade La Salle. hildegard.jung@unilasalle.edu.

<sup>3</sup> Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/passa-de-700-o-numero-de-abrigos-temporarios-no-rio-grande-do-sul>.

<sup>4</sup> Fonte: <https://porvir.org/tragedia-climatica-rs-papel-das-escolas/#:~:text=Enchentes%20transformaram%20escolas%20em%20abrigos,fam%C3%ADlias%20que%20perderam%20suas%20casas&text=Maio%20de%202024%20entrar%C3%A1%20para,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul>.

Em relação à pesquisa qualitativa, Boni e Quaresma (2005) pontuam que essa investigação objetiva ações de observar, descrever, registrar e analisar a fim de construir interpretações a partir do contexto estudado. No que diz respeito às entrevistas semiestruturadas, Manzini (2012) ressalta que para estudar um fenômeno com uma população específica a indicação é um roteiro com perguntas abertas, em que aconteça flexibilidade na sequência da apresentação das questões ao entrevistado e que este possa realizar perguntas complementares para melhor compreensão do fenômeno em pauta.

A análise dos dados seguiu uma perspectiva hermenêutica (Gadamer, 1997), a qual permite uma interpretação da realidade em que é habitual dizer que “levamos” uma conversação, mas na realidade é que quanto mais fidedigna ela for menos chance os interlocutores têm de “levá-la” na condução que pretendiam. Na verdade, a conversação de modo autêntico nunca é aquela que gostaríamos de realizar. O que seria mais adequado dizer é que chegamos a uma conversação quando não nos emaranhamos nela. E ainda, o que “sairá” de uma conversação não poderá ser antecipado. Desse modo, compreendemos que vivenciar a análise hermenêutica é entender que os diálogos irão sendo construídos sem uma previsão do caminho que será percorrido e sim de observação e interpretação.

Gadamer (1997) defende que o que pode ser entendido define-se como linguagem. O acontecimento hermenêutico devolve aqui a sua totalidade à composição relativa do compreendido, quando a estabelece, de modo universal, como linguagem e define sua referência ao ente como ação interpretativa. Portanto, não se refere apenas a uma linguagem da arte, mas ainda a uma linguagem da natureza, incluindo também uma linguagem que as coisas desempenham. Sendo assim, a perspectiva hermenêutica reflete a linguagem, a realidade, articulando sua movimentação. Busca analisar os dados, objetivando avanços para além do que foi coletado, compreendendo dessa forma que tudo está inserido num mundo histórico específico, o que impossibilita uma reflexão conclusiva do conhecimento de determinado contexto.

No que diz respeito à arquitetura do texto, após a presente introdução apresentamos o desenvolvimento, que inicia contextualizando a pedagogia de emergência desde a sua criação a nível mundial, depois no Brasil e ainda acerca de sua atuação no Rio Grande do Sul. Em seguida, refletimos sobre a importância do diálogo, da acolhida e da amorosidade no enfrentamento de situações de crise. A seguir constam as vozes do campo empírico,

em que aparecem os diálogos, as reflexões dos entrevistados diante das vivências e das aprendizagens construídas na condição de diretores de escolas municipais que se tornaram abrigos. Para concluir, apresentamos as considerações finais e, na sequência, as referências utilizadas.

## **Desenvolvimento**

Neste tópico, iniciamos com algumas considerações a respeito de possibilidades de aprendizagem e saberes que se constroem colaborativamente a partir de momentos de crise.

### **A pedagogia de emergência**

A pedagogia de emergência<sup>5</sup> foi criada em 2006, quando Bernd Ruf, professor alemão especializado em crianças com deficiência, esteve no Líbano em meio à guerra entre Israel e o Hezbollah para acompanhar o repatriamento de 21 jovens libaneses. Considerando a sua experiência, Ruf sabia que, nas fases iniciais do trauma, é relativamente fácil ajudar uma criança a superar uma experiência difícil e incorporá-la de forma positiva à própria biografia, mas, se demorar muito, o trauma poderá tornar-se crônico, e o trabalho torna-se mais difícil e as sequelas, mais graves.

O professor retornou para a Alemanha e, algumas semanas depois, embarcou novamente para Beirute, acompanhado de um grupo de pedagogos e terapeutas empenhados em utilizar os recursos da Pedagogia Waldorf<sup>6</sup> para contribuir na cicatrização de feridas emocionais das crianças e jovens da região. Nascia assim o primeiro impulso da pedagogia de emergência.

No Brasil, no ano de 2012, Reinaldo Gianfelice Nascimento e outros profissionais interessados na pedagogia de emergência uniram-se para es-

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://pedagogiadeemergencia.org/sobre-a-pedagogia.html>.

<sup>6</sup> A Pedagogia Waldorf é um método de ensino que tem como base os princípios da filosofia antroposófica, que enxerga o ser humano em três dimensões: física, anímica e espiritual. As escolas Waldorf não são instituições apenas conteudistas, elas buscam o desenvolvimento holístico dos estudantes. Para isso, associam habilidades corporais, cognitivas e emocionais. Todo o plano de ensino segue as fases do desenvolvimento humano. A Pedagogia Waldorf divide essas fases em três, cada uma com sete anos de duração, os setênios. Os alunos, nessa metodologia, têm os seus ritmos de aprendizagem respeitados. A visão sobre cada estudante é individual, e os talentos e habilidades de cada um são tratados de forma única. Fonte: <https://www.clipescola.com/pedagogia-waldorf/>.

trutar um grupo de atuação no país. Embora o Brasil não viva uma guerra declarada, milhões de crianças enfrentam diariamente todo tipo de abuso e lidam com as consequências da violência urbana, que mata mais do que o conflito sírio. Isso sem contar os desastres ambientais provocados pelo homem, como o de Mariana (MG), que desestabilizam as vidas de milhares de famílias anualmente. Tais fatores, muitas vezes somados a questões de vulnerabilidade social, geram traumas profundos, que exigem cuidado especializado.

Em julho de 2016, o grupo concluiu seu processo de formalização e deu origem à Associação da Pedagogia de Emergência no Brasil. Em reportagem<sup>7</sup> do dia 27.05.2024 foi relatado que a Pedagogia de Emergência atendeu crianças que vivenciaram uma situação dramática com a tragédia no Rio Grande do Sul por conta das fortes chuvas desde o início de maio de 2024. Segundo o cofundador da Associação Pedagogia de Emergência, Reinaldo Nascimento, além da problemática que paralisou o estado e que necessitou de um trabalho reconstrutivo, um tratamento específico direcionado às crianças foi necessário. Planejaram ficar no Rio Grande do Sul uns 30 dias, atuando em vários abrigos, permanecendo por três dias em cada um, pois a demanda foi enorme, sendo mais de 700 abrigos. Conviveram nesses dias com as mesmas crianças, os mesmos pais, os mesmos voluntários, a fim de que eles pudessem prosseguir o trabalho. Também aconteceu uma atividade voltada diretamente aos voluntários, que, apesar de estarem muito engajados, adoecem por interagir com crianças e adultos traumatizados, pois se trata de um trabalho cansativo. Com relação às crianças, muitas ficaram confusas por estar no ambiente escolar em tempo integral. A ideia da equipe da Pedagogia de Emergência é acompanhar todo esse processo até que o estado se recupere, prevendo o período de um ano.

## **O diálogo, a acolhida e a amorosidade**

O diálogo, a acolhida e a amorosidade podem ser considerados premissas para enfrentar situações inesperadas, que nos direcionam para ações possíveis e transformadoras. Conforme Freire (2014), o gosto por ser gente é viver entre a possibilidade, assim como a dificuldade de mudar. É vivenciar

---

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/27/pedagogia-de-emergencia-atende-criancas-que-passaram-por-situacao-traumatica-com-tragedia-no-rio-grande-do-sul/>.

o debate de poder e não poder que agrada a minha atuação no mundo, de um ser que é, ao mesmo tempo, objeto da História e que por meio desse reconhecimento pode vir a ser sujeito dessa História. Ou seja, esse movimento possível de ultrapassar a situação de objeto e alcançar a posição de sujeito fazedor e refazedor do mundo que me motiva.

Desse modo, podemos refletir a partir do autor o quanto é significativa essa ideia de ser gente, que atua, que modifica, que se apodera, que transforma, que enfrenta dificuldades e que, no entanto, se percebe pelas suas atitudes como sujeito que faz e refaz a História a partir do contexto em que está inserido. Assim, visualizamos de modo concreto a atuação nas escolas-abrigo, que foram instituídas a partir de uma situação de emergência, com o trabalho árduo de diferentes pessoas e áreas de atuação profissional a fim de reconstruir a História que se fez naquele momento com as enchentes que se apresentaram no Rio Grande do Sul.

Prosseguindo a reflexão diante da catástrofe climática que o estado vivenciou em maio de 2024, trazendo como recorte contextual as escolas que se tornaram abrigo, entendemos que o diálogo fez parte de cada momento vivido, planejado e executado pelas pessoas envolvidas nesse processo. Freire (2011b) defende que o diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos mantêm sua identidade, defendendo-a e crescendo com o outro. Por isso o diálogo não nivela nem reduz um ao outro. Nem é um favor que é feito ao outro. Nem é estratégia manhosa, que envolve, que é usada para confundir o outro. Pelo contrário, trata-se de um respeito pelos sujeitos envolvidos, em que o autoritarismo rompe ou não permite que se caracterize. Dessa maneira, o diálogo possibilita trocas construtivas, em que todos em sua singularidade são capazes de contribuir para que aconteçam transformações possíveis e necessárias, vislumbrando o bem comum.

Outro aspecto fundamental nessa vivência singular no interior das escolas-abrigo foi a acolhida desde o momento em que as pessoas chegaram nesse refúgio emergencial, prosseguindo em toda a sua estadia, que foi por um determinado tempo, mas ao mesmo tempo um período difícil, inesperado e repleto de perdas. Freire (2016) pontua que é necessário e urgente que a escola vá se constituindo um espaço acolhedor e multiplicador de distintos gostos democráticos, como o de ouvir os outros, não por mero favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o da obediência às decisões tomadas pela maioria que não falte, porém, o direito a quem diverge de expressar sua contrariedade. O gosto de perguntar, de criticar, de

debater. Assim, a escola permanece como um espaço que perpassa o acolhimento, a transformação, independente se está atuando somente no âmbito escolar ou se vai além, atuando como abrigo, que envolve maiores e infinitas interações humanas que transitam pelo aspecto social, emocional, humanitário.

Outra configuração fundamental para enfrentar essa situação inesperada e emergencial, que afetou diretamente muitas pessoas que fazem parte do contexto escolar, sejam elas famílias de alunos, de colegas, de familiares de colegas, foi a amorosidade. Fernandes (2010) destaca que a amorosidade freireana concretiza-se no afeto como compromisso com o outro, que se materializa por meio da solidariedade e da humildade, não como submissão, mas como possibilidade de que a verdade também esteja com o outro, em um movimento que perpassa o respeito como acolhimento das diferenças não apenas como categoria cultural, mas essencialmente como categoria de caráter ético. Assim, entendemos que essa postura de amorosidade foi essencial para que muitas aprendizagens fossem construídas e compartilhadas entre todos. Houve um cuidado com a situação do outro, que se distanciava e que ao mesmo tempo se aproximava, pois as experiências vivenciadas e relatadas pelos entrevistados estavam carregadas de sentimentos de amor, solidariedade, tristeza, alegria, admiração, respeito, ética, acolhida, união, superação.

Dito isso, podemos afirmar que o diálogo, a acolhida e a amorosidade são atitudes essenciais nas relações humanas, que, exercidas com comprometimento, podem resultar em infinitas aprendizagens e avanços entre todos os envolvidos na construção de uma sociedade mais justa e capacitada a enfrentar distintas problemáticas.

### **As vozes do campo empírico: aprendizagens em construção**

Foram realizadas entrevistas com dois diretores de escolas da rede municipal do município de Esteio, constituídas por 12 questões relacionadas à catástrofe climática e a seu impacto nas escolas que se tornaram abrigo nesse período. O diálogo foi realizado no início de 2025 na sala de trabalho de cada um dos diretores, gravado e transcrito.

A diretora e o diretor, com os nomes fictícios de Tulipa e Girassol, foram muito receptivos desde o aceite para participar da pesquisa até o momento propriamente dito da entrevista. Iniciamos a conversa com uma

apresentação inicial, que envolveu aspectos da vida pessoal, profissional e acadêmica deles e o quanto as catástrofes climáticas que ocorreram no primeiro semestre de 2024 impactaram em suas vidas nos âmbitos referidos.

Tulipa apresentou-se e, em seguida, mencionou que já havia realizado trabalho voluntário quando mais jovem, atuando em grupos de idosos e também com crianças em projetos sociais. Quanto às enchentes, o primeiro impacto sentido foi a nível profissional, ou seja, foi contatada no final de abril de 2024 pela tarde e imediatamente no início da noite chegavam as primeiras famílias até a escola, pois havia uma comunidade no entorno que já estava sendo atingida. Tulipa referiu que foi uma situação muito rápida de mudança na escola, que foi aprendendo junto com os demais profissionais que chegavam, tanto voluntários como colegas da Secretaria da Cidadania. No fim da semana, o impacto que sentiu foi a nível pessoal, ou seja, precisou sair de sua casa com o seu filho e também com seus pais que residiam ao lado, pois as suas casas inundaram na madrugada e assim permaneceram por 28 dias. Lembrando do início dessa situação na escola, ressaltou que: “Eu disse, eu não me enxergo passando pelo que essas pessoas estão passando hoje, de ter que deixar suas casas para trás. E nem quatro dias depois eu estava exatamente na mesma situação das pessoas”.

Seguindo o diálogo, Tulipa relatou o quanto foi apoiada pelos demais integrantes da equipe diretiva, que fizeram a frente na escola enquanto ela reorganizava sua vida familiar. No entanto, logo que conseguiu, retomou as atividades na escola, afirmando que o trabalho foi um espaço terapêutico, porque ela modificava o pensamento de incertezas que vivia, além de perceber que muitas pessoas viviam situações bem mais precárias naquele momento.

Girassol apresentou-se mencionando a sua formação em Ciências Biológicas e atuação aproximadamente de 15 anos na docência. Logo a seguir relatou a respeito do impacto profissional que enfrentou, ou seja, foi acionado na madrugada de 1º de maio de 2024 para a abertura da escola e a necessidade de organizar os espaços para servir como abrigo. Imediatamente equiparam cinco salas de aula com colchões, toalhas de banho e sabonetes. Nesse mesmo dia, ao anoitecer, começaram a chegar as pessoas em ônibus. Segundo Girassol: “[...] as pessoas descendo totalmente molhadas, saídas da enchente mesmo, carregando animais molhados, crianças chorando, então era um pânico, cenas de guerra mesmo, sensação calamitosa, lamentável, triste”.

Refletindo sobre essas considerações iniciais dos diretores, podemos ressaltar Freire (2011a) quando afirma que existir trata-se de um conceito dinâmico, considerando uma dialogação eterna entre os homens. Do homem com o mundo e com o seu criador. É essa dialogação do homem sobre e com o mundo a partir dos desafios e dos problemas que o constitui histórico. Desse modo, percebemos o quanto os entrevistados foram lançados a problematizações e desafios que nunca imaginaram vivenciar no contexto escolar e que, no entanto, tiveram que enfrentar, dialogando com outras pessoas que passaram a integrar esses espaços, buscando maneiras possíveis de contribuir em um período inusitado e emergencial.

Prosseguindo o diálogo, cada entrevistado relatou sobre a experiência, as principais ações realizadas pela escola, bem como aquelas desempenhadas por eles na condição de gestores. Dialogamos ainda acerca das comunidades e pessoas afetadas e suas impressões desse momento.

Tulipa salientou que primeiramente articulou com a Secretaria de Educação a respeito dos voluntários que iriam contribuir com aspectos relacionados à alimentação e à acomodação. Um pouco mais adiante vieram professores da escola se voluntariar, também alguns pais de alunos que não haviam sido afetados contribuíram com lanches e ainda uma moça que trabalhava no transporte escolar doou meias. Segundo Tulipa: “A gente viu que cada pessoa pensava um pouquinho e pôde contribuir de alguma forma”.

Quanto aos abrigados na escola, chegaram a 150 pessoas. A diretora refere que houve situações difíceis, de pessoas que se revoltavam com a situação em que se encontravam e necessitavam de um manejo específico para se acalmar. Ao receber os desabrigados, Tulipa descreve que adotava a seguinte postura: “[...] eu quero ser uma pessoa que está auxiliando, mas eu também quero ficar um tanto quanto invisível para essa pessoa não se sentir mal por estar precisando de tudo, porque imagina, muitos saíram de casa com sacolas plásticas e poucas coisas dentro”.

Ainda mencionando a relação com os abrigados, Tulipa destacou o apego das pessoas a seus animais de estimação, que num primeiro momento ficavam em lugares específicos, mas que diante de tantas perdas acabaram permitindo que ficassem junto de seus donos. Destacou também o trabalho diário que a colega vice-diretora realizava, o qual foi chamado de “ronda”, ou seja, passava de sala em sala, perguntando se as pessoas precisavam de algo.

Tulipa concluiu que aprendeu a fazer escalas, distribuir roupas entre os abrigados, percebendo que muitos tinham medo de que faltassem coisas e mantimentos e ficavam *enlouquecidos* a cada doação, acumulando coisas que nem podiam utilizar. Enfim, as situações iam acontecendo e tinham que elaborar soluções à medida que essas ocorriam.

Girassol afirmou que primeiramente realizaram a acolhida das pessoas, então uma série de situações aconteceram simultaneamente, desde a organização das salas de aula e a distribuição de marmitas até que se iniciasse a ajuda da prefeitura. As pessoas afetadas vieram principalmente do bairro Novo Esteio, que se trata de um bairro muito povoado e que ficou inundado. Houve também pessoas se aproveitando da situação, ou seja, pessoas em situação de rua passando-se por desabrigados. Então, quando a prefeitura assumiu, realizou um cadastro, e aqueles que não eram desabrigados foram encaminhados para outros espaços. Quanto às pessoas com seus animais de estimação, tiveram que se acomodar e administrar conforme a situação. Segundo o diretor, foram abrigadas em torno de 180 pessoas, que moravam na escola, realizavam todas as refeições diárias e tomavam banho.

Com relação à convivência com as pessoas afetadas, Girassol ressaltou: “A gente conversava com um aqui, outro ali, sempre perguntando de onde é que estava vindo, um pouquinho da história que aconteceu. E às vezes a gente nem perguntava, eles chegavam contando pra gente, sempre muito triste tudo o que eles relatavam, sempre trágico”.

Girassol contou ainda a história de um senhor idoso que permaneceu no abrigo sem ninguém saber o seu nome. Houve então um abrigado que viu no jornal impresso a notícia sobre um cidadão desaparecido no município de Nova Santa Rita, sendo ele reconhecido pela foto. Então foi descoberto que esse abrigado sofre de Alzheimer, e finalmente conseguiram contatar a família. O diretor destacou que essa rede de contatos e de apoio fez toda a diferença nessa situação catastrófica.

A partir das considerações dos diretores Tulipa e Girassol podemos refletir sobre as palavras de Freire (2011b), quando defende que, fazendo-se e refazendo-se no movimento de construir a História, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, sendo seres da inserção no mundo e não da simples adaptação a ele, terminam tendo no sonho um motor da História. Ou seja, não há transformação sem sonho, como não há sonho sem esperança.

Assim, os entrevistados exemplificaram em ações diárias nas suas respectivas escolas que se constituíam abrigos o quanto foi necessário fa-

zer-se e refazer-se com as demais pessoas envolvidas, construindo História a partir das demandas que emergiram daquele contexto inusitado. Não se limitaram a adaptar-se à situação emergencial com a qual se depararam, mas se inseriram, a fim de contribuir em um contexto coletivo que necessitava de apoio para distintas questões, sendo que estas se distanciaram das demandas do contexto escolar, mesmo estando dentro desse espaço. Em suas falas percebemos ações coletivas, empenho e comprometimento esperançoso na condição de gestores.

Seguindo a nossa conversa, os entrevistados relataram acerca da repercussão desses episódios no cotidiano da escola, dos professores, dos alunos e demais funcionários, bem como restrições, mudanças na escola com relação à estrutura física, material e documental. Também narraram sobre os desafios enfrentados pela escola impactada, no que diz respeito à organização de ajuda à comunidade afetada.

A esse respeito, Tulipa iniciou sua fala afirmando que a escola foi muito impactada, especialmente na questão material. Quando a escola foi desmobilizada enquanto abrigo, ficou sem aulas por alguns dias. O impacto maior que a diretora sentiu foi ao retornar após o período de abrigo e constatar que esse espaço não tinha mais característica de escola. Havia caixas de papelão usadas pelos animais e materiais de limpeza, perderam-se materiais didáticos e brinquedos, os quais foram utilizados com as crianças abrigadas.

Para a retomada das atividades escolares houve, então, uma reunião entre equipe diretiva e professores. O primeiro passo foi a solicitação de uma dedetização dos espaços a fim de receber as crianças com segurança. A escola foi uma das últimas a retomar sua rotina, mesmo funcionando em turno integral, pois foi necessário mobilizar um mutirão para reorganizar as salas, ações nas quais os professores foram muito parceiros.

Reforçando sua sensação de incerteza, Tulipa ressalta que a maior dificuldade foi a situação inicial, quando chegou com a chave na mão e encontrou um profissional que precisava de classes para cadastramento das pessoas e desabafou: “O inusitado da necessidade foi um desafio bem grande!” Ainda exemplificou outra situação em que um abrigado lhe disse que parecia estar em um hotel, e ela imediatamente pensou em que condições naturais essa pessoa vivia. No entanto, refletiu melhor sobre o acolhimento, o olhar que receberam e o quanto foi importante, entendendo que o abrigado não falava de um lugar lindo, maravilhoso, luxuoso, mas de um lugar acolhedor em meio a tantas dificuldades.

Girassol ressaltou que a rotina foi radicalmente transformada no espaço escolar durante o período de abrigo. No entanto, após o fechamento do abrigo, houve a retomada das aulas, tendo pouco tempo para a realização da limpeza geral dos espaços. Exemplificou uma situação em que havia uma sala com gatos, que ficou com extremo odor de fezes e de urina, causando muito trabalho para as serventes, pois o cheiro persistia.

Quanto ao grupo de professores, Girassol esclareceu que muitos colegas passaram pela experiência de ficar desabrigados, assim como parentes seus. Considerando esse contexto, foi realizada uma formação na escola com o psicólogo César Karnal, que foi um marco para a volta à normalidade. Na conversa anterior que tiveram, o diretor solicitou ao palestrante um momento de terapia coletiva, tanto para os professores que ajudaram no abrigo como para aqueles que foram atingidos. Em suas palavras, Girassol reforçou: “Se apoiar, se ajudar, se escutar, né? E foi bem importante. E a partir daquele momento nós miramos o futuro. Aquilo já tinha passado. Então a gente seguiu a nossa rotina escolar aqui, olhando pra frente”. E ainda acrescentou que estavam todos traumatizados, vivendo o trauma da enchente com histórias próximas, diretas e indiretas, com sentimentos de incômodo e de tristeza.

Quanto aos desafios para auxílio à comunidade, Girassol relatou que receberam muitas doações, sendo que a prefeitura mandava materiais, roupas, colchões, que foram repassados aos abrigados. Havia materiais de higiene e de limpeza, que as pessoas poderiam utilizar na higienização de suas casas ao retornar. Foram ajudas de todos os lados, envolvendo o Brasil inteiro.

Ponderando as falas dos entrevistados que fizeram história em seus contextos escolares, Freire (1996) aponta que somos seres condicionados, porém não determinados. Assim podemos reconhecer que a História é momento de possibilidade e não de determinismo e que o futuro, ainda que problemático, não é irreduzível.

Dessa forma, Tulipa e Girassol envolveram-se em inúmeras situações inusitadas a fim de retomar as atividades escolares, atentos às demandas dos professores, que estavam fragilizados, porém dispostos a contribuir nesse retorno, assim como atender as exigências estruturais para acolher os discentes com segurança. Os gestores, enquanto sujeitos envolvidos nesse processo, também tiveram que lidar com as suas fragilidades e seguir construindo suas histórias tanto no âmbito individual como coletivo, na direção

da escola. Vivenciaram na prática o quanto a História é repleta de possibilidades, in/certezas, desafios, mas firmes no propósito de um futuro de problematizações e superações possíveis de ser enfrentadas e ressignificadas.

Dando continuidade ao nosso diálogo, os entrevistados foram perguntados acerca do trabalho em equipe, ou seja, envolvendo os voluntários, os gestores das instituições educativas, e como aconteceu esse diálogo com outros órgãos públicos para ajuda. Ainda foi conversado a respeito da percepção deles com relação ao papel da escola junto à comunidade, considerando situações emergenciais a partir dessa experiência com as catástrofes climáticas.

Nesse sentido, Tulipa destacou que houve uma parceria maior em que todas as demandas com relação à saúde, por exemplo, foram atendidas, ou seja, receitas para medicações, inclusive psiquiátricas, pois as pessoas saíram de casa e não lembraram de levar consigo medicações, receitas. Foi criado um grupo via *WhatsApp* com a gestão da Secretaria de Educação naquele momento emergencial a fim de haver um diálogo mais direto e efetivo, pois o tempo passava rápido e algumas vezes era necessário esperar por determinada resolução, sendo situações diversas que ocorriam e pediam celeridade. Outra situação que Tulipa considerou positiva foi com respeito ao pedido de que o retorno das aulas na escola acontecesse somente na sexta-feira da semana em que grande parte das escolas retomou suas atividades. Ela explicou que argumentou acerca da grande limpeza e organização que se mostrou necessária, justificativa que foi imediatamente aceita.

Com os olhos marejados, Tulipa ainda pontuou que se reportou à Secretaria de Educação para relatar sobre a sua situação pessoal, que também havia sido atingida e obteve um olhar de apoio que fez diferença naquele momento. Retornando à escola, o grupo de professores disponibilizou-se a contribuir, e ela percebeu, nesse momento delicado, que havia muitas pessoas que tiveram esse olhar solidário, organizando-se para ficar alguns turnos extras na escola. Ainda finalizou, ressaltando que os órgãos públicos, os voluntários, todos deram muito suporte enquanto ela esteve ausente, e desabafou: “O que era mais difícil ficou atenuado, porque as pessoas estavam ali a meu lado, uma estendendo uma mão, outra estendendo outra”.

Girassol afirmou que a assistência social estava presente na escola; foi criado um comitê de crise, bem coordenado, respaldando e apoiando as ações. Assim também ocorreu com a Guarda Municipal e a Brigada Mili-

tar: “Eles realizavam rondas nas proximidades, entravam algumas vezes para verificar a situação, pois as pessoas ali abrigadas não eram conhecidas, e a segurança foi pertinente. Essa dinâmica nos deixou tranquilos para seguir nesse trabalho emergencial à comunidade”.

Com relação ao papel da escola diante de situações emergenciais a partir dessa experiência, Girassol destacou que a Prefeitura Municipal de Esteio tem um programa chamado Fluxo de Contingência Geral, que envolve todos os setores e escolas da rede municipal. Gentilmente, o diretor disponibilizou essa documentação para conhecimento e leitura. Trata-se de um guia minucioso e organizado para a atuação das diversas secretarias, constando as atribuições de cada uma em situações de crise. Destaca o Ginásio Municipal para a alimentação, o Centro de Defesa Civil como responsável pelo voluntariado, os fluxos destinados às compras, à equipe de rua (veículos), à saúde e à assistência. Determina ainda as responsabilidades do diretor e vice das escolas e apresenta detalhadamente as normas de convivência nos abrigos.

Girassol considera que esse fluxo agilizará as escolas e órgãos públicos para possíveis situações emergenciais, deixando os gestores mais preparados por conta dessa organização prévia. Ainda salienta que a ideia é não utilizar esse protocolo tão cedo, mas considera esse planejamento muito importante. E complementando diz: “Aqui em Esteio, o que aconteceu no ano passado com as enchentes foi assustador e, de certa forma, acendeu um alerta de que a comunidade precisa estar preparada. Isso às vezes acontece, e a gente, de alguma forma, tem que atuar para resolver”.

A partir das considerações dos entrevistados, podemos citar Freire (2011c), que ressalta que não haveria ação humana se não existisse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem que o desafie. Da mesma forma, não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um ser mais além de si próprio, capaz de compreender a sua realidade, de conhecer e assim transformá-la. Nesse sentido, a ação humana acontece quando nos sentimos desafiados a interagir na realidade, que nos apresenta movimento e necessidade de trilhar para além do que está evidenciado.

Tulipa e Girassol consolidaram, a partir de seus relatos, inúmeras ações humanas diante da realidade emergencial e objetiva com a qual se depararam enquanto gestores escolares nesses tempos emergenciais de enchentes em nosso estado. Realizaram com êxito tais ações, porque contaram com parcerias e apoio, tanto de modo presencial como por grupo de

*WhatsApp*. Foram profissionais atuantes e dispostos a contribuir em uma realidade jamais imaginada, mas que se fez presente e necessitou de suas intervenções. Outro aspecto marcante na fala dos entrevistados diz respeito ao Fluxo de Contingência Geral, criado posteriormente à catástrofe climática e que exemplifica as considerações de Paulo Freire (2011c), o qual menciona a ação humana frente à realidade que enfrentamos. Para organizar um documento dessa abrangência, foi fundamental a mobilização de homens e mulheres que se percebem enquanto projeto e que sentiram a necessidade de refletir e organizar de modo efetivo ações que favoreçam a sociedade, prevendo novas situações emergenciais. Além da elaboração do referido fluxo, foi realizada sua socialização com os gestores das escolas, a fim de que todos estivessem cientes de sua responsabilidade, transformando a realidade e sendo transformados por ela.

Nossa conversa, em seguida, perpassou as percepções que os entrevistados tiveram em relação às mudanças na relação entre professores, alunos, escola e comunidade após os episódios climáticos. Assim, dialogamos também acerca das aprendizagens e reflexões que essa experiência permitiu para cada um deles e para a sua instituição educativa de atuação.

Tulipa destacou que, no início da situação emergencial, houve uma comoção muito grande, mas observou que com o passar do tempo pareceu que “[...] o curso das nossas vidas estava sendo retomado novamente, às vezes alguém fazia algum comentário, inclusive as pessoas abrigadas, agradecendo à acolhida naquele momento difícil, mas que possuíam boas lembranças dessa vivência na escola como abrigo”. Em outras palavras, a diretora acrescentou: “A vida hoje em dia vem tão rápido, com uma velocidade que nos atravessa, as demandas vêm e vão se normalizando novamente”. Mencionou algumas reuniões que foram realizadas com profissionais da prefeitura, pois a escola ficou selecionada para possível abrigo em situações futuras, integrando o Plano de Contingência Geral do município, em que estão sendo pensadas adequações estruturais, dando um passo para trás no sentido de refletir as dificuldades enfrentadas para que se avance nesse sentido.

Com relação às aprendizagens e reflexões acerca dessa experiência, Tulipa salientou que a escola não abrigou, em sua maioria, os alunos matriculados, pois soube de várias situações em que eles se abrigaram na casa de familiares. Contudo, ao retornarem, os discentes necessitaram de uma gestão voltada à escuta, ao apoio emocional, considerando as vivências e os relatos que traziam.

Girassol referiu que as mudanças que percebeu foram primeiramente de um momento traumático, pois muitos alunos não retornaram à escola, indo residir em outras cidades e inclusive em outros estados. A escola mobilizou-se para realizar um mapeamento a fim de saber sobre esses alunos, sendo que alguns retornaram bastante tempo depois. O entrevistado relembrou ainda a respeito das recordações da situação difícil vivida, da limpeza das casas e da reorganização após perderem muitos bens materiais. No entanto, aos poucos a situação se modificou, voltando para a normalidade, e destacou que encerraram o ano de 2024 e iniciaram o ano de 2025 com novas e boas perspectivas.

Quanto às aprendizagens e reflexões vividas, Girassol afirmou que nunca estamos prontos para uma necessidade coletiva, como foi essa catástrofe climática. A partir dessa vivência tem-se a impressão de que algo inusitado pode acontecer a qualquer momento e faz-se necessária uma mobilização que vai além das atribuições do trabalho como gestor de escola, e essa disponibilidade é fundamental. Com convicção, Girassol ressaltou: “É melhor agir, a gente precisa reagir para ajudar, para resolver, para acabar com o problema e logo passar. Atenuar um pouco o que está acontecendo ali na sua frente. Você tem que fazer alguma coisa!”

Ainda com emoção e olhos marejados, Girassol relatou que o seu corpo docente é muito bom no sentido de demonstrar união e ajuda, percebendo que muitas pessoas se superaram e o surpreenderam com suas atitudes não esperadas até então. E ao retornarem às aulas, os professores foram acolhidos e orientados a não trabalhar conteúdos novos nem avaliações e sim aulas de acolhimento, escuta, diálogo acerca de tudo o que todos viveram e de suas necessidades. Aos poucos, a normalidade foi se reconstruindo nos ambientes escolares.

Nesse sentido, os entrevistados expressaram uma postura educativa democrática ao receber seus discentes logo após uma ruptura inesperada por conta da catástrofe climática. Freire (2016) salienta que a educação democrática exige do professor uma distância cada vez menor entre o seu discurso e a sua prática em seu cotidiano escolar, submetendo-se à sua análise crítica, à difícil, mas possível e prazerosa vivência de falar aos educandos e com eles. O diálogo não acontece somente a partir dos conteúdos a serem desenvolvidos, mas a partir da vida em si mesma. Se o diálogo é verdadeiro, não é somente validado do ponto de vista do ato de ensinar, mas orientador de um ambiente aberto e livre de sua turma.

Dessa forma, entendemos que os diretores Tulipa e Girassol vislumbraram o quanto os seus alunos necessitavam de momentos de acolhimento, de escuta e de diálogo a fim de expressar suas percepções acerca da vida e da realidade enfrentada no período das enchentes. Com essa postura democrática instigaram o grupo docente a seguir essa postura que, pelo visto, favoreceu muito para que a dinâmica escolar retomasse a sua rotina, ainda que carregada de marcas, de histórias e de perspectivas a partir desse evento que mobilizou a vida de todos os envolvidos de forma direta ou indireta.

Concluindo, neste momento, o diálogo com os entrevistados Tulipa e Girassol, a temática foi acerca de como essa vivência singular será lembrada na história da escola e o que cada um deles espera que permaneça. Tulipa reforçou que essa vivência foi um marco inegável e que, ao chegar o inverno e começarem as chuvas, lembra do quanto essa época marcou a vida das pessoas, inclusive a sua vida pessoal, pois a entrevistada referiu que necessitou reconstruir o seu aspecto emocional, pois não imaginava enfrentar essa situação a nível profissional e pessoal simultaneamente. No entanto, fortaleceu-se ao olhar tantas pessoas que necessitavam de abrigo e pelo apoio recebido de pessoas amigas de diferentes modos, inclusive por mensagens que a faziam mudar o pensamento e prosseguir. Com emoção Tulipa ressaltou: “Graças a Deus tive saúde, força e garra para conseguir acolher as pessoas com um olhar empático e, quando precisei, eu também fui acolhida, e isso foi fundamental para conseguir superar e ver que existe possibilidade de as coisas serem transformadas, melhoradas”.

Girassol contribuiu dizendo que espera de coração que essa situação traumática nunca mais aconteça, mas logo em seguida complementou que é algo que independe de nossa vontade. Presenciou pessoas que foram atingidas e não tinham suporte, não tinham parentes, lembrando que não foi diretamente afetado, mas que a sua família toda foi atingida. Conseguiu acolher alguns familiares em sua casa sob os cuidados de sua esposa enquanto passava horas na escola-abrigo com pessoas que não conhecia até então, ciente de seu papel social e responsável como diretor, que precisava tomar a frente das ações.

Quanto às vivências e aprendizagens construídas, Girassol ressaltou: “Foi uma experiência e tanto, a solidariedade humana existe. Como isso é importante, como é bom, como isso fortalece a gente. Nos faz acreditar e ver o lado bom da humanidade”.

O entrevistado citou ainda alguns exemplos que presenciou com relação a pessoas voluntárias, que surgiam todos os dias para contribuir com pequenos gestos conforme suas possibilidades: recreação com as crianças, doação de ração para os animais, pintura nos rostos das crianças, doação de doces, etc. Para concluir suas percepções, Girassol falou emocionado e convicto: “A gente tem que dar as mãos, tem que ser unido, tem que ajudar o próximo, tem que se doar!”

Podemos observar que os entrevistados mencionaram muito das vivências na condição de diretores de escola, porém a questão a ser refletida projetava sobre o futuro. Segundo Freire (2013, p. 177): “[...] O futuro não é o que tem que ser, mas o que fazemos com e do presente”. Nesse sentido, ficou evidente que os gestores estiveram muito envolvidos física e emocionalmente com tudo o que aconteceu e ainda com a responsabilidade que o cargo que possuem exige. Para ambos, o vivido ainda está no tempo presente, mas ao mesmo tempo trabalharam arduamente para que as demandas que se fizeram presentes repercutissem em histórias, memórias, aprendizagens concretas para as escolas-abrigo mencionadas. Acreditamos que, a partir de suas considerações, estão cientes de que contribuíram muito na medida em que foram desafiados e apoiados para trilhar um futuro que seguirá em construção, assim como se mostrou a postura deles ao enfrentar essa situação emergente.

## **Considerações finais**

Neste momento, pretendemos retomar o objetivo do presente capítulo, que consiste em discutir sobre as aprendizagens construídas a partir das enchentes de maio de 2024 em duas escolas públicas municipais de Esteio/RS, as quais serviram de abrigo durante a catástrofe climática. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, e realizamos entrevistas semiestruturadas com dois diretores de escolas-abrigo.

Os resultados encontrados deram-se a partir do diálogo com tais diretores, que perpassou aspectos relacionados à acolhida, à amorosidade e às aprendizagens vivenciadas. Os entrevistados foram receptivos desde o convite inicial para participar deste estudo, demonstrando o quanto consideraram importante falar sobre o ocorrido. Durante o período das enchentes no Rio Grande do Sul, esses gestores foram desafiados a problematizações que não imaginavam vivenciar no ambiente escolar, no entanto as enfrenta-

ram, contando com o apoio de outras pessoas que integraram esse espaço, aprendendo diariamente a buscar ações efetivas a fim de contribuir nesse período emergencial.

Outro aspecto relevante de aprendizagens construídas pelos entrevistados foi ao exemplificar acerca de suas distintas atitudes e decisões diárias, que exigiam um exercício de fazer e refazer-se, contando com as pessoas engajadas nesse processo. Entendemos que não se limitaram à adaptação e sim à inserção diante da situação emergencial com o objetivo de atuação e envolvimento em ações coletivas, empenhados e comprometidos, agindo muito além de suas atribuições como gestores escolares.

Percebemos que os entrevistados se envolveram em inúmeras situações inesperadas com a finalidade de retomada das aulas, porém, com olhar atento às demandas do corpo docente e demais funcionários, que, embora fragilizados, mostraram-se dispostos a contribuir para esse retorno com segurança para todos. Eles aprenderam ainda a lidar com as suas próprias fragilidades, envolvendo questões pessoais e familiares.

Os entrevistados também reforçaram suas aprendizagens ao relatar com satisfação o quanto puderam contar com parcerias e apoio tanto de modo presencial como por meio de grupos de *WhatsApp*. Ambos mencionaram a importância do Fluxo de Contingência Geral, documento criado e compartilhado com eles pela mantenedora para organizar as ações, prevenindo outra catástrofe climática.

Constatamos que, no momento de retorno às aulas, novas aprendizagens foram consolidadas pelos entrevistados no sentido de preocupar-se com os alunos, solicitando aos professores que oportunizassem momentos de acolhimento, de escuta e de diálogo aos discentes. Esse aspecto acabou tendo que sobrepor-se à reposição de conteúdos, já que o bem-estar emocional mostra-se também condição para a aprendizagem.

Concluindo, podemos afirmar que os diretores dessas duas escolas da rede municipal de Esteio/RS deixaram evidentes em suas falas a grandeza e a infinidade de aprendizagens construídas, especialmente no que diz respeito a um olhar sensível que tiveram acerca de cada situação-problema que surgia. Além disso, reforçaram acerca da concretude da solidariedade humana, a qual presenciaram diariamente na responsabilidade de liderança durante esse difícil período.

Com relação às limitações da pesquisa, podemos refletir quanto ao pequeno recorte analisado, ou seja, conhecemos um pouco de apenas duas

escolas municipais de Esteio/RS, que se tornaram abrigo no período das enchentes de maio de 2024 e tivemos a oportunidade de entrevistar os diretores dessas duas escolas. Dessa forma, a partir deste estudo nos provocamos a pesquisar outras realidades escolares, sejam essas escolas, faculdades e universidades que contribuíram para além do âmbito acadêmico nesse momento tão singular, emergencial e repleto de desafios que o Rio Grande do Sul como um todo enfrentou. Pode-se ouvir, em estudos futuros, professores, alunos, famílias, funcionários que vivenciaram de perto a dinâmica que constituiu as escolas-abrigo. Acreditamos que cada um desses segmentos poderá contribuir com suas percepções e vivências compartilhadas.

## Referências

- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1 (3), 2005.
- FERNANDES, Cleoni. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Antêntica, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed., rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e práxis**. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Organização: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não; Cartas a quem ousa ensinar**. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação. **Revista Percursos – NEMO**, Maringá, v. 4, n. 2, 2012. ISSN: 2177-3300.

# “Uma escola que renasce”: a enchente de 2024 e a EMEF Sérgio Lopes em Santa Maria/RS

*José Iran Ribeiro<sup>1</sup>  
Leonardo da Rocha Botega<sup>2</sup>*

## Introdução

Nas últimas semanas do mês de abril e durante o mês de maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul vivenciou uma grande catástrofe socioclimática. Uma combinação de diferentes fatores que atuaram em diferentes escalas afetou drasticamente o estado. A soma do fenômeno “El Niño” (que aquece as águas do Oceano Pacífico trazendo mais umidade para o sul do Brasil), de uma frente fria (cavado), de uma onda de calor nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do país (bloqueando a dissipação da frente fria), da seca na Amazônia e do deslocamento dos chamados “rios voadores” (que trazem umidade da floresta amazônica para o sul) produziu chuvas intensas em quase todo o território estadual (INPE, 2024; Henkes; Henkes, 2024). Como consequência dessas chuvas, inúmeras regiões foram inundadas, o que gerou a pior enchente da História do estado<sup>3</sup>.

Conforme a Defesa Civil/RS, ao longo de aproximadamente 40 dias, 478 de um total de 497 municípios que compõem o estado foram afetados, o que representa uma população de 2.398.255 pessoas atingidas. Em meio aos atingidos estão 25 desaparecidos, 806 feridos e 184 óbitos confirmados.<sup>4</sup> Com

---

<sup>1</sup> Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória. E-mail: jiranribeiro@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória. E-mail: leorochabotega@gmail.com.

<sup>3</sup> Outras enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul e que foram documentadas ocorreram em 1824, 1873, 1914, 1926, 1928, 1936, 1941, 1967, 1983, 2001 e 2023. Ver: Guimaraens (2024) e Malinoski, Gonzatto e Lopes (2024).

<sup>4</sup> As informações referentes aos danos humanos decorrentes das enchentes de 2024 foram atualizados pela Defesa Civil/RS em boletim divulgado no dia 24 de abril de 2025, quando a Polícia Civil do estado confirmou o óbito de um homem que estava desaparecido no município

relação ao setor educacional, o boletim divulgado pela Defesa Civil/RS em 05/06/2024 indicou que 1.086 escolas da Rede Estadual de Ensino foram afetadas, o que impactou 394.782 estudantes. 577 escolas estaduais sofreram algum dano material, afetando 225.026 estudantes matriculados, e 24 escolas estaduais, após 40 dias do início dos eventos meteorológicos, ainda estavam servindo de abrigo.

A região central do Rio Grande do Sul, onde se localiza o município de Santa Maria, esteve entre as primeiras regiões atingidas pelas chuvas. Entre os dias 26 de abril e 05 de maio de 2024, o total de precipitação foi de 533,3 mm, mais do que o triplo da média esperada para o mês de abril, que era de 151,1 mm<sup>5</sup> (Henkes; Henkes, 2024). Segundo o relatório publicado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), intitulado “Evento extremo do Rio Grande do Sul entre o final de abril e início de maio de 2024”, tomando por base os dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), entre 9 horas do dia 29/04 e 9 horas do dia 30/04 o acumulado de chuvas em Santa Maria foi de 135 mm. No dia seguinte, 01/05/2024, o INMET registrou acumulados de 214 mm em 24 horas (INPE, 2024). Nesse mesmo dia, a cidade registrou seu primeiro óbito, uma adolescente de 17 anos. O corpo de sua mãe, de 45 anos, seria localizado no dia seguinte. Ambas foram vítimas de um deslizamento de terra no Morro do Cechella, na região nordeste de Santa Maria (GZH, 09/05/2024).

Diante da situação calamitosa, ainda no dia 01/05/2024, a Prefeitura Municipal emitiu um alerta sobre inundação do rio Vacacaí-Mirim em bairros da região leste do município. Entre os bairros mais atingidos estavam Lorenzi, Campestre do Menino Deus, Juscelino Kubitschek, Rosário, João Luiz Pozzobon, Renascença, Urlândia, Camobi, Km 3, João Goulart, Pinheiro Machado, Divina Providência, Passo das Tropas, Nova Santa Marta e Caturrita, além da Várzea de Arroio do Só na localidade de Arroio Lobato, distrito de Arroio Grande, e Três Barras, onde a situação era mais grave com inúmeras famílias ilhadas. O comunicado também informava que, na manhã daquele dia, “foram resgatadas mais de 20 famílias que ficaram ilhadas na Vila Figueira, no bairro Camobi”. Ao todo 19 uni-

---

de Barros Casal. Nesse mesmo boletim também consta a informação de que um outro homem que estava desaparecido em Canoas foi encontrado com vida. Os boletins da Defesa Civil/RS podem ser acessados no site <https://www.estado.rs.gov.br/boletins-sobre-o-impacto-das-chuvas-no-rs>.

<sup>5</sup> A média esperada de chuva leva em conta o mesmo período entre os anos de 1991 e 2020.

dades de saúde estavam com atendimentos cancelados<sup>6</sup>, cinco vias municipais e rodovias estavam interrompidas<sup>7</sup> e dez pontes estavam com problemas<sup>8</sup>, além de alguns registros de quedas de árvores e deslizamentos de terra. No que tange à Rede Municipal de Ensino, 30 escolas estavam (algumas desde o dia 29 de abril) com as aulas suspensas “devido ao aumento do nível de rios e arroios; alagamentos e infiltrações” (Prefeitura Municipal de Santa Maria, 01/05/2024).

As escolas municipais que tiveram suas atividades suspensas foram: Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Vila Vitória, Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Santa Flora, EMEF Bernardino Fernandes, EMEF Major Tancredo Penna de Moraes, EMEF José Paim de Oliveira, EMEI Ady Schneider Beck, EMEI Ida Berteotti, EMEF Martinho Lutero, EMEF Maria de Lourdes Ramos Castro, EMEF Prof<sup>a</sup> Hylda Vasconcellos, EMEF São João Batista, EMEI Prof<sup>a</sup> Gláci Correia da Silva, EMEF Vicente Farencena, EMEF Sérgio Lopes, EMEF Chácara das Flores, EMEF João Pedro Menna Barreto, EMEI Borges de Medeiros, EMEF Padre Nóbrega, EMEF Francisca Weinmann, EMEF Erlinda Vinadé, EMEF Júlio do Canto, EMEF João da Maia Braga, EMEF Renato Nocchi Zimmermann, EMEF Diácono João Luiz Pozzobon, EMEF Duque de Caxias, EMEF Dom Luiz Victor Sartori, EMEF Lidovino Fanton, EMEI Zulânia de F. Salamoni, EMEI Casa da Criança e EMEF Altina Teixeira (Prefeitura Municipal de Santa Maria, 01/05/2024). No dia 03 de maio,

---

<sup>6</sup> São elas: ESF Roberto Binato na Vila Caramelo, Centro Social Urbano (cancelado o turno estendido), UBS Oneyde de Carvalho, ESF Victor Hoffmann, UBS Itararé, UBS Estação dos Ventos, ESF São João, Policlínica José Erasmo Crossetti, UBS São Francisco, ESF Passo das Tropas, ESF Roberto Binato, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador Região Centro (CEREST), CAPS Prado Veppo, Policlínica Santa Maria Acolhe, UBS Kennedy, ESF São José, ESF Maringá, UBS Floriano Rocha e CAPS ad Companhia do Recomeço.

<sup>7</sup> Estrada Municipal Norberto Kipper, interrompida devido às águas estarem passando por cima da via; rua Vereador Antônio Dias com estrada de acesso ao Perau, no Bairro Campestre, com bloqueio total; ERS-511 km 4, Distrito de Arroio Grande, totalmente bloqueada; RSC-287 com bloqueio no km 200, no Posto Fuzer; RSC-287, bloqueada em trecho próximo à entrada da Base Aérea.

<sup>8</sup> As pontes com problemas eram: Ponte dos Banhados, limite de Santa Maria com São Gabriel, Distrito de Santa Flora; Arroio Lobato, Distrito de Arroio Grande; Ponte do Campestre, rua Vereador Antônio Dias, Bairro Campestre do Menino Deus; Ponte da Estrada Municipal José Kipper, Bairro Camobi; Rincão dos Barbosa, ponte caiu sem acesso, Distrito de Santo Antônio; Ponte do Caranguejo, Distrito de Santa Flora; Ponte na Rua Professor Fontoura Ilha, Bairro João Goulart; Três Barras, passando a ponte de ferro, próxima ao Distrito de Arroio Grande; Estrada da Invernadinha, Distrito de Arroio Grande; Ponte na Vila Schirmer, Bairro João Goulart.

através do Decreto Executivo Nº 82/2024 a prefeitura de Santa Maria declarou Estado de Calamidade Pública “devido às tempestades e chuvas intensas no município” (Prefeitura de Santa Maria, 04/05/2024).

Entre as escolas municipais mais atingidas pelas enchentes de 2024 estava a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes, situada no bairro Renascença, região oeste de Santa Maria. Com o objetivo de registrar a memória sobre como a catástrofe socioclimática de 2024 atingiu a escola, os autores realizaram entrevista com parte da equipe diretiva, as professoras Andréia Aparecida Libérale Schorn e Ana Paula Quevedo Postal Brignol, respectivamente diretora e vice-diretora da EMEF Sérgio Lopes<sup>9</sup>. A partir da percepção de que a história oral “não diz respeito só ao evento”, mas também “ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores” (Portelli, 2016, p. 12), procurou-se interpretar qual o lugar e o significado que a enchente de 2024 teve (e ainda tem) no cotidiano de uma escola fortemente ligada à comunidade a que pertence.

### **A EMEF Sérgio Lopes e o bairro Renascença**

A história da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes está diretamente ligada ao histórico do próprio bairro Renascença, sobretudo a reivindicação da comunidade ao direito à educação. A Vila Renascença origina-se de um processo de reassentamento iniciado entre os anos de 1975 e 1976, quando cerca de 100 famílias foram removidas da localidade pejorativamente chamada de Vila Caranguejo. No local foi construída a garagem da empresa de transportes urbanos Expresso Medianeira. Além disso, a antiga Vila Caranguejo, após a remoção, nas palavras de Santos e Schio (2012, p. 99), “foi pavimentada, arborizada, enfim valorizada e a partir daí passou a ser vista com ‘bons olhos’ pelo mercado imobiliário”. Em 1985, iniciou-se o processo de “urbanização” na Renascença. A Associação Comunitária, fundada em 1983, juntamente com a Prefeitura Municipal de Santa Maria realizou um levantamento socioeconômico dos moradores. A partir desse levantamento, a Secretaria Municipal de Planejamento “abriu ruas, instalou água e luz e responsabilizou-se pelo transporte de material e construção de casas” (Pinheiro, 2002, p. 68).

---

<sup>9</sup> A entrevista foi realizada pelos autores no dia 27 de junho de 2025, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes.

No início dos anos 1990, aproximadamente 12 famílias iniciaram uma ocupação nas margens do arroio Cadena, um arroio bastante poluído, pertencente à bacia hidrográfica do rio Vacacaí-Mirim, e que atravessa, ao longo de 14 km, boa parte do território urbano do município.<sup>10</sup> A partir de 2006, após a promulgação da Lei Complementar N° 42 de 29 de dezembro de 2006, que criou unidades urbanas e alterou a divisão urbana de Santa Maria, dando nova denominação aos bairros, a Vila Renascença passou a ser denominada bairro Renascença, abrangendo o Condomínio Residencial Arco Verde e a Vila Renascença (Santos; Schio, 2012, p. 109). Apesar dessa mudança de denominação, alterando seu “*status social*”, a localidade segue marcada pela exclusão social e pela precariedade dos serviços urbanos; não há unidade básica de saúde nem praças que podem ser utilizadas como área de lazer; nas palavras da professora Andréia Aparecida Libérale Schorn, “o único braço do Estado aqui é a escola”.

A EMEF Sérgio Lopes atende 108 estudantes nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. A Educação Infantil funciona em turno integral; as crianças chegam na escola às 8 horas e permanecem até as 17 horas. O Ensino Fundamental – anos iniciais funciona em turno parcial com as turmas divididas entre os turnos da manhã e tarde. Atuam na escola “aproximadamente 24” professores; a professora Andréia justifica o uso do termo aproximadamente com fato de que no momento da entrevista a escola estava “com contrato, transferência, nomeadas e concurso toda hora”, o que torna “difícil trabalhar nessa época”, uma vez que “cada pouco chega um, fica pouco tempo”. Com relação ao perfil socioeconômico dos estudantes, a professora Ana Paula Quevedo Postal Brignol relatou que nos:

Anos iniciais, quase 100% das crianças são daqui da comunidade, né? A Educação Infantil, nós temos crianças de outras comunidades, né? Porque são poucas escolas integrais, as famílias pagam VAN<sup>11</sup>, trazem até aqui. Nós temos na Educação Infantil, a realidade um pouquinho melhor, assim. Mas, da Renascença, assim, é uma comunidade bem carente, sabe? (...) Nós temos famílias que não têm nem salário, assim que vivem, às vezes, de Bolsa Família.

Falando sobre o perfil das famílias, a professora Andréia complementa afirmando:

---

<sup>10</sup> Em sua edição do dia 05/06/2022, o jornal *Diário de Santa Maria* publicou uma importante reportagem sobre o arroio Cadena, onde descreve as principais características daquele que é considerado “o curso de água mais importante da cidade” (*Diário de Santa Maria*, 05/06/2022).

<sup>11</sup> Transporte coletivo, um ônibus menor.

[...] A gente tem mãe analfabeto, a gente tem pai analfabeto. E, ao mesmo tempo, a gente tem, por causa disso, pessoas que não valorizam a educação, eles conseguiram tudo com o trabalho. O pouco que essas pessoas têm vem do trabalho, não vem do tanto que estudaram. Então, elas não têm essa referência.

Mesmo com esse pouco sentido atribuído à educação por parte de alguns familiares dos estudantes, historicamente a EMEF Sérgio Lopes é fruto da luta pelo direito à educação feita pela comunidade do bairro Renascença. Conforme publicação feita no perfil da escola na rede social Instagram<sup>12</sup>, em 07 de setembro de 2024, o início da escola remete aos primórdios da própria Vila Renascença com a doação de um terreno pelo senhor José Carnellosso. A Escola Vila Renascença seria inaugurada no dia 07 de outubro de 1978. A escola permaneceu sob administração municipal por um curto período e foi repassada para a administração da congregação católica dos Irmãos Maristas, que desde o início do século XX atua no campo educacional da cidade. A “nova escola” denominada Escola São Luiz manteve-se até 2001, quando a administração municipal reassumiu a escola, denominando-a EMEF Sérgio Lopes. Em 2011, a escola voltou novamente a ser assumida por uma instituição católica, a Sociedade Vicente Pallotti, passando a adotar o nome de Escola Vicente Pallotti. Com a perda da filantropia, a instituição encerrou o convênio com a prefeitura e entregou a escola ao município. Em 2016, a escola é novamente reaberta com a denominação de EMEF Sérgio Lopes.

Todo esse processo é narrado pelas professoras Ana Paula e Andréia, que atuam na escola desde o ano de sua reabertura. Conforme a professora Ana Paula:

[...] a escola tem 48 anos. E ela iniciou aqui como a Escola São Luís dos Irmãos Maristas. Daí, quando eles fecharam aqui, abriram a Escola Marista Santa Marta. Daí, o município assumiu. Daí, ele depois foi à Escola Sérgio Lopes. Daí, depois teve filantropia com a Pallotti, que cessou em 2015. Daí, em 2015, quando cessou a filantropia, devolveram para o município. E daí, a Vanessa Medianeira, ela era..., trabalhava na SMED. Ela foi convidada para assumir a direção em 2016. Ela convidou a Andréia, que já conhecia, eram colegas. E daí a Vanessa, naquele ano, 2016, teve um concurso onde foram chamados, eu, inclusive, fui uma que tinha passado em educação infantil anos iniciais e conheci a Vanessa do Marista Santa Marta. E daí a

---

<sup>12</sup> Para uma discussão sobre as Redes Sociais como fontes históricas ver: Andrade (2023). A postagem da escola pode ser conferida em [https://www.instagram.com/reel/C\\_oPPUjymBe/?igsh=ODJjMmtrNDkwazAy](https://www.instagram.com/reel/C_oPPUjymBe/?igsh=ODJjMmtrNDkwazAy).

Vanessa foi, junto com a Andréia, convidando as pessoas para trabalhar. Porque se tinha a ideia de fazer uma... que era uma utopia, assim, a educação que elas acreditavam, né? E daí elas foram convidando quando eu cheguei, daí eu também tô desde 2016 aqui com a André. Daquele ano até o slogan da escola era Uma Escola que Renasce [...].

A professora Andréia complementa a colega destacando que o slogan da escola foi adotado pois:

[...] a Vicente Pallotti tinha saído daqui e a gente tinha chegado e a comunidade queria muito a administração pública de novo. A gente fez uma reunião com a comunidade, eu e a Vanessa, perguntamos o que eles desejavam, né? E eles queriam educação infantil, que não tinha, só tinha Pré-escola, tinha muitas crianças pequenas. Eles queriam uma escola que ficasse, que não ficasse por um tempo e que saísse e tudo. Eles queriam que algumas pessoas voltassem para a escola, porque nesses períodos de filantropia algumas crianças ficaram fora do projeto que era vigente nessas escolas. Então, a gente ouviu a comunidade e vieram os professores. E a gente também tinha uma utopia, como diz a Ana, de fazer uma escola diferente. A Vanessa sonhava muito alto. Tinha a ponte, tinha a ideia de que aqui era a Renascença, uma escola que pudesse se fazer um projeto pedagógico mais potente numa comunidade (...) as pessoas eram meio perdidas nas comunidades.

As professoras Ana Paula e Andréia destacam ainda que a comunidade era muito marcada pela violência e pelo tráfico de drogas. Recordando de uma reunião que participou em 2015, em que foi discutida a reabertura da escola, a professora Andréia relata que na ocasião uma senhora disse que a EMEF Sérgio Lopes serviria para “tirar a Renascença da página da polícia, contar umas histórias bonitas sobre a Renascença, (...) vocês são professoras, a gente quer muito que as crianças tenham um lugar pra ir seguras”.

Em estudo realizado sobre a Associação Comunitária do bairro Renascença, Santos e Schio (2012, p. 109) destacam que a maioria das mulheres e homens moradores da localidade se ocupava com trabalhos precários, como empregadas domésticas, faxineiras, babás, pedreiros, pintores, marceneiros, no comércio informal ou na coleta de lixo reciclável. Grande parte dos moradores não havia concluído o Ensino Fundamental, e alguns eram analfabetos; os “moradores que têm maior escolaridade são os jovens, com até 20 anos aproximadamente, que concluem o Ensino Fundamental na Escola Sérgio Lopes e, se possível, prosseguem seus estudos”. Esse diagnóstico já demonstra o papel fundamental desempenhado pela escola junto à comunidade do bairro, sobretudo no que diz respeito à inclusão escolar. Porém, este não é único papel que a escola desempenha no bairro Renascença; sua atuação na enchente de 2024 deixou isso bem evidente.

## O bairro Renascença e a enchente de 2024

No Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria, elaborado a partir de uma parceria entre a prefeitura e a Empresa Concretex Indústria de Artefatos de Concreto Ltda, em vigor desde outubro de 2006<sup>13</sup>, a Vila Renascença, uma das unidades do bairro Renascença<sup>14</sup>, é identificada como uma das 22 áreas do município “com potenciais diversos de risco”, sendo classificada, quanto ao processo geomorfológico, como área de risco de alagamento e inundação. Em função de sua localização, a Vila Renascença foi agrupada junto a outras localidades no Grupo de Risco 1 – Margens do Arroio Cadena e Afluentes.<sup>15</sup>

No Mapeamento de Risco das Áreas Relacionadas ao Grupo 1 – Margens do Arroio Cadena e Afluentes, o Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria, no que tange à Vila Renascença, indicou:

Dentre os problemas ocorrentes na área, há 18 edificações irregulares sujeitas a impacto direto do processo, em que a remoção e a realocação é necessária, pois localizam-se em área permanente de preservação (APP) e não respeitam o recuo mínimo das margens do arroio Cadena (Prefeitura de Santa Maria, 2006, p. 82).

Apesar desse alerta feito em um documento oficial, nenhuma providência foi tomada no sentido de amenizar os riscos apontados. Nas primeiras semanas de outubro de 2015, quando a cidade foi afetada por fortes chuvas, parte da ponte que dá acesso ao bairro Renascença cedeu, comprometendo o deslocamento dos cerca de 500 moradores do bairro. Além deste problema, o bairro também ficou sem abastecimento de água (*Diário de Santa Maria*, 09/10/2015). Em 09 de junho de 2023, o jornal *Diário de Santa Maria* publicou uma reportagem destacando que o número de áreas de risco no município havia subido para 115 pontos. Conforme o jornal, em fevereiro de 2022, o município possuía 81 áreas de risco. Em agosto daque-

---

<sup>13</sup> O Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria encontra-se em revisão desde março de 2024, em um trabalho envolvendo, além da Prefeitura Municipal, a Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>14</sup> Conforme a Lei Complementar N° 042, de 29 de dezembro de 2006, a VILA RENASCENÇA é classificada como a “unidade residencial urbana que confronta ao sudoeste e noroeste com o fundo dos lotes que confrontam, respectivamente, ao nordeste e sudeste com a Rua da Felicidade; ao nordeste, com a canalização do Arroio Cadena, e ao sudeste, com a Rua Irmã Dulce”.

<sup>15</sup> Faz parte desse grupo as seguintes localidades: Vila Cerro Azul, Vila Salgado Filho, Km 2, Vila Oliveira, Vila Arco-Íris, Vila Renascença, Vila Urlândia e Vila Ecologia.

le mesmo ano, o número de áreas de risco já havia subido para 107. Cerca de dez meses depois, oito novas localidades passaram a ser classificadas como área de risco. Quase nove meses antes da pior catástrofe socioclimática que atingiu a cidade, cerca de 4 mil pessoas viviam sujeitas a alagamentos, inundações e deslizamentos de terra. Entre os pontos de risco por bairro, a matéria indicava, no bairro Renascença, a rua Irmã Dulce esquina com rua da Felicidade, ou seja, parte da mesma região que já havia sido indicada, em 2006, no Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria (*Diário de Santa Maria*, 09/08/2023).

Além da indicação da região da Vila Renascença como área de risco, o Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria chamou atenção para a seguinte situação envolvendo um dos afluentes do arroio Cadena que desemboca justamente naquele local:

[...] embora o arroio afluente não tenha alta vazão, quando ocorrem eventos de chuvas mais intensas associadas ao despejo de águas pluviais, há o represamento deste afluente pelo arroio Cadena, em consequência é represado um valão de escoamento de esgoto cloacal e águas servidas, que passa a poucos metros dos fundos das edificações deste setor, causando alagamento das áreas próximas (Prefeitura Municipal de Santa Maria, 2006, p. 81).

Foi justamente essa a situação vivenciada por dezenas de famílias do bairro Renascença na enchente de 2024. Conforme a professora Andréia, a enchente de abril e maio de 2024 “colocou uma lupa em problemas que já existiam. Uma delas é a questão da fragilidade, tão próxima do Cadena”. A diretora da EMEF Sérgio Lopes alertou que um dos problemas está relacionado ao acúmulo do lixo no arroio Cadena: “Se coloca muito lixo aqui, a comunidade inclusive, vem lixo de outras comunidades, você coloca muito lixo. E daí isso veio à tona de uma forma muito gritante, assim, porque rapidamente alaga”. Segundo o pai de uma estudante, que enviou um áudio para a professora Andréia, o sistema do bueiro que deveria dar vazão ao arroio Cadena não funciona, “está obstruído e não tem manutenção”. Ainda conforme a professora, outro pai de estudante “disse que a água sai no Cadena, mas é muito embaixo. Aí quando o Cadena sobe, aquilo não sai, foi bem pra cima dos bueiros. Aí alaga”.

Ainda sobre a forma como a comunidade da Vila Renascença foi atingida pela enchente, a professora Ana Paula destacou:

[...] a gente teve muitos relatos assim, goteiras que tinham, que a gente sabe que às vezes não é dessa chuva, mas pela questão que não tem às vezes como arrumar. Mas daí famílias que tiveram as casas alagadas, os pátios

também sem drenagem, que alaga o pátio, que não podem sair pra fora, daí eu perguntei o que eles achavam que era, que poderia ter acontecido. Muitos, a gente também achava que era muito a questão do lixo dos bueiros, aí um pai disse pra nós, profe falam, mas não é só isso, porque por mais que tu limpe os bueiros, não tem saída a água, tem algum momento que tá trancando, né? Então, a gente também pode ter essa visão de que a questão dos alagamentos aqui na rua, que são essas duas ruas que sofrem muito a cada chuva, é em função disso. É a questão de que não tá saindo a água pra onde tem que sair, tá trancada em algum lugar. Também é a questão do lixo, né?

Os problemas relacionados ao arroio Cadena, destacados pelas professoras da EMEF Sérgio Lopes e que haviam sido descritos no Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria, também receberam destaque na matéria “Arroio Cadena: o curso de água mais importante da cidade”, publicada pelo jornal *Diário de Santa Maria* em 05/06/2022. A matéria apontava que os “principais impactos negativos do Cadena têm relação com a urbanização no entorno do arroio, o despejo de esgotos sanitários, seja na periferia ou na região central, a ocupação irregular de suas margens e a retirada da mata ciliar”. O jornal chamava atenção para o fato de o Cadena receber “todo o esgoto pluvial da cidade – a água da chuva corre pelas ruas, cai nas sangas que acabam desaguando por lá”, além de também receber “o esgoto sanitário não coletado pela Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan)”. Outro problema relacionado ao arroio Cadena era o fato de que muitos santa-marienses fazermem do córrego um “depósito de esgoto, entulhos e toda espécie de lixo”. Por fim, o geógrafo Fernando Floresta, entrevistado para a matéria, alertou que a partir desses problemas “acontecem catástrofes conhecidas em que episódios de inundações são apenas uma pequena parte do problema” (*Diário de Santa Maria*, 05/06/2022).

A distância temporal entre o diagnóstico elaborado no Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria, entregue em outubro de 2006, e a enchente de 2024, o alerta dado pelas consequências das chuvas de 2015 e pelas matérias sobre o arroio Cadena em 2022 e sobre o aumento significativo das áreas de risco em 2023 (menos de um ano antes da pior catástrofe socioclimática vivenciada pela cidade) remetem-nos à afirmação de Ermínia Maricato (2002, p. 135) de que a “história do planejamento urbano no Brasil mostra a existência de um pântano entre sua retórica e sua prática, já que estava imerso na base fundante marcada por contradições: direitos universais, normativa cidadã – no texto e no discurs-

so – *versus* cooptação, favor, discriminação e desigualdade – na prática da gestão urbana”. Uma realidade que se refletiu diretamente nas prioridades das administrações municipais de Santa Maria. Ao longo dos 18 anos que separam o Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria e a enchente de 2024, as grandes obras urbanísticas da região próxima ao bairro Renascença estiveram relacionadas à abertura de um novo *shopping center*, inaugurado em 2017 (GHZ, 01/09/2017). Desde sua inauguração, o Shopping Praça Nova passou a ser saudado como sinônimo de modernização e progresso para a região Oeste. Porém, “da ponte pra cá” (parafraseando o grupo Racionais MCs<sup>16</sup>) o mundo seguiu diferente (ou seria (des)igual?), inclusive na EMEF Sérgio Lopes.

### **A EMEF diante da enchente de 2024**

Em seu relato sobre os alagamentos no bairro Renascença, a professora Andréia chamou atenção para o fato de que “um problema que é estrutural da vila e se reflete na escola”. Assim, como boa parte do bairro, sobretudo a região da Vila Renascença, a escola também alagou. A escola já vinha sofrendo com as chuvas constantes nos últimos dias do mês de abril, porém a semana situação ficou crítica no dia 30/04/2024, quando, conforme já destacamos, o acumulado de chuvas em Santa Maria foi de 135 mm, como se identifica na Figura 01.

---

<sup>16</sup> Referência à música “Da ponte pra cá” do grupo de rap Racionais MCs, lançada no álbum “Nada como um dia após o outro”, de 2002.

Figura 1 – Escola durante as chuvas de 2024



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).

Na entrevista concedidas aos autores, as professoras Andréia e Ana Paula relataram suas memórias sobre aquele dia:

Andréia: Ele (o Arroio Cadena) era muito forte, a gente tem os registros de tudo daquela época. A escola aqui do lado. E as gurias, o pessoal que trabalhava aqui dizia muito, vai alagar, professora, vai alagar. E alagou mesmo. (...) A gente carregou as crianças no colo.

Ana Paula: Era 11 horas, 10 horas, estava chovendo e a gente olhando, mas será que vai? Será que vai? E começou, e ficou assim, daí a gente desesperada. (...) Daí nós mandamos para as famílias, que a gente estava preocupado, que estava subindo muito o nível do Cadena, e que estava a escola alagada,

para as famílias que pudessem vir, vieram buscar. Ficou uma criança aqui dentro. (...) Então colocamos ele no carro e fomos até a casa para levá-lo. A família não ouviu a mensagem. E nós saímos correndo, apavorados.

Andréia: (...) nós tiramos as crianças do... Tudo no colo, um por um. Um por um. E nós íamos carregando, porque a água vinha... com os pezinhos e tudo. Nós íamos carregando as mochilas e empregando ali na frente. (...) As crianças com muito medo, né? E os professores dizendo, vai, tem uma prof. aqui que sempre diz, vai cair a ponte, vai cair a ponte, vai cair a ponte.

Felizmente a ponte não caiu! Porém, as águas foram rapidamente adentrando na escola, começando pelo pátio que não possui sistema de drenagem. Com o alagamento do pátio e a não vazão as águas da chuva acabaram escoando para o interior da escola. Essa foi uma situação que não se verificou apenas no período das enchentes de 2024, mas que tem sido recorrente na EMEF Sérgio Lopes, conforme Figura 02. Nas semanas que antecederam a entrevista realizada com as professoras Andréia e Ana Paula, Santa Maria havia novamente vivenciado fortes chuvas que provocaram novos alagamentos e deixaram, mais uma vez, famílias desalojadas e desabrigadas.<sup>17</sup> Conforme as informações repassadas pela Defesa Civil Municipal à imprensa, no dia 17/06/2024 haviam sido registradas 56 ocorrências nos bairros Pinheiro Machado, Juscelino Kubitschek, Caturrita, Nova Santa Marta, Noal, Divina Providência, Itararé, Lorenzi, Passo das Tropas, Dores, Pé de Plátano, Renascença, São José, Tancredo Neves, Urândia, Passo D'Areia, Rosário, Campestre, Camobi, Medianeira e São João (*Diário de Santa Maria*, 17/06/2024). Mais uma vez, o bairro Renascença esteve entre os locais atingidos.

---

<sup>17</sup> A entrevista com as professoras Andréia e Ana Paula foi realizada no dia 27 de junho de 2025. Somente no período entre a noite de 16/06 e as 6h30min do dia 17/06 choveu 198 mm, um volume superior ao do dia 30/04/2024.

Figura 2 – Fotografia da EMEF Sérgio Lopes



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).

As memórias do passado-presente da enchente de 2024 e das semanas anteriores à entrevista se refletem nas palavras da professora Ana Paula em seus relatos sobre o alagamento da escola:

[...] chove tanto que não dá tempo de drenar a água. Mas, assim, alaga chega a entrar um pouco nas salas, né, Andréia? E nós temos, assim, como as crianças precisam se locomover de uma sala pra outra, pro refeitório, pro banheiro, às vezes fica impossível de tu manter, né? Mas a comunidade tem sofrido muito mais, porque a comunidade alaga, tem duas ruas que os pais mandam as fotos, os vídeos pra nós, assim, assim de água nas casas, sabe? De perder as coisas.

O destaque dado pela vice-diretora ao fato da comunidade do bairro Renascença ter “sofrido muito mais” pode ser interpretado como o reforço da identidade da EMEF Sérgio Lopes como uma instituição fortemente ligada à comunidade onde está inserida. Essa identidade pode ser buscada tanto na luta dos moradores do bairro pela reabertura da escola em 2015/2016 como na afirmação da professora Andréia de que (na Educação Infantil) “quase 100% das crianças são daqui da comunidade”. Ao mesmo tempo, a frase proferida pela professora Ana Paula também pode ser vista como um compromisso e uma afirmação do papel da escola diante dessa mesma comunidade produtora de sua identidade. Aqui podemos destacar

a responsabilidade social da escola entendida pela equipe diretiva da EMEF Sérgio Lopes como “o único braço do Estado” no bairro Renascença.

O entendimento da EMEF Sérgio Lopes como “único braço do Estado” no bairro Renascença e a responsabilidade social que daí decorre são os fios condutores que indicam o lugar e o significado que a enchente de 2024 teve (e ainda tem) no cotidiano da escola. Para além dos relatos das condições precárias do bairro e da escola e dos alagamentos ocorridos, as memórias das professoras Andréia e Ana Paula guardam espaços significativos para as ações de solidariedade e de auxílio feitas pela escola. Campos e Paradela (2024) chamam atenção para a atuação das escolas públicas na resposta às enchentes. Muitas escolas públicas transformaram-se em abrigos temporários e centros de assistência para famílias desalojadas e desabrigadas, além de organizar campanhas de arrecadação de recursos como alimentos, roupas e medicamentos. Muitos professores e funcionários tornaram-se voluntários no suporte às famílias atingidas. Nas palavras dos autores, as “escolas também se tornaram centros de integração social, nos quais a comunidade afetada pôde se reunir e encontrar um sentido de normalidade” (Campos; Paradela; 2024, p. 15).

A EMEF Sérgio Lopes não chegou a ser transformada em abrigo temporário, porém desde os primeiros momentos cumpriu um papel relevante na mitigação dos danos à comunidade do bairro Renascença. Uma das primeiras ações da escola foi enviar um formulário para entender a situação das famílias dos estudantes, uma prática adotada pela escola em momentos de crise desde a pandemia da Covid-19, assim como a criação de grupos no aplicativo *WhatsApp* com professores e familiares. O contato direto com as famílias fez com que a equipe diretiva tomasse conhecimento de situações em que pessoas que perderam parcialmente suas casas tiveram que se mudar da comunidade, pessoas que ficaram desabrigadas em outros locais e vieram para o bairro Renascença, famílias que se juntaram em uma mesma casa, algo muito comum em um local onde “mesmo vizinhos (...) são todos parentes”, pessoas que saíram de suas casas e foram para casas de parentes, mas tiveram que voltar, pois a casa do parente “também alagou”.

O diagnóstico feito pela escola a partir dos formulários subsidiou algumas ações emergenciais do próprio poder público municipal. A professora Andréia recorda que a prefeitura municipal chegou a perguntar para a escola “quais são as famílias que precisam de material?”. Mesmo tendo auxiliado a prefeitura municipal com os dados coletados, a escola não se

limitou apenas a subsidiar ações de outros órgãos públicos, também cumpriu papel ativo inclusive na doação de materiais de construção como relata a diretora: “Naquela ocasião, tinha muito tijolo aqui, né? Porque a gente tinha tirado os tijolos que tinham sido doados pra fazer o muro, que nunca foi feito. (...) algumas famílias disseram, pelo amor de Deus, dá os tijolos. Eu disse sim, tá à disposição de vocês”. Os materiais de construção (tijolos) doados pela escola serviram para reparar alguns dos danos causados pelas chuvas nas casas dos familiares dos estudantes.

Além da doação dos tijolos que serviriam para a construção do muro dos fundos da escola, obra que, apesar das promessas e de um contrato assinado pela prefeitura, até a data da entrevista com a equipe diretiva ainda não havia sequer começado, a EMEF Sérgio Lopes também se transformou em um espaço de recebimento de doações feitas por pessoas e instituições de outras regiões da cidade. Da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Santa Maria e dos funcionários de uma agência do Banco do Brasil a escola recebeu materiais escolares que foram destinados aos estudantes que viram seus cadernos, livros e mochilas serem danificados pela água. Ao mesmo tempo, a escola foi recebendo vários kits de roupas, porém, nas palavras da professora Andréia, “faltavam roupas específicas, tipo roupa íntima, roupa meia, roupa para as pessoas muito gordas, plus, roupa para criança muito pequena e tudo”. Isso fez com que os professores e os funcionários da escola organizassem as solicitações por demanda, conforme relata a professora Andréia:

[...] a gente começou a pedir fazer uma triagem. Olha, do que que você precisa? Eu ia para a Defesa Civil e ia para as pessoas da comunidade pedir aquela coisa. Ele chegava, roupa para cá, eu tinha que entregar. Olha, professora, eu preciso de fralda, eu preciso de lenço umedecido. Várias coisas assim. A gente foi fazendo demandas assim.

Em meio a toda a organização das demandas a escola também passou a ter uma outra função: suprir a fome das crianças e das famílias dos estudantes. Conforme as professoras Andréia e Ana Paula indicaram, a comunidade escolar é “bem carente” com “famílias que não têm nem salário” e que “vivem, às vezes, de Bolsa Família”. Em uma realidade marcada pela precariedade, pela renda insuficiente e pela exclusão social, a merenda escolar faz toda a diferença para as famílias dos estudantes, ainda mais em tempos onde a busca pelo sustento se torna ainda mais difícil, como foi o período da enchente de 2024. Nesse sentido, movimentos sociais e organi-

zações da sociedade civil passaram a fornecer refeições para as pessoas que, direta ou indiretamente, foram atingidas pela enchente. A maioria dessas “cozinhas solidárias” foram montadas em locais improvisados exclusivamente para o período da catástrofe socioclimática (*Brasil de Fato*, 04/05/2024). Porém, inúmeros restaurantes também passaram a cumprir o papel de “cozinha solidária”.

As “cozinhas solidárias” tornaram-se grandes parceiras de EMEF Sérgio Lopes no combate à fome, não apenas dos estudantes da escola, mas também de inúmeras famílias da comunidade do bairro Renascença, o que fez muita diferença naquele momento, como lembram as professoras Andréia e Ana Paula:

Andréia: [...] algumas instituições, como restaurante, igrejas, enfim, disseram, olha, a gente leva comida, você tem para quem distribuir? Eu disse, ah, graças a Deus, porque a gente vai, não tem merenda escolar, faz muita diferença aqui, impacta muito. E daí, para as nossas crianças, nós dizíamos um número de pessoas. E daí as pessoas vinham aqui e buscavam alimentação. Daí a gente se deu conta que a família inteira não tava comendo. Aí a gente começou a fazer por família, né? Aí nós fizemos uma outra contagem de quais famílias iam ficar sem comida. Daí cada aluno levava... Ah, lá em casa moram cinco. Lá em casa moram seis. Aí nós começamos a fazer a conta assim. Viam e buscavam o almoço. E daí depois de alguns momentos a gente recebeu lanche. Aí era bolacha, sanduíche, pão. Aí a gente também chamava por família, vinha aqui e levava o lanche. Leite, levava as caixinhas.

Ana Paula: As famílias têm muito disso. Nós mandávamos o convite no grupo. Olha, nós recebemos hoje doação. Era risoto, né?

Andréia: Risoto.

Ana Paula: De risoto, as famílias que quisessem. E daí tinham famílias até as cestas básicas.

Andréia: A gente mandava.

Ana Paula: Olha, nós temos doação.

Andréia: Cesta básica.

Ana Paula: Não, prof, dessa vez não. Passa pra outro. Então, as famílias que vinham eram realmente aquelas que precisavam, assim, que estavam, né?

Andréia: Aí foi uma ação bem legal, assim, tinha gente que ficou boa nisso até. Eu digo porque vinham contadinhas as marmitas.

No meio de toda essa solidariedade, as professoras também puderam perceber a solidariedade para com os próprios trabalhadores da educação, que, ao transformarem a escola em um centro de acolhimento, demonstravam na prática a capacidade das escolas de “assumir papéis multifacetados durante as crises, incluindo a função de abrigo e suporte comunitário” (Cam-

pos; Paradela, 2024, p. 13). Tudo isso sem deixar de lado o afeto, que é parte fundamental do fazer educativo, e a capacidade de se emocionar, conforme relata a professora Andréia:

[...] Era uma coisa gentil, delicada, sabe? Emocionava a gente. Tinha gente que, inclusive... Ah, a gente trouxe todas essas aqui para vocês, porque nós também ficamos sem almoço. Então, nós ficávamos trabalhando, não tinha água, eu fiquei sem água e na minha casa. Então, teve professor e também teve a casa, vinha trabalhar e estava com a casa em péssimas condições. Então, a gente ficava emocionado com o carinho das pessoas, sabe?

A emoção e o carinho recebidos pelas professoras em meio ao pragmatismo das ações em um momento de exceção fizeram-nas perceber que, apesar da posição social em que se encontram, diretora e vice-diretora de uma escola, elas também foram vítimas da catástrofe socioclimática causada pela enchente. Em um artigo que tem como tema as memórias dos desastres socioambientais no sul de Santa Catarina entre 1974 e 2004, Lopes (2021, p. 317) afirma que “nas memórias traumáticas produzidas pelos desastres todos os sobreviventes se veem como vítimas”. Ao mesmo tempo, o autor também chama atenção para o fato de que um “veredicto entre a complexa relação entre desastres, memória, trauma e esquecimento antes de dar conta do caráter de excepcionalidade conferido ao evento, em nível individual e coletivo, e, igualmente, das formas de enquadramento das memórias do desastre”. No caso do enquadramento das memórias das professoras Andréia e Ana Paula sobre o lugar e o significado que a enchente de 2024 teve (e ainda tem) no cotidiano da EMEF Sérgio Lopes, uma escola fortemente ligada à comunidade a que pertence, a percepção como vítimas não é entendida como figuras passivas que foram envolvidas em uma catástrofe socioclimática que alterou a rotina de seus trabalhos e a normalidade de suas vidas. O enquadramento de suas memórias demonstra os seus entendimentos como “vítimas ativas”, inseridas em um contexto trágico que reforçou os vínculos da escola com a comunidade onde está inserida, bem como o seu “lugar de memória” como “o único braço do Estado” no bairro Renascença.

## Conclusão

Falar da enchente de 2024 é tratar da pior catástrofe socioclimática vivenciada na história do estado do Rio Grande de Sul e toda uma carga de traumas, sentidos e significados que lhe foram atribuídos por diferentes sujeitos e agentes sociais. Desde os fáticos meses de abril e maio de 2024,

muito se tem falado em reconstrução, readequação de equipamentos de infraestrutura e de adaptação ao “novo normal” imposto pelas mudanças climáticas. Em meio a esses discursos, termos como resiliência climática passaram a ser utilizados como se o enfrentamento a cada vez mais constantes catástrofes socioclimáticas fosse apenas uma questão de absorção dos impactos e retorno à “normalidade”. Mas, afinal, o que significa o retorno à “normalidade” para quem vivencia em seu cotidiano uma “normalidade” precária que é potencializada quando ocorrem as catástrofes socioclimáticas?

Essa é uma resposta que só pode ser ouvida quando damos voz às vítimas da precariedade, que são sempre as pessoas mais afetadas por qualquer acontecimento e as que mais sofrem as suas consequências. Para esses sujeitos, as catástrofes socioclimáticas apenas colocam “uma lupa em problemas que já existiam”. Assim foi na pandemia da Covid-19, assim foi na enchente de 2024. A comunidade do bairro Renascença, assim como um conjunto de comunidades periféricas situadas em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, vivenciou nos fatídicos meses de abril e maio de 2024 seus antigos problemas se misturarem aos novos problemas causados pelas fortes chuvas. Vivenciou, mais uma vez, o poder público verificar aquilo que ele mesmo já havia diagnosticado em 2006, assistido em 2015, alertado em 2022 e novamente diagnosticado em 2023. A terminologia área de risco parece fazer sentido apenas para aqueles que têm apenas o risco como opção. São esses que observam de forma preocupada a possibilidade de entupimento do bueiro e de alagamento das casas e das ruas e que temem pela queda da ponte. Temem porque sabem que “da ponte pra cá” o “único braço do Estado” é a escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Lopes, ciente dessa realidade, não foge de sua responsabilidade social e de seus vínculos com a comunidade. É isso que se percebe quando buscamos interpretar qual o lugar e o significado que a enchente de 2024 teve (e ainda tem) no cotidiano da escola a partir da memória das professoras Andréia Aparecida Libérale Schorn e Ana Paula Quevedo Postal Brignol, respectivamente diretora e vice-diretora da EMEF Sérgio Lopes. Seus relatos sobre a forma como a escola e a comunidade escolar, formada majoritariamente por estudantes oriundos do bairro Renascença, viveram os dramáticos momentos da enchente demonstram o quanto a escola foi capaz de assumir não apenas o papel de “único braço do Estado” na comunidade, mas também de

assumir diferentes papéis como espaço de acolhimento e solidariedade. “Uma escola que renasce”, o lema escolhido quando da reabertura da escola em 2016, talvez nunca tenha feito tanto sentido como no momento em que a EMEF Sérgio Lopes assumiu a linha de frente no auxílio ao renascimento da comunidade que tanto lutou pelo próprio renascimento da escola.

## Referências

ANDRADE, Débora El-Jaick. Redes sociais e história digital. **REMATEC**, v. 18. Belém (PA), 2023. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/509>.

ARROIO Cadena: o curso de água mais importante da cidade. **Diário de Santa Maria**, 05/06/2022. Disponível em: [https://diariosm.com.br/noticias/geral/arroio\\_cadena\\_o\\_curso\\_de\\_agua\\_mais\\_importante\\_da\\_cidade.520273](https://diariosm.com.br/noticias/geral/arroio_cadena_o_curso_de_agua_mais_importante_da_cidade.520273).

BOLETINS DA DEFESA CIVIL/RS. Disponíveis em: <https://www.estado.rs.gov.br/boletins-sobre-o-impacto-das-chuvas-no-rs>.

CHUVA em Santa Maria provoca alagamentos e mais de 170 pessoas já deixaram suas casas. **Diário de Santa Maria**, 17/06/2025. Disponível em: [https://diariosm.com.br/noticias/geral/\\_chuva\\_em\\_santa\\_maria\\_provoca\\_alagamentos\\_e\\_mais\\_de\\_170\\_pessoas\\_ja\\_deixaram\\_suas\\_casas.15430447](https://diariosm.com.br/noticias/geral/_chuva_em_santa_maria_provoca_alagamentos_e_mais_de_170_pessoas_ja_deixaram_suas_casas.15430447).

COM investimento de 120 milhões, novo shopping é inaugurado em Santa Maria. **GZH**, 01/09/2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/com-investimento-de-120-milhoes-novo-shopping-e-inaugurado-em-santa-maria-9885859.html>.

COZINHAS solidárias de movimentos populares distribuem marmitas aos atingidos pelas enchentes no RS; veja como colaborar. **Brasil de Fato**, 04/05/2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/04/cozinhas-solidarias-de-movimentos-populares-distribuem-marmitas-aos-atingidos-pelas-enchentes-no-rs-veja-como-colaborar/>.

ENTREVISTA com as professoras Andréia Aparecida Liberale Schorn e Ana Paula Quevedo Postal Brignol. **Projeto História Oral da Catástrofe Socioclimática do Rio Grande do Sul**. Santa Maria, 27/06/2025.

GUIMARAENS, Rafael. **A Enchente de 1941**. 5. ed. Porto Alegre: Libretos, 2024.

HENKES, Jairo Afonso; HENKES, Katherine Welter. Um relato sobre a tragédia climática e ambiental: os efeitos das enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Meio Ambiente & Sustentabilidade**, 4(2), p. 190-214. Florianópolis (SC), 2024. Disponível em: <https://rbmaes.emnuvens.com.br/revista/article/view/416>.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS – INPE. Evento extremo no Rio Grande do Sul entre final de abril e início de maio de 2024. **Relatório**. Brasília: Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/relatorio-do-inpe-explica-evento-meteorologico-que-causou-a-tragedia-no-rs/chuvas-rio-grande-do-sul.pdf/view>.

**LEI Complementar Nº 042**, de 29 de dezembro de 2006. Disponível em: <https://camara-sm.rs.gov.br/atividades-legislativas/legislacao/lei-complementar/9150/lei-complementar-n-ordm-42-2006>.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. Memórias coletivas, traumas individuais: as memórias dos desastres socioambientais no sul de Santa Catarina (1974-2004). **História: Questões e Debates**, 26 (1), p. 302-320. Curitiba (PA), jan/jun de 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/63948/43109>.

MALINOSKI, André; GONZATTO, Marcelo; LOPES, Rodrigo. **A Enchente de 24**: a História da maior tragédia climática de Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2024.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

PARTE de ponte cede na Vila Renascença em Santa Maria. **Diário de Santa Maria**, 09/10/2015. Disponível em: [https://diariosm.com.br/noticias/geral/parte\\_de\\_ponte\\_cede\\_na\\_vila\\_renascenca\\_em\\_santa\\_maria.472899](https://diariosm.com.br/noticias/geral/parte_de_ponte_cede_na_vila_renascenca_em_santa_maria.472899).

PINHEIRO, Alessandra do Carmo. **Levantamento e análise do processo de ocupação irregular do solo urbano nos últimos 30 anos (1970-2000) em Santa Maria**. Trabalho de Graduação. Santa Maria: Curso de Geografia/UFMS, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PREFEITURA alerta população sobre inundação do Rio Vacacaí-Mirim em bairros da Região Leste do Município. **Prefeitura Municipal de Santa Maria**, 01/05/2024. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/28214-prefeitura-alerta-populacao-sobre-inundacao-do-rio-vacacai-mirim-em-bairros-da-regiao-leste-municipio>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Plano Municipal de Redução de Riscos de Santa Maria/RS**. Santa Maria: outubro de 2006.

QUEM são as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. **GZH**, 09/05/2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2024/05/quem-sao-as-vitimas-das-enchentes-no-rio-grande-do-sul-clvzvqy0j00gi01520hbzil5p.html>.

SANTA Maria declara estado de calamidade pública devido às chuvas intensas. **Prefeitura Municipal de Santa Maria**, 04/05/2024. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/28245-santa-maria-declara-estado-de-calamidade-publica-devido-as-chuvas-intensas>.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; SCHIO, Letícia Genro. A Associação Comunitária do bairro Renascença: conquistando direitos em Santa Maria. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs.). **Nova História de Santa Maria**: outras contribuições. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012.

SOBE para 115 o número de áreas de risco em Santa Maria; cerca de 4 mil pessoas vivem nestes locais. **Diário de Santa Maria**, 09/06/2023. Disponível em: [https://diariosm.com.br/noticias/geral/sobe\\_para\\_115\\_o\\_numero\\_de\\_areas\\_de\\_risco\\_em\\_santa\\_maria\\_cerca\\_de\\_4\\_mil\\_pessoas\\_vivem\\_nestes\\_locais.514584](https://diariosm.com.br/noticias/geral/sobe_para_115_o_numero_de_areas_de_risco_em_santa_maria_cerca_de_4_mil_pessoas_vivem_nestes_locais.514584).

# **Vulnerabilidade de mulheres e crianças em situações de desastres climáticos em abrigo coletivo**

*José Edimar de Souza<sup>1</sup>  
Vialana Ester Salatino<sup>2</sup>*

## **Considerações iniciais**

Instituímos a escrita do presente capítulo com base em dados parciais do estágio de pós-doutoramento vinculado ao projeto “Histórias da Escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos”, do Prof. Dr. José Edimar de Souza – com aprovação e financiamento da agência de fomento FAPERGS.

A pesquisa do pós-doutorado situa-se na investigação norteada pelo campo da História da Educação e intenciona investigar situações de vulnerabilidade de mulheres e crianças no período de desastres climáticos que levaram o Estado do Rio Grande do Sul no Brasil a declarar estado de calamidade pública iniciado em final de abril e maio do ano de 2024 e já prenunciado no mês de setembro do ano anterior (2023), o que se deu devido a fortes chuvas e cheias que causaram desabamentos e desabrigaram regiões inteiras, obrigando as vítimas que sobreviveram a serem abrigadas em instituições que abriram as portas com intuito de socorro.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Coordenador do projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), processo número: 24/2551-0002127-2, intitulada “*Histórias da escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos*”. E-mail: jesouza1@ucs.br.

<sup>2</sup> Psicóloga humanista com atuação nas áreas clínica e organizacional, docente da área de humanidades na graduação e pós-graduação (Lato Sensu) na Universidade de Caxias do Sul. Pós-Doutoranda no PPGEDU da UCS. Doutora e Mestre em Educação, com estágio de Pós-Doutorado em Educação na UCS. Especialista em Arteterapia, com MBA em Docência do Ensino, Pós-Graduada em Gerência Empresarial. Hipnóloga, facilitadora de grupos e mentora de desenvolvimento humano. Criadora do Canal Vialana Salatino no YouTube sobre o universo feminino. E-mail: vesalati@ucs.br.

Em especial nesta escrita contamos com oito entrevistas com pessoas que trabalharam voluntariamente em dois abrigos da cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, uma das cidades afetadas pela catástrofe climática, com quem pretendemos identificar se existiram casos de tentativa de abuso sexual, ocorridos com mulheres e crianças na época dos abrigamentos e que constituem dados parciais da pesquisa de pós-doutoramento.

O choque emocional do desastre climático de 2024 afetou todos os que o viveram, mas também quem viu pelas notícias o horror que foi pior ainda de em seguida receber notícias sobre crimes e violência sexual contra mulheres e crianças abrigadas no próprio local do abrigo, as quais já estavam traumatizadas pela perda do local de moradia e pela tragédia que foi tudo isso. Logo notícias de fácil acesso por diversas mídias, contundentes e que vieram para horrorizar todos nós, como as que seguem conforme levantamento para análise documental relacionada a esse momento vivido pelas então vítimas da enchente no RS, conforme foi veiculado pelas mídias.

### Quadro 1 – Notícias que comprovam a existência de violência sexual e abusos nos abrigos

**Notícias sobre abusos e estupro de mulheres e crianças nos abrigos do RS durante o desastre climático de 2024, sobre criação de abrigos femininos e sobre prisões de suspeitos desses crimes nos abrigos.**



The image shows a screenshot of a news article from CNN Brasil. The header includes the CNN logo and navigation links: 'Ao vivo', 'Política', 'WW', 'Economia', 'Esportes', 'Pop', and 'Viagem'. The main headline is 'Bases são criadas para atender mulheres e crianças no RS após denúncias de violência nos abrigos'. Below the headline, the text reads: 'Autoridades e ONGs chamam atenção para casos de violência contra mulheres e crianças em abrigos; estado contabiliza 8 prisões'. The byline is 'Leticia Cassiano e Felipe Souza, da CNN\*, São Paulo' and the date is '10/05/2024 às 22:23 | Atualizado 11/05/2024 às 16:40'. At the bottom, it provides the URL: 'Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bases-sao-criadas-para-atender-mulheres-e-criancas-no-rs-apos-denuncias-de-violencia-nos-abrigos/'.

**g1** JORNAL NACIONAL

voluntários organizam alimentos e roupas. As temperaturas baixaram e a solidariedade vai precisar chegar também em forma de agasalhos e cobertores.

Setenta mil pessoas estão vivendo em abrigos em todo o estado. Desde o início dos alagamentos, a polícia registrou cinco casos de abuso sexual nesses locais. E todos os abusadores foram presos. O governo do Rio Grande do Sul disse que reforçou a segurança nos maiores abrigos, principalmente à noite.

---

**"A principal prioridade é combater crimes dentro de abrigos e garantir a segurança das pessoas que estão lá", afirma Sandro Caron, secretário de Segurança Pública do Rio Grande do Sul.**

---

Nesta sexta-feira (10), em Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, voluntárias abriram um local para acolher somente mulheres e crianças. No sábado (11), a prefeitura de Porto Alegre vai abrir outro para 50 mulheres e crianças de até 12 anos.

Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/10/no-rio-grande-do-sul-70-mil-pessoas-estao-vivendo-em-abrigos.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

[globo.com](#) | [g1](#) | [ge](#) | [gshow](#) | [globoplay](#) | [g1jogos](#) | [o globo](#)

MENU | **g1** RIO GRANDE DO SUL 

## Governo do RS reforça segurança nos abrigos; 11 pessoas foram presas

Segundo o secretário de Segurança Pública, as prisões são referentes a crimes praticados em abrigos, incluindo crimes sexuais; todos os suspeitos foram presos.

Por g1 RS e RBS TV  
10/05/2024 14h59 - Atualizado há 9 meses

Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/10/governo-do-rs-reforca-seguranca-nos-abrigos-11-pessoas-foram-presas.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.



EXPLORE | GAZETA DO POVO | Domingo, 13 de Abril de 2025 | Assinar

> Brasil República | São Paulo

Casos em investigação

## Abrigos do Rio Grande do Sul têm denúncias de abuso sexual

Por Juliet Manfrin 10/05/2024 às 14:25 Atualizado em 10/05/2024 às 15:34

Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/brasil/abrigos-rio-grande-do-sul-denuncias-abusos/>. Acesso em: abril de 2025.



Seu time | Seu signo | Jogos | Dólar ↓ 5,871

Noticias

## Estupros em abrigos mostram que tragédia no RS não é só climática

14/05/2024 06h:38

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2024/05/14/estupros-em-abrigos-mostram-que-tragedia-no-rs-nao-e-so-climatica.htm>. Acesso em: abril de 2025.



revistaforum.com.br/brasil/2024/5/9/abrigos-no-rs-quatro-homens-so-presos-acusados-de-abusos-contra-menores-158539.html

RIO GRANDE DO SUL

## Abrigos no RS: quatro homens são presos acusados de abusos contra menores

É em momentos trágicos como o que o país vive no Sul que surgem os heróis. E também os canalhas

Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2024/5/9/abrigos-no-rs-quatro-homens-so-presos-acusados-de-abusos-contra-menores-158539.html>. Acesso em: abril de 2025.

O Metrôpoles utiliza cookies de navegação. [Saiba Mais](#) **ACEITAR**

Menu Ative nossas notificações

**METRÓPOLES**

Últimas notícias Colunistas ▾ Brasil DF SP Mundo Entretenimento Vida & Estilo Saúde Ciência

Página inicial > Brasil

**Brasil**

## Abuso sexual em abrigos e nas ruas vira outro pesadelo no RS

Para se protegerem de abuso sexual, mulheres desabrigadas pelas chuvas no RS buscam refúgio em redes de proteção e locais seguros

Lara Ely  
02/06/2024 02:00, atualizado 02/06/2024 14:02

Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/abuso-sexual-em-abrigos-e-nas-ruas-vira-outro-pesadelo-no-rs>. Acesso em: abril de 2025.

**Últimas Notícias**

Esportes  
Flu marca no fim, bate o Santos e ofusca retorno de Neymar. Veja o gol

Brasil  
Cirurgia de Bolsonaro termina após 11 horas. "Concluída com sucesso"

Na Mira  
Familia de menina morta após inalar

Seções **ESTADO DE MINAS** Gerais Política Economia Nacional Internacional Saúde Cultura Degusta **Assine**

Início > Nacional

NÃO BASTASSE A TRAGÉDIA

## Suspeitos de estuprar vítimas de enchentes em abrigos no RS são presos

De acordo com as investigações, vítimas são menores de idade e têm parentesco

Disponível em: <https://www.em.com.br/nacional/2024/05/6854038-suspeitos-de-estuprar-vitimas-de-enchentes-em-abrigos-no-rs-sao-presos.html>. Acesso em: abril de 2025.

Seu time Seu signo Jogos Dólar ↓ 5,871

**Conteúdo publicado há 11 meses**

Cotidiano

## Suspeitos de praticar estupro contra menores em abrigos do RS são presos

Beatriz Gomes • Do UOL, em São Paulo

08/05/2024 21h31 Atualizada em 09/05/2024 07h01

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/08/estupros-abrigos-prisoos-chuvas-rs.htm>. Acesso em: abril de 2025.



**BBC NEWS** **Clique aqui para notícias em outros idiomas**

## Mulheres relatam alívio em abrigos exclusivos no RS; polícia diz que abusos são exceções

**Principais notícias**

China exige reversão completa de tarifaço de Trump e diz que exceção para iPhones é só 'pequeno passo'

Há 4 horas

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c88z4rj545do>. Acesso em: abril de 2025.



**CNN BRASIL** **Ao vivo** Política WW Economia Esportes Pop Viagem

## Ao menos 47 pessoas são presas por crimes em meio à tragédia no Rio Grande do Sul

Segundo a secretaria estadual de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, desse total, seis homens são suspeitos de cometer abusos sexuais

**Alex Rodrigues - Repórter da Agência Brasil**

10/05/2024 às 02:22 | Atualizado 10/05/2024 às 02:22

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ao-menos-47-pessoas-sao-presas-por-crimes-em-meio-a-tragedia-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: abril de 2025.

**Diário do Nordeste** HOME ÚLTIMA HORA DN CEARÁ PONTOPODER SEGURANÇA JOGADA

Anúncios Google  
Não exibir mais este anúncio Anúncio? Por quê? ⓘ

## Rio Grande do Sul cria abrigos exclusivos para crianças e mulheres após denúncias de abusos

PAÍS

Um dos abrigos femininos será em Porto Alegre, segundo a prefeitura do município

Escrito por **Redação** producaodiario@svm.com.br

10 de Maio de 2024 - 20:15 (Atualizado às 20:21)

Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/rio-grande-do-sul-cria-abrigos-exclusivos-para-criancas-e-mulheres-apos-denuncias-de-abusos-1.3510846>. Acesso em: abril de 2025.

globo.com g1 ge gshow globoplay oglobo

Menu Q Buscar Quem 100 ANOS DE GLOBO Notícias Entrar

Últimas Praia BBB 25 Entrevistas Quem Disse? Fitness TV e Novelas Capas Viagem Saúde



## Luísa Sonza ajuda na criação de abrigo para mulheres no RS: 'Me deu uma esperança'

Cantora gaúcha também fez cobrança aos governantes e orientou as pessoas a não brigarem entre si

Por **William Amorim**  
09/05/2024 21h57 - Atualizado há 10 meses

f t w

Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2024/05/luisa-sonza-ajuda-na-criacao-de-abrigo-para-mulheres-no-rs-me-deu-uma-esperanca.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

Fonte: Elaborado pelos autores com base nas mídias supramencionadas.

À medida que encontramos essas notícias, foi imprescindível olhar para isso com um espírito investigativo e pensar no desenvolvimento de ações psicoeducativas que possibilitem enfrentamento por parte das vítimas dessa forma bárbara de violência sexual, que desolou mulheres e crianças vulneráveis em abrigos conjuntos durante a calamidade sofrida pelo Estado do Rio Grande do Sul em 2024.

Então, logo pensamos em uma pesquisa que se apoia em fundamentação teórica e no método da análise documental através do levantamento de notícias veiculadas nas principais mídias sobre os acontecimentos no período de desastre climático com as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. Como apoio a uma pesquisa narrativa que pode ocorrer pela via das histórias pessoais referentes ao passado, ao presente e a uma visão de futuro, podendo essas narrativas ser colhidas em momentos de entrevista é o que afirmam Clandinin e Connelly (2011).

Essa é uma história a ser narrada e possibilitada por este estudo. Para os citados autores, a pesquisa narrativa é definida como “uma forma de entender a experiência” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 20), que ocorre com as trocas entre pesquisador e pesquisado. Destacam ainda que, nesse tipo de pesquisa, é preciso ter uma atenção especial, pois é necessário refletir continuamente acerca do que se está pesquisando e do que se está encontrando, que pode ser diferente daquilo que se imaginou inicialmente (Clandinin; Connelly, 2011).

Clandinin e Connelly (2000, p. 20) definem pesquisa narrativa como uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre um tema, em que o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas e notas de campo.

Em relação aos documentos, servem para trazer detalhes que colaboram com a investigação e trazem evidências do ocorrido no contexto investigado, que, de acordo com Yin (2005), o pesquisador terá então motivações para investigar mais profundamente tal demanda.

E a pesquisa documental apresenta documentos múltiplos que ainda não receberam um tratamento analítico adequado, destacando que “os documentos são uma fonte rica e estável de dados, há baixo custo para a exe-

cução e não se exigem contatos com os sujeitos da pesquisa” (Lozada; Nunes, 2019, p. 160), como se eles falassem por si próprios. Constituem-se em indícios que “valem a pena serem investigados mais a fundo em vez de serem tratados como descobertas definitivas” (Yin, 2005, p. 88). Assim dão base a uma investigação mais aprofundada.

## **O contexto da vulnerabilidade de mulheres e crianças abrigadas**

Destacamos que a palavra vulnerabilidade refere-se a alguém, nesse caso a mulheres e crianças vulneráveis por estar em situação de abrigamento causado pelo desastre climático no estado do Rio Grande do Sul em 2024; estar vulnerável significa estar fraco, fragilizado, indefeso, exposto a algo, indefeso, suscetível, desabrigado nesse caso devido à catástrofe.

Em conformidade com o conceito existente na etimologia, tem-se que “os vocábulos em latim *vulnerare*, que significa ferir, lesar, prejudicar, e *b-lis* – suscetível a – teriam dado origem à palavra vulnerabilidade” (Carro; Guizardi, 2018, p. 5).

No caso específico deste estudo, temos que “períodos de eventos climáticos extremos evidenciam e agravam as vulnerabilidades das minorias sociais que, durante a vida comum, já se encontram suscetíveis às violências” (Marques, 2024, p. s/n). Isso porque, ao ficarem desabrigadas, essas pessoas não tinham condições favoráveis e acabaram sendo encaminhadas para abrigos criados no momento de necessidade.

Outro fator impactante para definir a vulnerabilidade de mulheres e crianças tem relação com o fato de que “o machismo e o comportamento violento contra mulheres e crianças não cessam em momentos de calamidade pública. Na verdade, especialistas apontam que eventos climáticos agravam a violência de gênero” (Marques, 2024, p. s/n).

Conforme foi noticiado nas principais mídias de referência no estado e país, que causaram comoção ainda maior na população que assistia essa tragédia toda, foi que:

nos abrigos montados às pressas em escolas e ginásios das cidades gaúchas para recepção das pessoas que perderam seus lares e pertences pessoais começaram a surgir denúncias de abusos físicos e sexuais cometidos contra mulheres e crianças (Marques, 2024, p. s/n).

As impactantes notícias trouxeram à tona a situação de vulnerabilidade de mulheres e do estupro de crianças vulneráveis. Logo abusos, estu-

pros e violência foram identificados, causando mais dor a quem já estava passando por um trauma doloroso de perdas incontáveis e sofrimento. E, conforme afirma Marques (2024), “em menos de uma semana, espaços voltados para o acolhimento de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade se tornaram ambientes de violações humanas para algumas delas” (p. s/n). E as vítimas nesse caso eram mulheres e crianças, mais uma vez evidenciando sua vulnerabilidade diante do desastre climático que já as tinha tido desabrigado e quem sabe até algumas passando por luto de entes queridos, foram então mais uma vez violentamente vitimadas.

Cruel realidade ocasionou uma demanda de soluções imediatas para o Conselho Estadual de Mulheres do Rio Grande do Sul e parlamentares, conforme:

foram denunciados os abusos sofridos pelas mulheres e crianças nos espaços para abrigados, bem como foram reivindicados “um local para fazer esse tipo de denúncia, banheiros exclusivos para mulheres, abrigos exclusivos para mulheres e crianças, atendimento psicológico e itens específicos em meio às doações que chegam ao estado, como absorventes, fraldas, itens de higiene, roupas íntimas e roupa de banho (Marques, 2024, p. s/n).

Sabemos que devido a essas exigências foram criados alguns abrigos para abrigar crianças e mulheres e, conforme Marques (2024), foram “nas cidades de Porto Alegre, Canoas, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul e Viamão” (p. s/n), pelo menos até o artigo de Marques (2024) ser publicado. Até aquele momento, nos abrigos gerais tinham sido sugeridas algumas soluções, que também incluíram as voluntárias mulheres, como ela comentou: “não circularem pelos ambientes sozinhas e está sendo organizada, quando possível, a separação entre os homens e as mulheres com crianças, dedicando-se, inclusive, vigilantes para realizar a segurança” (Marques, 2024, p. s/n).

Outra medida tomada naquela época foi de não divulgar o endereço desses abrigos que eram só de mulheres e foram criados canais para denúncia e divulgados para as pessoas em abrigo.

Tais informações são fundamentadas pelo artigo de Alícia Marques, que é assistente social e era mestranda na época, no jornal da UFRGS. Ela se sobressai nessa escrita por não haver ainda outros artigos publicados a esse respeito no contexto da catástrofe climática no RS, sendo de essencial importância para este estudo.

E em termos de vulnerabilidade de vítimas de desastres climáticos é possível mencionar um estudo que traz que “o foco sobre desastres ambien-

tais está presente nos trabalhos das ciências sociais que reúnem análises relativas às desigualdades sociais e seu impacto nos contextos vulnerabilizantes”. Confirmando que esses desastres vulnerabilizam suas vítimas (Carmo; Guizardi, 2018, p. s/n). E entendemos que mais ainda se forem mulheres e crianças.

O contexto da vulnerabilidade de mulheres e crianças abrigadas recai na violência de gênero, violações de cunho de abuso sexual e estupro, conforme comentamos.

### **A violência de gênero, o abuso sexual e o estupro**

No que se refere a mulheres e crianças, o contexto de (des)abrigamento gera um estado de vulnerabilidade; sempre essas vítimas são mais vítimas do que outras, no sentido de já terem passado por traumas que as colocaram nessa situação, mas que pode ocasionar ainda mais situações dolorosas relacionadas ao que se refere às diferentes instâncias violentas, como no caso da violência de gênero, do abuso sexual e até mesmo do estupro, uma vez que ficam à mercê de pessoas em geral, inclusive de homens que nem conhecem, mas também daqueles que já eram nocivos e violentos dentro do próprio lar.

Em contextos de normalidade, nesse caso antecedendo os desastres climáticos ocorridos no Rio Grande do Sul em 2024, tem-se que:

A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, de 2011, teve por finalidade estabelecer conceitos, princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, assim como de assistência e garantia de direitos às mulheres em situação de violência, conforme normas e instrumentos internacionais de direitos humanos e legislação nacional (Medeiros; Zanello, 2018, p. 393).

Mas no momento dos desastres a defesa civil e a sociedade em geral pensaram em salvar e abrigar todos da mesma forma; não houve talvez tempo para pensar na situação das mulheres e/ou de crianças em abrigos, até porque existe uma certa invisibilidade acerca dessa necessidade tão particular.

Ao analisar os documentos relacionados à questão da violência e da mulher, as autoras perceberam que tais documentos nacionais, inclusive os que se baseiam em outros de cunho internacional que abordam a questão da violência de gênero, não interpelam “[...] como a mulher, que teve sua

integridade física e psicológica violada, deve ser tratada e nem sobre o impacto dessa violação para sua saúde física e, principalmente, mental” (Medeiros; Zanello, 2018, p. 399). Sempre que algo desse tipo ocorre com mulheres, elas não são devidamente apoiadas, em especial em sua questão de adoecimento mental. “Falta a integralidade nas ações acerca do adoecimento mental em mulheres com histórico de violência” (Medeiros; Zanello, 2018, p. 398), sendo que a violência física ou sexual sempre está acompanhada de uma violência emocional/psicológica.

A violência sexual contra mulheres já é por si só uma lástima, mas o que dizer a respeito do abuso sexual e/ou estupro de crianças. Portanto, destacamos que “estudos da área já demonstram que a violência sexual na infância e adolescência está associada a uma série de consequências negativas a longo prazo, incluindo problemas de saúde física e mental” (Santo, 2024, p. 13).

E essa não é uma prática por si só, mas está alicerçada em “aspectos culturais, legais e sociais que sustentam a sua perpetuação e tornam a sua incidência cada vez mais abrangente” (Santo, 2024, p. 13). Em especial quando ignorantemente se colocam crianças em um abrigo com adultos de todos os tipos.

Pesquisas sobre a temática da violência contra mulheres e crianças, sobre abuso e estupro podem fortalecer laços para que se possa “desenvolver estratégias de intervenção que possam mitigar os prejuízos no desenvolvimento infantojuvenil, mas também é igualmente importante na formação de políticas públicas eficazes para o enfrentamento desse tipo de violência” (Santo, 2024, p. 14).

Voltando ao quesito da violência de gênero e/ou sexual da mulher, tem-se que levar em consideração que a mulher em si não existe e é vista como alguém que está a serviço do homem, existe apenas “para o outro, sendo elaborado com pauta no corpo feminino, sendo assim a essência existencial desta se reduz à sua capacidade reprodutiva e de satisfação sexual (do homem, jamais dela)” (Campos, 2021, p. 30). Logo o homem pode fazer o que achar que deve desse corpo e dessa mulher, ao menos no seu imaginário e nessa corrente de pensamento que muito justifica as violações sofridas pelas mulheres.

Em defesa das mulheres, “muitas conseguem notar-se nessa complexidade de poder e buscam rebelar-se perante tal situação, não tendo, porém, força suficiente para alterar estruturas tão enraizadas” (Campos, 2021,

p. 30), pois dependem de uma estrutura maior, que lhes valide a ousadia e força utilizadas nesse enfrentamento, senão de nada adianta.

Conforme Campos (2021), “quanto à composição do cenário de vítima do estupro, a estimativa é que 88,5% são mulheres, e dessas 51% são negras ou pardas, além do fato de que 70% dos estupros que chegam à rede pública de saúde tiveram como agredidas crianças e adolescentes” (p. 45). Isso em um contexto em que pessoas estão em suas esferas de vida dita normal, junto da composição de vida familiar, quando possível, mas no contexto de uma tragédia, um desastre climático como o acontecido no Rio Grande do Sul em 2024, então mulheres e crianças tornam-se ainda mais vulneráveis.

Destaca-se que o abuso sexual é um trauma forte que pode ser considerado a experiência de passar por um desastre aéreo ou por um campo de concentração, podendo levar a vítima a ter um transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). A pesquisa de Garbin *et al.* (2011) a respeito da violência sexual demonstra que o sofrimento psicológico é incessante para as vítimas, que continuamente necessitam fazer psicoterapia por um longo tempo, visando resgatar sua saúde emocional.

Para Lira *et al.* (2017), as consequências do abuso sexual na infância influenciam a vida adulta, sendo percebidas em situações de sofrimento psicológico, que levam a relacionamentos problemáticos e maior suscetibilidade de surgirem novas vitimizações.

Por esses motivos é que se faz tão necessário não deixar esse desastre com conotação trágica de violação sexual para mulheres e crianças passar despercebido, indo ao encontro do público em sofrimento emocional para lhe ofertar alento ao menos, e a psicoeducação pode ser uma possibilidade disso.

Consoante com o nome, a psicoeducação é uma prática que envolve psicologia e pedagogia, visa educar, orientar para facilitar o entendimento de alguma situação que pode ser superada com auxílio da educação e psicologia.

Destacamos que a psicoeducação “envolve diferentes teorias e técnicas tanto psicológicas quanto pedagógicas voltadas ao âmbito social, comportamental e cognitivo do indivíduo, possibilitando uma compreensão multiperspectival a qual envolve o adoecimento” (Lemes; Ondere Neto, 2017, p. 19). E que ocorre de acordo com o objetivo do psicólogo(a) que direciona a técnica para a obtenção de resultado para as pessoas envolvidas nessa prática.

Revelamos que, de acordo com André Lebon, uma referência na área de psicoeducação, que “a intervenção psicoeducativa inscreve-se na perspectiva do meio total e não existem insignificâncias em educação, nenhuma presença é mais nobre do que outra quando nos tornamos educadores no e pelo acontecimento “ (Lebon, 1997, p. 13) Nesse caso pela busca de minimizar as vítimas do ocorrido com a intenção de levar socorro psicoeducativo, onde quer que essas mulheres e crianças estejam.

Normalmente, a psicoeducação refere-se a “uma técnica que relaciona os instrumentos psicológicos e pedagógicos com o objetivo de ensinar o paciente e os cuidadores sobre a patologia física e/ou psíquica, bem como sobre seu tratamento”, mas não impede de ser utilizada com pessoas em geral que passam por alguma situação de adoecimento emocional, como no caso em questão (Carvalho; Matos, 2016, p. 17).

Intencionamos a utilização da técnica de psicoeducação visando buscar contribuir para a cura de pessoas vitimadas pela enchente que passaram também por traumas de violência sexual devido a estar vulneráveis no momento em que ficaram desabrigadas e conseqüentemente foram abrigadas em locais coletivos gerais.

## **Resultados parciais e reflexões**

Nos documentos referentes às matérias divulgadas nas mídias sobre a questão de violência sexual contra mulheres e crianças nos abrigos do RS no período da catástrofe climática de 2024 já é possível compreender que estes lamentavelmente ocorreram. Por isso fomos a campo ouvir pessoas que trabalharam nesses abrigos, e a situação encontrada foi a seguinte: Em um dos abrigos houve situações que caracterizam violência de gênero e abuso sexual, mas em outro não. Então tentamos compreender o que um desses locais fez para inibir esse tipo de situação.

A seguir, trechos retirados das entrevistas:

### **No abrigo onde ocorreram situações de violência de gênero e/ou sexual**

**Entrevista 1** – A gente aqui na escola teve um caso, inclusive foi registrar, foi feito um boletim de ocorrência referente a uma menina, se eu não me engano de 14 anos, não foi na hora que eu estava de plantão. [...] No primeiro momento, a gente estava tranquilo aqui, porque a gente ouvia falar, mas não sabia a verdade, como eu moro perto da Unisinos também, teve um evento lá, teve até helicóptero, e depois eu fiquei sabendo que tinha aconte-

cido lá. Só que daí, tu está naquele resguardo, não, na minha escola não aconteceu. É bem tranquilo. [...] Eu cheguei aqui e daí me disseram assim, Fulana não vai sozinha! [...] nós tivemos um problema essa noite. Então, tu tens que andar acompanhada com outra mulher ou outro professor, alguém do grupo aqui. [...] Uma menina de 14 anos. Ah, eu não vou te mentir, tá? Mas pelo que eu me lembro da história, não lembro se era padraço da menina. Que eu não vou saber bem ao certo, mas eu ouvi dizer que a história de certo modo que ela aproveitou a situação de estar aqui para trazer à tona. Entendeu? Porque ela já teria tentado relatar e não conseguiu. Eu penso assim, já passou por isso em casa, mostrou aqui para nós. [...] Isso tu nunca imaginas em casa, tu imaginas que você está num abrigo com pessoas diferentes. Tu não sabes quem são! [...] A gente sabe nas pesquisas dessa questão da violência sexual, a gente sabe que, em casa, acontece muito. E aí, claro, quando as pessoas vieram para cá, isso apareceu.

**Entrevista 2** – Sim, aqui na escola, então ocorreram duas situações de abuso, né? A primeira foi com um senhor que tinha questões de demência, né? E tinha o canil lá atrás, lá nos fundos, no pátio. E tinha uma menina, uma voluntária, uma menina voluntária que veio auxiliar aqui dar ração para os animais e carinho e fazer a higienização do espaço. E ele começou a se masturbar e a chamar ela. Então imediatamente a gente atendeu. E esse senhor foi recolhido, a gente fez um chamado a Guarda Civil Municipal que estava aqui e encaminharam ele [...] o outro caso foi [...] Tinha uma mãe abrigada aqui, uma senhora com duas filhas. Duas adolescentes, as duas menores de idade. E essa mãe conheceu aqui nesse pátio, nessa quadra, um rapaz, que também era abrigado aqui; depois que a gente foi saber que ele tinha questões, fichado na polícia, tudo mais, que a gente tinha essas coisas aqui também. [...] resumo, em quatro dias, eles se envolveram, assim, num suposto romance. E os quartos a gente organizou por família, né? E daí era por família. E daí tinha tipo uma família de 7 pessoas, ocupava uma sala que eles faziam o quarto ali, tipo um dormitório, com colchão, coberta, tudo. [...] E esse rapaz ele tinha o quarto dele ali com os outros rapazes, ali a sala de aula que era o dormitório e tal. Mas essa mãe levou ele, ou ele foi, se combinaram não sei como que foi. Ela levou ele para esse quarto. Levou e ficou ela, ele e as duas filhas adolescentes. [...] E a filha mais velha dela disse assim, não conta, tu não vai contar para elas, porque se não, tu vai voltar para o abrigo. Porque ela já tinha sofrido uma outra situação de abuso essa menina e já tinha ficado no abrigo. E a menina começou a chorar e disse, não, eu vou contar sim, daí ela nos contou. Que a mãe levou esse rapaz pro quarto, e que quando a mãe foi no banheiro durante a madrugada, ela estava no colchão, deitada, dormindo e que ele começou a passar a mão nas partes íntimas dela, e daí ela acordou e ele disse que ele estava procurando o gatinho, que essa menina tinha um gatinho que veio para cá também, só que como o gatinho dela era pequeno, e ela era muito apegada nesse gatinho, a gente autorizou que ficasse ali na sala com ela. [...] Então ela nos relatou, assim, imediatamente a gente já chamou, informei o Conselho Tutelar, o que tinha conhecimento, eles já acompanhavam ela em função da outra questão de abuso, veio a GCM e levou ele preso. [...] E daí nós fomos para a delegacia, o conselho tutelar, eu e a menor, a adolescente. Mas lá a gente

não foi ouvido, né? Só foi feito o Boletim de Ocorrência, até porque ela era menor. E daí depois, [...] que teve audiência também, e eu sei que ele segue preso, até o momento da audiência que eu fui testemunha, fui na promotoria, dei o depoimento, né? E quando eu tive ali a audiência [...] Ele seguia preso, né? Mas ainda não foi julgado provavelmente, né? [...] Depois teve um outro episódio, que a mãe delas se envolveu com outra pessoa aqui? Se envolveu com outra pessoa e eu comuniquei o conselho, que a gente já estava de sobreaviso, né? Caso ocorresse alguma questão. E daí a mãe e as duas filhas foram para um outro abrigo? Que o Conselho tutelar encaminhou que era um abrigo só feminino [...].

**Entrevista 3** – Teve uma situação sim, [...]. E eu e uma professora e mais a diretora da escola e uma das meninas me chamaram para conversar que tinha acontecido algo de noite, no quarto, quarta sala, né? [...] Que tinha acontecido uma situação que o rapaz que estava ficando com a mãe tinha passado a mão nas partes íntimas dela, e aí teve uma menina que estava junto, confirmou e a irmã dizendo que tinha acontecido em outro momento e que não era para estar contando. E aí a história desencadeou, e a gente chamou a guarda, e nesse segundo momento eu não participei com a professora. Porque aí chamou a força nacional, e o conselho tutelar e todo mundo que estava à disposição, para esse momento até a pessoa ser presa, certo? Esse era um ficante entre aspas da mãe, que ela tinha conhecido aqui dentro alguns dias antes. E aí ele relatou que tinha passado um gato, e ele estava procurando, e não tinha tocado nela, enfim, [...] a menina foi para uma casa de passagem por um tempo, foi levada, porque foi a Profa. Fulana que fez toda essa mediação. E também a rapaz foi preso pela guarda e tínhamos que responder na promotoria. E aí a gente tinha que participar lá, fomos intimadas em casa, para ir declarar o que aconteceu e aí a gente falou sobre essa situação, os pormenores do que tinha acontecido com a menina. Também com o conselho tutelar e tudo mais por causa da situação. Mas é uma situação, um dos impactos que eu tive durante a trabalho no abrigo, a gente não imaginou que com tudo o que estava vivendo, que era sobreviver todos os dias, com as pessoas chegando o tempo todo, que a gente poderia estar enfrentando aquilo num espaço, que eu acho que era a última coisa que se pensaria, [...] foi bem impactante ter vivido isso, por eu também ter ido, e estava sendo questionado se era um espaço propício para essa adolescente estar, a gente estava num momento de catástrofe...[...] É uma situação horrível, e pior de tudo é saber que a situação dessa criança já era cultural na família, as manas já tinham passado e estado em casas de passagem, é demais assim ver que até a mana, que era um pouquinho mais velha, dizia não fala, não conta porque tu já sabe qual vai ser o nosso destino. [...]A mana, eu acho que já estava fazendo, ia ficar de maior, né? É a menina em si... é uma criança escondendo isso para não ir para um abrigo.

**Entrevista 4** – [...] uma mãe estava aqui com duas filhas e ela conheceu uma pessoa aqui dentro, né? E essa pessoa abusou da filha dela. [...] foi feito todo o encaminhamento para a delegacia, desse abusador, né? Essa menina ficou um tempo aqui e a mãe também. E depois foram embora, né? E também teve um senhor aqui que já faleceu logo depois que terminou o abrigo. E ele

meio que se masturbava, botava o órgão pra fora. Tinha uma moça lá que ficava com os cachorros lá atrás e ela nos relatou assim que ele fazia isso, sabe? Um senhor assim de idade [...]. E essa mãe, essa moça do abuso, a mãe ficou do lado do homem. E essa mãe já tinha uma filha desaparecida que acho que por causa do tráfico foi morta. Então, bem difícil, né? [...] Bem complicada a situação.

As transcrições das entrevistas nesses quatro blocos demonstram uma realidade social em que no caso do abuso causado a uma adolescente pelo namorado recente da mãe, com um histórico de outros abusos anteriores nessa família, demonstra uma família disfuncional, onde a mãe acaba colocando suas filhas em risco ao deixá-las expostas a parceiros afetivos dos quais talvez ela também é uma vítima por dependência afetiva. Sendo um contexto infelizmente mais comum do que gostaríamos e que somente ficou exposto no momento do abrigo dessas pessoas. Já o caso com o senhor de mais idade, que se masturbava em público, evidencia a demência, o adoecimento mental em um contexto de envelhecimento traumático também exposto pela calamidade climática que juntou todas essas pessoas em um abrigo. Outro fator que chama nossa atenção é o impacto que essas situações causaram nas pessoas do abrigo, o trauma que é causado a todos no entorno dessa violência; e não poderia ser diferente, não dá para vivenciar essas experiências e considerar normal. Então nos perguntamos: o que aconteceu de diferente no outro abrigo onde não existiram essas situações? Destacamos que as pessoas entrevistadas também relatam que ocorreu em outros locais, e isso demonstra a necessidade de seguirmos em investigação em outros locais.

### **No abrigo onde não houve violência de gênero e/ou sexual**

**Entrevista 5** – Não, não teve nada nesse sentido; aí era tudo muito tranquilo. Nem de estarem *intocando*, de ficarem mexendo. Não teve nada nesse sentido (Pesquisadora – Que bom e a senhora entende assim, quais as medidas que vocês tomaram, que foram importantes para que não tenha acontecido esse tipo de coisa aqui?). Eu acho que é a diretora, é ela. Eu acho que é ela. Ela é muito... ela sabe conversar e ela conversava muito com eles, então... Eu acho que não aconteceu essas coisas, foi ela. O pulso firme dela, né? E tinham tudo que precisava, sabe o que pediam, tudo que precisava, tinha. [...] Sim. Outros lugares, sim. Aqui eu acho que não houve, porque nossa diretora é muito boa. Ela tem a palavra. Não tem explicação assim do jeito que ela faz, que ela conversa, que ela instrui, ela explica e ela é muito humana.

**Entrevista 6** – Não tivemos. A gente procurou cuidar para que isso não acontecesse, né? E também veio bastante famílias? A gente botou as famílias

dentro das salas? Com outras famílias? Então, onde eles não podiam cobrir dentro da sala, né? Com lençóis nada. Todo mundo, tem que se ver, né? A gente tinha bastante voluntários, muitos voluntários. Daí foi o que nos ajudou também. E fora, assim, a guarda passava, né? A polícia passava, a Polícia Civil passava, né? A Guarda Nacional vinha também, assim, umas horas da noite, passava, assim, né? Mas, daí, pra controlar mesmo, tinha que ser a gente, ficar sempre alguém, sabe?

**Entrevista 7** – Não houve, assim, graças a Deus. E eu acredito, também, que não aconteceu porque nós tínhamos uma preocupação muito grande em relação a isso, né? Nós tínhamos uma preocupação muito grande por estarmos aqui dentro abrigo pessoas diferentes, pessoas que nós não conhecíamos, porque uma coisa é tu abrir a tua casa e abrigar um parente, uma pessoa próxima a ti, e mesmo assim, tu não tem 100% de confiabilidade em relação a essas questões da sexualidade, né? Porque a sexualidade, a gente sabe que ela é mais do que um tabu social, né? As pessoas não falam sobre, mas as agressões estão dentro das casas. As agressões, elas são vigentes, elas acontecem. Então, as pessoas não falam sobre, mas vivem muitas vezes. Então, nessa perspectiva é que nós, quando iniciamos, quando abrimos a escola no primeiro momento, uma das preocupações muito grandes era em relação a isso. Então, nós criamos estratégias, assim, de tentar diminuir a possibilidade de ter casos, assim. Então, uma das estratégias foi, assim que possível, que a Segurança Pública começou a frequentar aqui, é atrair a Segurança Pública pra esse local. Então, nós oferecíamos pra eles virem almoçar aqui, porque são trabalhadores que estavam o dia inteiro trabalhando, né? [...] Que pertence a igreja e ali foram muitas pessoas abrigadas. E diferente da estrutura de uma escola... É tudo aberto, todo mundo junto. E ali o pessoal teve... Relações sexuais... Na frente de todos os outros. Isso a própria Guarda Nacional, quando veio aqui, nos relatou... Que teve que ir lá tirar um casal. Mesmo ele sendo o próprio casal e tinha consentimento entre eles. Mas era uma cena que agredia os outros. Crianças assistindo. Isso é uma violência, né? É uma forma de violência. Assim como tinha muita ingestão de álcool, de drogas. E foi muito mais difícil de controlar. Isso que o pessoal que organizava ali era muito organizado. Eles eram bem disciplinados. Um pessoal muito legal, muito bacana. Mas que teve que ser contido com forças da segurança. Eu acredito que... Porque isso era um espaço muito aberto. Claro. Não tinha separações que tu pudessem separar as famílias. Aqui nós temos 30 salas. Então, nós iniciamos dizendo... Estas salas não vamos abrir. Vamos abrir apenas estas. E nós terminamos com todas abertas. Com todas sendo casa.

**Entrevista 8** – É a possibilidade de vulnerabilidade que na verdade já existia sem a enchente, mas ela potencializa essa vulnerabilidade porque as pessoas acabam tendo que conviver num ambiente ainda mais propício. Mas como a gente já tinha comentado aqui na escola, como a gente tinha a disponibilidade de muitas salas, então a gente pode dividir bem as pessoas, então a gente designou aquelas salas que eram só pra famílias, nas outras salas quem não tinha família, que vinha sozinho, solteiros, jovens, então tinha salas específicas e aí a gente evitou esse tipo de coisa, famílias com crianças ficaram bem afastadas. E daí a vigilância né? Nós contamos com o apoio dos órgãos de segurança

pública que estavam constantemente passando por aqui, tanto a brigada militar, a guarda civil municipal e a força nacional; então a gente contou com o apoio deles para conter qualquer coisa e a nossa vigilância interna aqui, e a noite nós tínhamos sempre voluntários circulando a noite toda. Aí nesse sentido aqui não ocorreu, mas se não tivéssemos tomado essas medidas, provavelmente teria acontecido. A gente ficou sabendo de casos em outros abrigos que não tinham também a estrutura de uma escola né? Porque tem muitos abrigos que era um ginásio, era um ambiente só para todo mundo. [...] nós colocamos salas com moças solteiras e salas com moços solteiros era separado. [...] Evitou com certeza. Evitou e pode-se dizer que ainda com todas essas medidas ainda tinha a possibilidade e a gente tinha consciência disso. Tanto que todas as medidas que tomamos foram conscientes. A gente sabia que a gente tinha que evitar tanto esse tipo de situação né? Abuso não só infantil, mas principalmente abuso infantil, mas também abuso entre adultos mesmo e coibir também a violência, porque a gente sabe que recebeu pessoas aqui que estão inseridas dentro de uma realidade de disputa de facções.

Nesses trechos das entrevistas fica evidente que o acolhimento afetivo, mas também disciplinado, com auxílio de regras claras e da segurança representada por vigilantes e policiais, com proibições de cobrir espaços para não serem vistos ou fechar portas não era permitido. Também a estrutura física que dispunha de muitas salas de aula facilitou e impediu essas situações de violência de gênero e sexual. Destacamos também a importância da cultura, quando abriram biblioteca e sala de cinema para que essas pessoas pudessem ter um pouco de lazer, o que fez com que se acalmassem e se sentissem cuidados para além do provimento de alimentos, colchões, cobertas e banhos. Mas com chimarrão, conversas, pipoca para assistir os filmes, enfim tudo isso fez a diferença ao menos enquanto os abrigados ali estavam. Também buscaram atendimentos de saúde e se preocuparam com a saúde mental das pessoas. Um exemplo a ser seguido com toda a certeza.

### **Considerações finais**

A vulnerabilidade de mulheres e crianças em situações de catástrofes naturais e em casos de abrigamento é evidente. Também a dificuldade que tivemos enquanto população de organizar os abrigos na situação trágica, pois ninguém estava preparado para isso; no entanto, ficam os bons exemplos para subsidiar próximas situações que de fato esperamos que não ocorram. Este artigo também tenta elencar esses aspectos que fizeram a diferença, mais do que alertar sobre uma situação já bem conhecida no cenário da violência de gênero e sexual.

Ao percebermos tais situações e exercermos uma observação comparativa entre esses dois abrigos, a psicoeducação torna-se uma forma possível de levar conhecimento, informação e trabalhar questões com as vítimas e até mesmo pensando em formas de organização em outras possíveis catástrofes climáticas ou não.

Fica a importância do registro do ocorrido nesse momento da história do Rio Grande do Sul que não pode passar despercebido, pois as consequências são traumáticas, dolorosas e demoradas de se resolver, afetando boa parte das pessoas nesse estado e de inúmeras formas, inclusive pela situação abusiva.

Que ao menos nossa pesquisa possa levar alento, e no ouvir existe a possibilidade de expressão para os voluntários de tudo o que viveram e sentiram, pois identificamos também a necessidade de contar que eles traumaticamente demonstram. Isso é o mínimo que podemos fazer: dar voz a essas pessoas tão solidárias as quais respeitamos e agradecemos pelo que fizeram por tantos em meio a tão pouco.

## Referências

CAMPOS, Danielly Thays. **ESTUPRADA**: a culpabilização da mulher vítima pela tutela patriarcal do sistema penal. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Direito, Programa de Pósgraduação em Direito e Instituições do Sistema de Justiça da Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2021. Cap. 5. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/3750/2/DANIELLY%20T.%20CAMPOS.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francine Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. e00101417, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ywYD8gCqRGg6RrNmsYn8WHv>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad. do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Edufu, 2011.

CARVALHO, Marina Alexandra Diogo; MATOS, Maria Margarida Gaspar de. Intervenções psicossociais em crise, emergência e catástrofe. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 116-125, dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872016000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000200008&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 19 abr. 2025. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20160018>.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

GARBIN, Cléa A. S. *et al.* Violência denunciada: ocorrências de maus tratos contra crianças e adolescentes registradas em uma unidade policial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 4, p. 665-670, 2011.

LEBON, André. Psicoeducação: a ciência do “viver com” educativo e terapêutico. **Paidéia** (Ribeirão Preto), n. 12-13, p. 11-27, fev. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/skXHPwj8S9dCvkMjFZ9V9nR/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LEMES, Carina Belomé; ONDERE NETO, Jorge. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. **Temas psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 17-28, mar. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 abr. 2025.

LIRA, M. O. S. C. *et al.* Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 26, n. 3, 2017.

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. E-book. p. 161. ISBN 9788595029576. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595029576/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MARQUES, Alcía. O agravamento da vulnerabilidade das mulheres e crianças em meio ao desastre climático no RS. 2024. **UFRGS – Jornal da Universidade**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-agravamento-da-vulnerabilidade-das-mulheres-e-criancas-em-meio-ao-desastre-climatico-no-rs/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MEDEIROS, Mariana Pedrosa de; ZANELLO, Valeska. Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia: CLIO-PSYCHÉ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 384-403, jan. 2018. Trimestral. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n1/v18n1a21.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SANTO, Manuela Almeida da Silva. **Construção e implementação de um serviço integrado para o acolhimento de crianças e adolescentes em situação de violência sexual**. 2024. 66 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <file:///C:/Users/viala/OneDrive/Documentos/pos%20doc/Artigos/001211658.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

# Escolas e memórias: impactos das enchentes de maio de 2024 na cidade de São Leopoldo/RS

*Rosana Torma Miranda Cabral<sup>1</sup>*

*Sandra Lilian Silveira Grohe<sup>2</sup>*

*Rodrigo Manoel Dias da Silva<sup>3</sup>*

## Introdução

As enchentes de maio de 2024 causaram grandes prejuízos à população do Rio Grande do Sul, afetando não apenas moradias e empreendimentos, mas também escolas e espaços educacionais. A destruição de es-

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora na Escola de Humanidades da mesma instituição. Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Especialista em Transtorno do Espectro Autista (TEA) – Child Behavior Institute, (CBI OF MIAMI). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Diversidade e Cidadania – GPEDiC (UNISINOS/CNPq). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Participa do Grupo de Pesquisas em Educação, Diversidade e Cidadania – GPEDiC (UNISINOS/CNPQ).

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Doutora em Educação pela UNISINOS. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e em Psicopedagogia pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação – IBPEX. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha – URCAMP. É professora estatutária nos municípios de Canoas e São Leopoldo, com experiência nos anos iniciais, anos finais, EJA, Educação Ambiental e ambientes virtuais de aprendizagem. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Diversidade e Cidadania – GPEDiC (UNISINOS/CNPq). Participa do Fórum da Sub-Bacia do Arroio Sapucaia e é vice-presidenta da Associação Roessler – Amigos e Amigas dos Parques Ambientais e Arroios de São Leopoldo. Tem interesse em Políticas Públicas Educacionais, Educação para a Sustentabilidade, Territórios e Cidadania.

<sup>3</sup> Coordenador Executivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor na Escola de Humanidades e no Programa de Pós-Graduação da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisas em Educação, Diversidade e Cidadania – GPEDiC (Unisinos/CNPQ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Integra a Rede Nacional de Pesquisadores da Educação em Periferias Urbanas – RENAPEP Urbanas. Pesquisador vinculado à Cátedra UNESCO A Cidade que Educa e Transforma (unitwin.iseclisboa.pt). Pesquisador responsável pelo Diagnóstico Socioterritorial da Pessoa Idosa de São Leopoldo (CMDDI, São Leopoldo, RS). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2005), Mestre (2008) e Doutor (2012) em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

truturas físicas, a perda de materiais pedagógicos e a interrupção prolongada das aulas geraram impactos significativos sobre a atividade escolar, de maneira idêntica à experiência vivida em todo o contexto regional. Diante desse cenário apresenta-se a seguir um dos diversos relatos divulgados à época, com o propósito de promover uma reflexão crítica sobre os eventos ocorridos, bem como evidenciar a necessidade de aprofundamento nas discussões socioambientais, que se mostram cada vez mais urgentes e relevantes no contexto atual. Segue conteúdo veiculado na Agência Pública:

Destroços nas ruas, águas cobrindo bairros inteiros, lama, resgates, tumultos, medo e insegurança. Esse é o cenário em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. A cidade se soma aos 431 municípios gaúchos atingidos pelo temporal que assolou o estado. Os números já são alarmantes por si só, mas a urgência aumenta quando nomes, vozes, rostos e histórias são acrescentados à maior calamidade do Rio Grande do Sul (Atkinson, 2024, s/p).

Este relato evidencia de forma contundente as condições adversas enfrentadas pela população, destacando o impacto social e psicológico da catástrofe no contexto de uma crise humanitária. Na cidade de São Leopoldo na Região Metropolitana de Porto Alegre, o nível do rio dos Sinos subiu 8,07 metros, ultrapassando o nível de alerta de 4,5. Cerca de 180 mil pessoas foram atingidas diretamente pela enchente – um impacto enorme para uma cidade que possui cerca de 220 mil habitantes (CNN Brasil, 2024).

Em 1941, o Rio Grande do Sul já havia sido atingido por uma grande enchente, a qual deixou dezenas de mortos e milhares de desabrigados. Após oito décadas, poucos imaginavam que poderia se repetir esse desastre e de tamanha magnitude. Diante desse contexto, é preciso compreender o que é e o que define uma catástrofe climática. Da mesma forma, quais fatores ou mesmo transformações ambientais e sociais demonstram poder de explicar a recorrência atual desse tipo de fenômeno.

O IPCC – Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas – documentou, já em 2012, que os eventos climáticos poderiam aumentar sua frequência e intensidade nas décadas seguintes. Um dos responsáveis pelo documento, o pesquisador e cientista Christopher B. Field, afirmou, na época, a importância de investir em decisões adequadas para combater os riscos de catástrofes em função do aquecimento global (Sanson, 2012). Esses fatores alteram o meio ambiente e tornam as populações vulneráveis a eventos extremos, forçando muitas pessoas a deixar suas casas em busca de segurança. Em 2023, o sexto relatório dessa organização mostrou que as

mudanças e seus efeitos superaram as expectativas em gravidade (IPCC, 2023).

A esse respeito, reconhecemos que o impacto humanitário da enchente no Rio Grande do Sul foi devastador. Milhares de pessoas ficaram desalojadas, vivendo a dor e a incerteza de ter sido afetadas. Esse “afetar-se” é um processo que perturba, angustia e deixa marcas profundas. No pensamento filosófico, Spinoza (2009) relaciona o conceito de *afecção* à ideia de duração, afirmando que “a mente humana não conhece o próprio corpo humano senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado” (Spinoza, 2009, p. 113). Em todo o estado do Rio Grande do Sul, o evento afetou 478 municípios e cerca de 2,4 milhões de pessoas (GZH, 2025).

Fotografia 1 – Enchente em São Leopoldo



Fonte: São Leopoldo, 2024.

Como citado anteriormente, São Leopoldo foi duramente impactada pela força das águas, com 80% de sua população afetada. As cicatrizes deixadas pela enchente são profundas – mesmo após um ano, ainda são visíveis em muitas fachadas de casas e prédios – e permanecem marcadas na memória de quem vivenciou esse trauma.

Bachelard (1993) lembra-nos que o principal papel de uma casa, além de abrigar, é proteger. Ele define a casa como “nosso canto no mundo”, nosso refúgio. Nesse sentido, a perda de um lar transcende a dimensão material, representando também a ruptura com memórias, aspirações e, principalmente, segurança. Trata-se da dissolução de projetos de vida e modos seguros de viver na cidade. “A casa é o lugar mais poderoso de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (Bachelard, 1993, p. 207).

O impacto das enchentes também alcançou outro tipo de casa: a escola. A função do ambiente escolar vem sendo ressignificada ao longo do tempo, deixando de ser apenas um espaço de transmissão de conhecimento para se tornar um território de acolhimento, proteção e construção de vínculos. Algumas dores são invisíveis e podem ser mais profundas. E nesse ponto uma verdade é que não é possível hierarquizar a dor.

Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguçava a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão (Arendt, 2013, p. 02).

E é nesse ponto que a crise ganha contornos de desafio, especialmente no que se refere ao ambiente escolar. Como reconstruir o processo de ensino-aprendizagem após uma tragédia climática? Muitos estudantes ficaram meses sem acesso às escolas. No município de São Leopoldo, das 50 escolas municipais, 18 foram impactadas, resultando na suspensão das aulas para cerca de 30 mil estudantes. Das 18 escolas, 11 delas serviram de alojamento para as famílias atingidas (São Leopoldo, 2024c).

A crise educacional no pós-enchente vai além da estrutura física das escolas, do mobiliário e dos livros perdidos. Sem estudantes, a escola não passa de um prédio coberto por lama, esperando por limpeza e reparos. Mais do que reconstruir paredes é preciso reconstruir esperanças e garantir que as gerações seguintes de estudantes tenham o direito básico à educação, mesmo diante das adversidades.

A partir do aqui exposto, este capítulo tem como objetivo analisar os impactos sofridos pelas escolas municipais de São Leopoldo, abordando os desafios enfrentados por estudantes e educadores, bem como a necessidade de políticas públicas para garantir a retomada da educação em um cenário pós-desastre.

## Os impactos da enchente nas escolas municipais de São Leopoldo

Este estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa com análise documental de fontes secundárias, como reportagens, artigos científicos e dados fornecidos por órgãos oficiais, incluindo a prefeitura de São Leopoldo e a Secretaria Municipal de Educação (Gil, 2008). Além disso, foram examinadas publicações de jornais e portais de notícias para compreender a dimensão dos impactos da enchente na infraestrutura escolar e no processo educacional. Também foi considerada na análise a experiência pessoal das autoras e do autor, os quais residem e atuam profissionalmente nesse município.

Para aprofundar a análise, recorreu-se a estudos que discutem a relação entre desastres ambientais e educação, como os trabalhos de Pedro Jacobi (2003, 2007) sobre vulnerabilidade socioambiental e de Rualdo Menegat (2024) acerca de desastres naturais e gestão de riscos. A metodologia também se beneficiou das contribuições de Minayo (2014) no que diz respeito à pesquisa qualitativa em ciências sociais, garantindo um rigor científico na interpretação dos dados coletados.

Pedro Jacobi (2007) aborda a vulnerabilidade socioambiental sob uma perspectiva crítica, enfatizando como populações marginalizadas são desproporcionalmente afetadas por crises ambientais. Para Branco Filho e Jacobi (2023), “os eventos extremos têm colocado em evidência a ausência de planejamento antecipatório e adicionam barreiras para a implementação de políticas de mitigação e adaptação”. Para os pesquisadores, esses fatores levam ao aumento de vulnerabilidades e desigualdades ambientais nas cidades. Jacobi destaca que o caminho está em sociedades mais sustentáveis, fortalecidas por “práticas educativas que, pautadas pelo paradigma da complexidade, apótem para a escola e os ambientes pedagógicos uma atitude reflexiva em torno da problemática ambiental” (Jacobi, 2007, p. 57).

Para Jacobi, fundamentado nos estudos de Beck (1992), o tema da sustentabilidade e sociedade sustentáveis confronta-se com o paradigma da “sociedade de risco”<sup>4</sup>, implicando

---

<sup>4</sup> Sociedade de risco identificada “como uma segunda modernidade ou modernidade reflexiva, que emerge com a globalização, a individualização, a revolução de gênero, o subemprego e a difusão dos riscos globais. Os riscos atuais caracterizam-se por ter consequências, em geral, de alta gravidade, desconhecidas a longo prazo e que não podem ser avaliadas com precisão, como é o caso dos riscos ecológicos, químicos, nucleares e genéticos” (Jacobi, 2003, p. 191).

a necessidade de se multiplicarem as práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso à informação e à educação ambiental em uma perspectiva integradora. E também demanda aumentar o poder das iniciativas baseadas na premissa de que um maior acesso à informação e transparência na administração dos problemas ambientais urbanos pode implicar a reorganização do poder e da autoridade (Jacobi, 2003, p. 192).

Nesse sentido, a sustentabilidade passa a ser entendida a partir das dimensões sociais, políticas e culturais, especialmente no contexto urbano. A “sociedade de risco”, definida por Beck, evidencia as contradições do desenvolvimento urbano, onde os avanços tecnológicos coexistem com a produção e disseminação de riscos, assim como o avanço das desigualdades entre diferentes grupos sociais. Diante disso, Jacobi (2003) enfatiza a importância de uma cidadania ativa e crítica, com capacidade para pressionar por mudanças efetivas e por formas mais participativas de gestão ambiental. Nesse sentido, torna-se essencial o fortalecimento de espaços de diálogo entre Estado, sociedade civil e setor privado na construção de cidades mais justas, resilientes e ecologicamente sustentáveis.

Menegat enfatiza a importância da educação ambiental nas escolas, sugerindo a necessidade de trabalhar com os estudantes as particularidades do território, utilizando metodologias que estejam diretamente associadas ao ambiente local das comunidades. Um exemplo concreto, trazido por Menegat, são os Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), implementados na cidade de Porto Alegre (RS). A partir de estudos e atividades desenvolvidas no LIAU “foi possível construir a identidade territorial, sendo esta a base para o diálogo e a compreensão da territorialidade de outras comunidades” (Silva; Menegat, 2012, p. 75.)

Menegat defende que não basta aplicar políticas ambientais de modo vertical. É preciso construir estratégias territoriais de enfrentamento às emergências climáticas. Os saberes técnicos e comunitários articulam-se com o modo como as pessoas vivem e compreendem o seu território. Ele vê o território como uma construção histórica, social e geológica e não apenas como um recorte geográfico (Menegat, 2012). A ideia de inteligência social do lugar de acordo com Menegat está relacionada à capacidade coletiva de uma comunidade em ler o seu território, entender os processos que o afetam e a partir desses fatos pensar em construir estratégias de prevenção, resistência, adaptação e transformação.

A partir do olhar crítico de Jacobi e Menegat para a educação ambiental e as emergências climáticas destacamos o documento produzido em par-

ceria pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, Divisão de Meio Ambiente, Desenvolvimento Rural e Gestão de Riscos de Desastres e pelo Banco Mundial, entre outras instituições internacionais, em novembro de 2024, denominado “Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul”, em que foi realizado o levantamento dos danos no que se refere às escolas e universidades. Estima-se que

ao menos 992 escolas e universidades sofreram algum tipo de dano em suas infraestruturas, mobiliários, equipamentos e materiais, com 433 registrando danos mais sérios e 41 consideradas totalmente inoperantes. A Região Metropolitana de Porto Alegre, o Vale do Taquari e o Nordeste do estado foram as áreas mais afetadas (Suárez, 2024, p. 79).

Esse cenário revela o impacto devastador das enchentes quanto à infraestrutura educacional. A destruição parcial ou total das instituições de ensino agravou as desigualdades sociais já existentes, especialmente em regiões onde a educação formal é a principal via de acesso de estudantes a outras vivências, a novas oportunidades, à diversidade de conhecimentos, ao lazer e ao acolhimento. Em contextos de crises ou desastres, aqui no caso das enchentes e inundações, essas condições perpetuam ciclos de pobreza e aumento das desigualdades (Suarez, 2024).

No que se refere à crise educacional durante a enchente de 2024, ela não pode ser compreendida isoladamente das múltiplas dimensões da crise socioambiental. Os desastres naturais e suas consequências escancaram não apenas a precariedade das infraestruturas urbanas, mas também a fragilidade das políticas públicas educacionais, que muitas vezes ignoram as especificidades territoriais e sociais das comunidades mais vulneráveis.

Como já relatado no decorrer deste texto, segundo a Prefeitura de São Leopoldo, das 50 escolas municipais 18 foram total ou parcialmente destruídas pelas enchentes. Além dos danos estruturais, aproximadamente 30 mil estudantes foram afetados, enfrentando muitas dificuldades para retomar a rotina escolar. O impacto emocional também é um fator a ser considerado, pois foi profundo, provocando traumas devido às perdas e às incertezas quanto ao futuro.

A fim de apresentar uma dimensão das escolas afetadas, optamos por trazer os nomes e bairros de cada uma: ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL (EMEF): EMEF Barão do Rio Branco (bairro Pinheiro), EMEF Bento Gonçalves (bairro Morro do Paula),

EMEF Borges de Medeiros (bairro Jardim América), EMEF Henrique M. Coelho Neto (bairro São João Batista), EMEF Professor Emílio Meyer (bairro Feitoria), EMEF Franz L. Weinmann (bairro Jardim América), EMEF Osvaldo Aranha (bairro Feitoria), EMEF São João Batista (bairro São João Batista), EMEF Senador Salgado Filho (bairro Santo André), EMEF Olímpio Vianna Albrecht (bairro Feitoria), EMEF Doutor Jorge Germano Sperb (bairro Campestre – Vila Born), EMEF Arthur Ostermann (bairro Feitoria), EMEF Dilza Flores Albrecht (bairro Feitoria – Cohab), EMEF Waldir Artur Schmidt (Feitoria). ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (EMEI):, EMEI Amor Perfeito (bairro Rio Branco), EMEI Bem-me-quer (bairro Fião), EMEI Carlos de Souza Moraes (bairro Feitoria – Seller), EMEI Ipê Amarelo (bairro Duque de Caxias), EMEI Sonho Nosso (bairro Duque de Caxias), EMEI Waldir Artur Schmidt (bairro Feitoria) (SÃO LEOPOLDO, 2024). Esse número é impactante pela quantidade de pessoas diretamente afetadas, assim como pelas dezenas de salas de aula perdidas, além de cozinhas, refeitórios, bibliotecas, ambientes de aprendizagem, direção, salas de informática e robótica dentre outros espaços.

A situação foi tão devastadora, que pelo menos duas dessas instituições – EMEF Castro Alves e EMEF Otília Rieth – chegaram a registrar 2,5 metros de água em suas dependências. De acordo com as informações oficiais disponibilizadas no site da Prefeitura, na escola Otília, por exemplo, dos 29 espaços escolares, 25 foram completamente atingidos, totalizando 86,2% em cada escola (São Leopoldo, 2024).

A imagem a seguir apresenta um pouco da situação encontrada nas escolas após a enchente. Na sala de aula, como é possível perceber, nada pôde ser aproveitado. O mobiliário de madeira absorveu a água, causando, assim, o apodrecimento do móvel.

## Fotografia 2 – Destruição e grandes perdas nas escolas municipais atingidas pela enchente



Fonte: São Leopoldo (2024).

A paralisação das aulas por um período prolongado comprometeu o aprendizado, ampliando desigualdades educacionais já existentes. A falta de um plano emergencial para a continuidade das atividades escolares revelou a fragilidade da estrutura educacional diante de desastres ambientais – estima-se que 30 mil alunos ficaram sem aula nesse período.

O trabalho de reconstrução foi lento e desafiador. A recuperação total dos ambientes escolares levou mais de três meses, sendo concluída apenas no final de agosto, quando as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI)s Brinco de Princesa (Vicentina), Acácia Mimosa (Vila Paim) e

Girassol (Santos Dumont) retomaram suas atividades – as últimas três escolas a retomar suas atividades.

De acordo com Jacobi (2023), a administração dos riscos socioambientais

coloca cada vez mais a necessidade de ampliar o envolvimento público através de iniciativas que possibilitem um aumento do nível de preocupação dos educadores com o meio ambiente, garantindo a informação e a consolidação institucional de canais abertos para a participação numa perspectiva pluralista (Jacobi, 2003, p. 245).

Assim, a reconstrução das escolas não deve ser compreendida apenas como um processo técnico, mas como uma oportunidade para fortalecer práticas educativas comprometidas com a gestão de riscos, a sustentabilidade e a formação cidadã, promovendo espaços escolares preparados, resilientes, participativos e ambientalmente conscientes das emergências climáticas.

### **Escolas como abrigos e o desafio do acolhimento socioemocional**

Mais do que um local de aprendizado, a escola desempenha um papel fundamental no suporte emocional dos alunos. A reconstrução das unidades escolares deve ir além da recuperação física dos prédios, considerando também estratégias para apoiar estudantes e professores no retorno às atividades.

Pesquisadores como Arendt (2013) e Barbosa (2020) destacam que a escola é um espaço essencial para o desenvolvimento social e emocional das crianças. Nesse sentido, políticas públicas devem garantir suporte psicológico, adaptação curricular e a implementação de programas de reforço escolar para minimizar os impactos da interrupção das aulas.

Nesse contexto, a escola apresentou um duplo papel: acolher as fragilidades dos estudantes que foram atingidos pela enchente e reconstruir seus espaços físicos. De acordo com Marchezini *et. al* (2024), muitas escolas foram usadas e ocupadas em situações de desastres. Em São Leopoldo, 13 escolas serviram como espaço de acolhimento e abrigo (São Leopoldo, 2024c). Entre elas: EMEI Jardim Verde, EMEF Zaira Hauschild, EMEF Gusmão Britto, EMEF Prof João Hohendorff, EMEF Clodomir Vianna Moog, EMEF Prof. José Grimberg, EMEF Santa Marta, EMEF Tancredo Neves, EMEF General Mário Fonseca, EMEF Dr. Paulo da Silva Couto, EMEF Maria Emília de Paula e EMEF Irmão Weibert. Esses espaços pos-

suem infraestrutura e serviços básicos, sendo ideais para abrigar e facilitar o trabalho das equipes de resgate, de logística humanitária e de governantes.

Por outro lado, utilizar as escolas como abrigo tem profundas implicações para a continuidade da formação de crianças e adolescentes, assim como pode colocar em risco sua integridade física e emocional, especialmente diante de processos de estigmatização em que a reivindicação pelo uso do espaço da escola é objeto de conflito entre populações abrigadas e não abrigadas. Embora de difícil solução, esta dicotomia deve ser abordada nos planos de gestão escolar de risco (Marchezini *et al.*, 2023, p. 169).

Apesar dessa dicotomia entre as escolas que abrigam e as implicações no seu uso como abrigo é importante investir em outros espaços de escuta ativa e acolhimento socioemocional para refletir a respeito das angústias e dificuldades. A experiência vivida durante as enchentes de maio de 2024 sobrepôs-se às questões pedagógicas, evidenciando a vulnerabilidade de determinados grupos sociais e a fragilidade das instituições diante dos riscos.

No Rio Grande do Sul, aproximadamente 830 abrigos foram ativados para acolher cerca de 76 mil pessoas afetadas pela tragédia (Mengue, 2024). Em São Leopoldo, das 50 escolas municipais 12 serviram de alojamento (São Leopoldo, 2024b). De acordo com os dados da Prefeitura de São Leopoldo, no período inicial, sendo o mais crítico da enchente, 17.363 tiveram que ser acolhidas na cidade (Strapazzon, 2024).

A vivência nos abrigos, especificamente organizados em escolas, revelou não apenas uma resposta emergencial à tragédia, mas também a rápida organização das instituições educativas como espaços de acolhimento e reconstrução de vínculos comunitários. Em muitos desses locais observou-se a formação de redes de solidariedade entre famílias, educadores, voluntários e agentes públicos, que atuaram conjuntamente na organização de rotinas, na distribuição de mantimentos e no suporte emocional às pessoas abrigadas.

### Fotografias 3 e 4 – Abrigo na escola durante a enchente de 2024 em São Leopoldo



Fonte: EMEF Santa Marta. São Leopoldo/RS (2024).

Apesar das limitações estruturais e da sobrecarga de demandas, especialmente nos primeiros dias, os espaços escolares foram ressignificados. Nesse contexto, as salas de aula transformaram-se em dormitórios coletivos e ambientes de convivência, onde atividades pedagógicas, culturais e recreativas passaram a ser organizadas com o intuito de oferecer às crianças e aos adolescentes uma sensação de continuidade e segurança. A presença de professores, psicólogos e lideranças comunitárias favoreceu a criação de dinâmicas de cuidado e escuta, fundamentais para a elaboração dos traumas vivenciados. Segundo a professora do Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia – EVAM da EMEF Santa Marta, aproximadamente 170 pessoas e 46 animais (cachorros, gatos e coelhos) foram acolhidos na escola. Ela relata que, no período final, quando deveriam desocupar a escola, “eles não queriam ir embora porque não tinham mais casa e porque ali foram acolhidos com dignidade, recebendo diariamente alimentação, conforto e segurança” (Professora do EVAM, 2024).

Por outro lado, apesar do esforço coletivo para oferecer segurança e dignidade, muitos foram os relatos de violência nesses espaços, especialmente contra mulheres e crianças. Casos de assédio, estupros e até feminicídios foram registrados em alguns abrigos, incluindo aqueles instalados em escolas (Alves, 2025). Em resposta foram criados abrigos exclusivos para mulheres e crianças, com a finalidade de proporcionar maior privacidade e segurança.

No pós-enchente, destaque para a reconstrução dos espaços escolares, trazendo melhores condições para os estudantes e professores, porém

além do investimento na infraestrutura para garantir ambientes seguros foi necessário investir no fortalecimento dos vínculos entre a comunidade escolar. O maior desafio talvez seja reduzir o hiato de aprendizado causado pela tragédia climática, já enfrentado anteriormente pela Covid-19, por exemplo.

Além do fortalecimento de vínculo e os relativos às aprendizagens, Menegat acredita que houve um despertar da sociedade civil para discutir mais sobre temas ligados às mudanças climáticas e seus riscos, um passo importante para desenvolver uma “inteligência social do lugar” (Menegat, 2024). Nesse ponto, ele se refere à capacidade coletiva de mobilização de saberes locais, memórias históricas e vínculos afetivos com o território na construção de respostas mais resilientes e sustentáveis frente aos desastres.

### **Perspectivas para a educação pós-enchente**

Dados do portal de notícias do G1 afirmam que a enchente de maio de 2024 foi a pior da história do RS, deixando um rastro de 184 mortos confirmados e 25 desaparecidos, afetando diretamente a vida de mais de 800 mil gaúchos. Conforme publicação no site, dos 497 municípios 478 foram atingidos pelas águas, que invadiram casas, comércios, rodovias, estádios, escolas e equipamentos públicos essenciais.

Após o primeiro aniversário do maior desastre já vivido pelo estado, os desafios pós-enchente seguem presentes nas ruas, nas histórias e nas memórias da comunidade e nas escolas do município de São Leopoldo. A secretária da Educação de São Leopoldo, em apresentação na XV Reunião Regional da ANPEd Sul, chamou atenção para todo o trabalho de acolhimento realizado pela Secretaria Municipal de Educação e a importância da reestruturação dos prédios escolares.

Consideramos relevante destacar na imagem a seguir um recorte desse processo de reconstrução. A enchente de maio obrigou as escolas a se adaptar às mudanças necessárias em seus espaços. Aquela “reforma” que poderia esperar mais um pouco não pode mais ser adiada.

### Fotografias 5 e 6 – Antes e depois da enchente em uma das EMEFs de São Leopoldo



Fonte: Arquivo SMED/São Leopoldo, 2024.

A recuperação das escolas em São Leopoldo ainda enfrenta diversos desafios, incluindo a necessidade de desenvolver estratégias preventivas para mitigar os efeitos de futuras catástrofes climáticas sobre a educação. A Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência (INEE) publicou em 2024 a edição atualizada dos “Requisitos Mínimos para a Educação: Preparação, Resposta e Reconstrução”. O documento apresenta as “Ações de Mitigação e Adaptação em Emergências Climáticas para a Educação” (INEE, 2024, p. 52). São 10 pontos estratégicos, divididos em 82 ações, com o objetivo de guiar instituições, governos e comunidades na construção de sistemas educacionais mais resilientes diante das mudanças climáticas e emergências relacionadas ao clima.

Além dessas medidas, Rualdo Menegat destaca que

Os temas climáticos, ambientais, geográficos e geológicos devem estar na escola como conteúdos e, principalmente, como práticas. Do ensino universitário ao fundamental, devemos entrar em outro ciclo educativo: aquele que prepara a juventude e os futuros profissionais para a emergência climática (Menegat, 2024)

Durante a elaboração deste estudo não obtivemos dados específicos do número de escolas que trabalharam com medidas de contingência pós-cenário das enchentes. No entanto, é preciso considerar que as escolas atingidas em São Leopoldo buscaram retomar as aulas tentando minimizar o impacto no ano letivo. Nos casos mais graves, os estudantes foram remanejados para outras instituições.

A experiência das escolas diante do desastre evidencia sua importância como espaços de reconstrução cotidiana e de reorganização comunitária. Incluindo isso, Jacobi (2007) defende o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não apenas informem, mas que envolvam criticamente os sujeitos na compreensão das causas estruturais das vulnerabilidades e na busca por alternativas sustentáveis. Nesse contexto, a escola deve atuar como agente formador de consciência crítica e promotora de transformação social.

Ao mesmo tempo, a escola poderá contribuir para o fortalecimento da “inteligência social do lugar”, como destaca Menegat (2024), promovendo a capacidade coletiva de integrar conhecimentos e memórias territoriais na construção de respostas resilientes frente aos desastres.

Nesse sentido, é necessário que reconheçamos a educação como uma ferramenta para a compreensão da crise climática e situações em que eventos climáticos severos afetam a organização do território e a vida das pessoas. Acompanhando o argumento de Menegat (2024), pensamos que a educação ocupa importante papel de “alfabetização climática”, a qual, além das iniciativas pedagógicas de emergência, pode repensar a relação das comunidades com os ambientes naturais em perspectiva crítica e integradora.

Os temas socioambientais e de justiça climática deveriam integrar o currículo escolar neste tempo, especialmente em contextos posteriores a catástrofes. Sua transversalidade formativa, além da experiência vivida pelas pessoas no território de São Leopoldo e da região, adensa programas e políticas de resiliência climática em direção a uma transição ecológica.

### **Considerações finais**

Maio de 2025 completou um ano que as enchentes deixaram marcas profundas na cidade de São Leopoldo. Os efeitos foram presentes em diversos segmentos na cidade, especialmente no campo educacional. Percebemos ao longo deste estudo que os impactos da enchente ultrapassaram prejuízos emocionais, materiais, afetando diretamente a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Esse cenário também impactou o bem-estar emocional de professores, gestores, estudantes e, sobretudo, as estruturas de acolhimento social oferecidas pelas escolas.

Este artigo buscou analisar algumas das diversas fontes que discutiram e apresentaram intensamente os efeitos da tragédia climática no ambiente escolar – cerca de 30 mil alunos tanto da Educação Infantil como do Ensi-

no Fundamental das 18 escolas municipais de São Leopoldo afetadas ficaram sem aulas por aproximadamente três meses. Além das perdas mensuráveis (visíveis), nesses espaços – salas de aula e equipamentos destruídos – existe uma dor invisível, silenciosa, que muitas vezes é despertada por uma simples chuva. E essas marcas não podem ser apagadas com água e tinta.

É possível compreender que tragédias como esta devem servir como ponto de partida para uma mudança estrutural profunda e que passa por importantes reflexões da educação ambiental. É preciso implementar políticas públicas que preservem o meio ambiente, mas também planos de contingência para desastres – um sistema de alerta de inundação eficiente poderia ter evitado mortes, por exemplo.

Dessa maneira, a reconstrução das escolas não deve ficar limitada aos imóveis, o que torna indispensável a adoção de políticas públicas para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas de enfrentamento às mudanças climáticas. A educação precisa ser pensada como um direito humano e como uma ferramenta de resistência e transformação social diante das emergências ambientais.

Por fim, cabe destacar que as memórias dessa catástrofe não podem ser esquecidas. Além de debatidas, elas precisam ser ressignificadas no ambiente escolar, transformando-se em aprendizagem coletiva. Nesse contexto, mais do que reconstruir paredes é preciso reconstruir esperanças e garantir que as futuras gerações tenham o direito básico à educação, mesmo diante das adversidades. A escola tem o potencial de se tornar, mais do que nunca, um território de esperança onde se constroem futuros possíveis mesmo a partir das maiores perdas.

## Referências

ALVES, Schirlei. **Meninas e adolescentes em desastres climáticos**: vulnerabilidades agravadas pela crise. 12 fev. 2025. Catarinas. Disponível em: [https://catarinas.info/meninas-e-adolescentes-em-desastres-climaticos-vulnerabilidades-agravadas-pela-crise/?utm\\_source=chatgpt.com](https://catarinas.info/meninas-e-adolescentes-em-desastres-climaticos-vulnerabilidades-agravadas-pela-crise/?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 23 jun. 2025.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ATKINSON, Pâmella. São Leopoldo: a cidade gaúcha onde quase todos perderam o lar. **A Pública**, Sessão Clima Socioambiental, 2024. Disponível em: [https://apublica.org/2024/05/sao-leopoldo-a-cidade-gaucha-onde-quase-todos-perderam-o-lar/#\\_](https://apublica.org/2024/05/sao-leopoldo-a-cidade-gaucha-onde-quase-todos-perderam-o-lar/#_). Acesso em: 27 mar. 2024.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Manuel Gonçalves. Educação e democracia: do risco de desarticulação a uma recomposição crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, n. 177, p. 759-773, 2020.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BRANCO FILHO, Thelmo de Carvalho Teixeira; JACOBI, Pedro. Eventos extremos: a quem clamar? **Nexo Jornal**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://pp.nexojournal.com.br/opiniaio/2023/08/01/eventos-extremos-a-quem-clarar>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CARDOSO, Digue. Enchentes: São Leopoldo registra quinta morte; 3 pessoas seguem desaparecidas. **ValedoSinos.org**, São Leopoldo, 10 maio 2024. Disponível em: <https://valedosinos.org/enchentes-sao-leopoldo-registra-quinta-morte-3-pessoas-seguem-desaparecidas/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CASA MILITAR. DEFESA CIVIL RS. **Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS**. 20 ago. 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-10-7-66b67813ba21f66c4eed627af9>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CNN BRASIL. Rio dos Sinos sobe 2 cm por hora e afeta 180 mil pessoas em São Leopoldo (RS). **CNN Brasil**, 6 maio 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/rio-dos-sinos-sobe-2-cm-por-hora-e-afeta-180-mil-pessoas-em-sao-leopoldo-rs/>. Acesso em: 8 maio 2025.

G1. **Sobe para 184 número de vítimas 1 ano após enchente no RS; número de desaparecidos cai para 25**. 24 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/1-ano-de-enchente-rs/noticia/2025/04/24/sobe-para-184-numero-de-vitimas-1-ano-apos-enchente-no-rs-numero-de-desaparecidos-cai-para-25.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2025.

G1. **Novo relatório do IPCC prevê mais desastres no futuro**. 28 mar. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2012/03/novo-relatorio-do-ipcc-preve-eventos-extremos-do-clima-nos-proximos-anos.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GZH. Mudanças climáticas vão tornar eventos extremos até cinco vezes mais frequentes no Sul, aponta estudo. **GZH**, Porto Alegre, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2025/04/mudancas-climaticas-vaotornar-eventos-extremos-ate-cinco-vezes-mais-frequentes-no-sul-aponta-estudo-cma2zpu3e00uc0163iehohlb0.html>. Acesso em: 8 maio 2025.

INEE. **Requisitos mínimos para a educação: preparação, resposta e reconstrução.** 2024. Disponível em: <https://inee.org/pt/recursos/requisitos-minimos-para-educacao-edicao>. Acesso em: 23 abr. 2025.

IPCC. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability.** Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

IPCC. **Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese.** 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy\\_of\\_IPCC\\_Longer\\_Report\\_2023\\_Portugues.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf). Acesso em: 31 mar. 2023.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.  **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, 2003.

JACOBI, Pedro Roberto. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 2, p. 49-65, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580x.v.2.n.2.p.49-65>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARCHEZINI, Victor; MUÑOZ, Viviana Aguilar; TRAJBER, Rachel. **Vulnerabilidade escolar frente a desastres no Brasil.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, [s.d.]. Disponível em: [https://educacao.cemaden.gov.br/wp-content/uploads/2023/07/Vulnerabilidade\\_escolar\\_frente\\_a\\_desastres\\_no\\_Brasil.pdf](https://educacao.cemaden.gov.br/wp-content/uploads/2023/07/Vulnerabilidade_escolar_frente_a_desastres_no_Brasil.pdf). Acesso em: 23 abr. 2025.

MENEGAT, Rualdo. **A produção da catástrofe no RS: fatores climáticos, ambientais e descasos da gestão pública.** 2024. Disponível em: <https://red.org.br/noticias/a-producao-da-catastrofe-no-rs-fatores-climaticos-ambientais-e-descasos-da-gestao-publica/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MENGUE, Priscila. Com 830 abrigos para 80 mil pessoas, RS vive desafio de evitar conflitos e melhorar convívio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 maio 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/com-830-abrigos-para-80-mil-pessoas-rs-vive-desafio-de-evitar-conflitos-e-melhorar-convivio/>. Acesso em: 8 maio 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. **Destruição e grandes perdas nas escolas municipais atingidas pela enchente.** 25 maio 2024. Disponível em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/noticia/34461>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. **Volta às aulas nas três últimas EMEIs marca o retorno completo das 18 escolas atingidas pela enchente em São Leopoldo.** 26 ago. 2024. Disponível em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/noticia/34952>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANSON, Cesar. IPCC alerta que é hora de se preparar para o pior. **IHU**, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/508012-ipcc-alerta-que-e-hora-de-se-preparar-para-o-pior>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SÃO LEOPOLDO. **Dezoito escolas municipais foram alagadas ou destruídas pela enchente.** 2024b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/olrEr>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SÃO LEOPOLDO. **Destruição e grandes perdas nas escolas municipais atingidas pela enchente.** 2024. Disponível em: <https://acesse.one/vZqu9>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SÃO LEOPOLDO. **Volta às aulas é marcada por acolhimento nas comunidades escolares.** 2024c. Disponível em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/noticia/34685?titulo=Volta+%C3%A0s+aulas+%C3%A9+marcada+por+acolhimento+nas+comunidades+escolares>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, Cleonice de Carvalho; MENEGAT, Rualdo. Educação ambiental integrada: construindo na escola o laboratório da inteligência do ambiente urbano. In: LISBOA, Cassiano Pamplona; KINDEL, Eunice Aita Isaia; KROB, Alexandre José Diehl (orgs.). **Educação ambiental: da teoria à prática.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad.: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

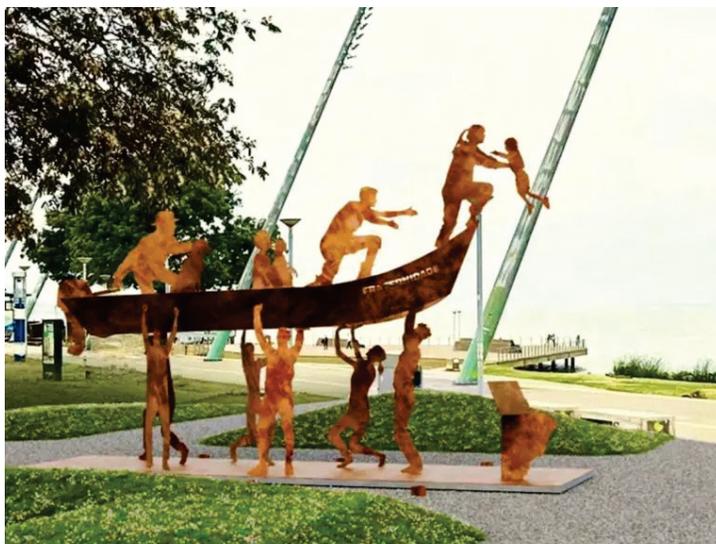
STRAPAZZON, Renata. Região ainda tem mais de 4 mil pessoas em abrigos um mês após início da enchente. **abc+.** São Leopoldo, 04 jun. 2024. Disponível em: <https://www.abcm.com/brasil/rio-grande-do-sul/regiao-ainda-tem-mais-de-4-mil-pessoas-em-abrigos-um-mes-apos-inicio-da-enchente/>. Acesso em: 29 maio 2025.

SUAREZ, G.; BELLO, O.; CAMPBELL, J. **Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul.** 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18235/0013254>. Acesso em: 27 mar. 2025.

## Escola/abrigo: memórias de um território em crise

*Elise Testolin de Abreu<sup>1</sup>  
Lucila Guedes de Oliveira<sup>2</sup>*

Figura 1 – Heróis voluntários, 2024



Fonte: Cardoso, Ricardo, 2024.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul-UCS. Graduada em Pedagogia – Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Educação – Ênfase em Apoio Pedagógico pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. É professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e atuou como Gerente Pedagógica da Educação Infantil na Secretaria Municipal da Educação de Caxias do Sul – SMED. Integra ao Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memórias (GRUPHEIM). E-mail: [elise.testolin.de.abreu@edu.caxias.rs.gov.br](mailto:elise.testolin.de.abreu@edu.caxias.rs.gov.br).

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Especialista em Arte/Educação – Faculdades Integradas de Amparo; Informática Educativa – Faculdade Anglo-Americano; e Coordenação Pedagógica pela UFRGS. Licenciatura Plena em Educação Artística; Acadêmica em Pedagogia na UCS. Docente da Rede Municipal da Educação de Farroupilha e da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul e do curso de Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul. Coordenou o Núcleo Técnico/Científico de Educação, Pesquisa e Comunicação da Diretoria de Museus e Memória de Caxias do Sul. Atualmente é Membro do GT-26 do Tribunal de Contas do RS com Estudos e monitoramento da Lei 10.639/2003. E-mail: [lucila.guedes.de.oliveira@edu.caxias.rs.gov.br](mailto:lucila.guedes.de.oliveira@edu.caxias.rs.gov.br).

## Considerações iniciais

Que memórias emergem dos acontecimentos das escolas transformadas em espaços/abrigo no contexto das enchentes<sup>3</sup> que atingiram o estado do Rio Grande do Sul no ano de 2024? Delinear os rastros das escolas/abrigo demanda fazer um panorama visto através das notícias publicadas no portal da Educação das cidades do Rio Grande do Sul. O debate inaugura as tessituras da memória como elemento essencial e de (re)conexões humanizadas, de um tempo com representações visuais, sonoras e monumentais de significados diversos, atravessados pela dimensão do passado, materializada na paisagem e sua singularidade.

A trama de sentidos deste estudo confirma-se a partir da imagem do monumento<sup>4</sup> intitulado *Heróis voluntários*, de Ricardo Cardoso (2024), e que retrata o barco *Fraternidade*, em tamanho real, com seis metros de comprimento por dois de largura, realizando o resgate de pessoas e animais – tal como aconteceu durante a tragédia climática no mesmo local. A intervenção artística configura-se suspensa a 1,75 metro do chão; o barco simboliza o nível atingido pelas águas no centro histórico de Porto Alegre (RS), reforçando a dimensão da crise vivida pela cidade e demais localidades.

Em meio a devastação, acolhimento e cuidado houve uma reconfiguração nas escolas gaúchas, transformando-as em espaços de abrigo. Ainda que temporárias, as rotinas das diferentes famílias que realizaram a ocupação somaram-se a um esperar a partir de um momento de sofrimento e de incerteza.

Parece-nos urgente compreender e resgatar a memória dos lugares físicos, de tais territórios onde a ética e a estética são entrelaçadas – e, portanto, propiciando mudanças sensíveis no modo de viver e conviver com a narrativa histórica. Nesse horizonte, a educação pautada nessa prerrogativa explorou o universo simbólico das materialidades escolares.

---

<sup>3</sup> Contexto da Crise Climática no Rio Grande do Sul pode ser acessada na obra: MALINOSKI, André; GONZATTO, Marcelo; LOPES, Rodrigo. A história da maior tragédia climática de Porto Alegre: Besouro Box, 2024.

<sup>4</sup> A FEDERASUL e a Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA) inauguram no trecho de número um da orla do Guaíba em Porto Alegre/RS a escultura *Heróis Voluntários*, uma homenagem ao heroísmo dos voluntários que atuaram durante a enchente de maio deste ano. Localizada em frente ao restaurante 360, a obra é assinada pelo artista Ricardo Cardoso com curadoria de César Prestes.

Novas metodologias reinterpretam o cenário, recuperam o sentido conceitual de cidade, território e memória, acolhendo e aproximando as pessoas. Nas palavras de Santos (2023, p. 18):

[...] a cidade é o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificialmente humanizado. A cidade é um arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graça à força do orgânico, não porque os humanos queiram.

Lançar novos olhares para as relações de cidade, território e memória como espaços de experiências compartilhadas, as quais subjetivam diferentes sujeitos, inspirando sensatez dos direitos coletivos e da urgência de um futuro melhor e justo para todos e de afetos. O mesmo autor ressalta que “[...]o afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende” (Santos, 2023, p. 36). Do afeto nasce o cuidado, que não confere a troca, mas de gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto, os quais se compartilham, movidos pelo sentimento de comunidade (Santos, 2023). Porque a coexistência numa cidade está interligada por acontecimentos que se movimentam nos diferentes lugares e do intersubjetivo.

É pertinente afirmar que o território será discutido a partir de Milton Santos (2005), propondo que o conceito de território seja compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local e sobretudo do acontecer solidário. No horizonte de prática social, o Território é rede de saber-poder – o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência. O autor salienta que o Brasil é um território de desigualdade e por isso deve ser pensado de forma concomitante pela formação socio-espacial brasileira e do território brasileiro (Santos, 1998). Essa significação é também provisória frente às subjetivações produzidas na história e nos modos de ser, viver e conviver das múltiplas existências.

Mas obviamente os sujeitos expostos e vulneráveis à realidade tiveram que criar novas rotas e como toda a cartografia foi se fazendo pelos gestos e pela palavra tecida pelo afeto, reinventando realidades. Milton Santos alerta que “o espaço que, para o processo produtivo, une os homens, é o espaço que, por esse mesmo processo produtivo, os separa” (Santos, 2012, p. 33). Ora, o espaço lida com a força do trabalho das práxis acumuladas. No contexto das enchentes, a desigualdade social é um fator que é relevante para

discutir a estrutura da sociedade, mas como as relações se movimentam acerca das práticas humanizadas e que são surpreendentes.

No entanto, a lógica da construção de um espaço humanizado pode reverberar na união das pessoas para e pelo seu trabalho (Santos, 2012), como a reinvenção dos espaços das escolas/abrigos. Cada espaço escolar ocupado pelas pessoas lidou com múltiplas realidades em um acontecer solidário e concebido como prática social e um vir-a-ser de encontros generosos e sensíveis.

A explícita formação da desigualdade dos sujeitos e suas identidades apresentam-se nesse contexto a partir de cunho geográfico, filosófico e sobretudo sociopedagógico; abrem-se possibilidades para pensar o futuro, conjugando amorosidades e solidariedade entre os sujeitos envolvidos.

Vale assinalar, por fim, que este capítulo versa sobre a cartografia das escolas como empreendimento e ênfase à memória de uma experiência coletiva com efeitos traumáticos frente aos vestígios do vivido.

### **Memórias que se conectam à escola**

Durante a emergência climática, algumas escolas no Rio Grande do Sul serviram como abrigo para a comunidade. A palavra abrigo aqui será discutida a partir do horizonte ético/estético da educação (Hermann, 2010) e da experiência humana, recuperando a ideia de acolhimento, afeto e ampliando a ideia de espaço físico e de doação. Asseguramos que a escola existe com suas múltiplas versões e enuncia a sua potência como espaço humanizador.

Podemos apontar aqui que o governo do Estado, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), compartilhou durante a crise climática modos de monitoramento dos abrigos temporários abertos em toda a Região Metropolitana. As ferramentas usadas atualizaram em diferentes momentos os dados fornecidos pelos Centros Humanitários de Acolhimento (CHAs).

Nesse contexto, destacamos o território gaúcho de São Leopoldo<sup>5</sup>, situado na Região Metropolitana do Rio Grande do Sul (RS), no qual cerca de 18 escolas foram destruídas pela enchente, causando prejuízo para a formação da comunidade escolar. No entanto, dos 48 espaços que constituem as

---

<sup>5</sup> Informações do Portal da RME de São Leopoldo/RS. Disponível: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/noticias>. Acesso em: 12 abr. 2025.

escolas conveniadas da Educação Infantil 21 foram alagados. Outra informação refere-se aos 12 espaços escolares da Rede Municipal de Ensino que serviram para pessoas desabrigadas, incluindo um espaço dedicado aos pets.

As famílias foram atendidas por serviços de apoio e diferentes atividades, amenizando o impacto frente aos traumas, à aprendizagem das crianças e jovens que perderam seus pertences e casas e como foram forjadas pela tragédia climática.

Outro movimento feito na construção deste artigo foi a entrevista com uma docente da Educação Infantil da RME de Caxias do Sul em uma escola da Zona Sul da cidade. Na Rede da Educação do Município, das 83 escolas teve apenas uma escola-abrigo no território escolar.

A partir de uma das preocupações acerca do vivido questionamos a docente acerca de sua percepção do momento em que a escola foi atingida pela enchente. A docente considerou que o “momento de bastante apreensão. – Enquanto descíamos a serra pra chegar na escola (Vila Cristina, Linha Sebastopol), víamos a água descendo pelos morros. Quando chegamos na escola, os próprios pais disseram para irmos embora, pois corríamos o risco de ficar ilhados e não conseguir voltar”.

Esse cenário suscita algumas perguntas frente às experiências de mostrar a escola como um lugar estabelecido e público destinado a se reconfigurar e constituir-se pela narrativa da perda de algo ou alguém. É do contexto das presenças e ausências que apresentamos os fios da memória: – Do que irão lembrar? Que aprendizagens atravessaram os sujeitos escolares (docentes, discentes, funcionários e comunidade escolar) durante esse período?

A partir do episódio vivido, quais os rumos da educação? Larossa inspira-nos com as seguintes ideias:

A escola, diz-se, já é o único lugar da educação, e talvez não seja o mais adequado. A escola, diz-se, se transformou em um lugar anacrônico, obsoleto, desagradável e ineficaz. A aprendizagem, diz-se, ultrapassa as fronteiras da escola e se dá em todos os lugares e a qualquer momento. A crítica da escola se tornou um lugar comum, e a educação já não está protegida pelos muros, sem contar o fato de que a própria escola se quer aberta e sem muros. A educação, diz-se, se confunde com a vida e, portanto, nada pode resistir à pedagogização geral da existência. A escola, diz-se, se confunde com o mundo, com a cidade ou com a rede, e, portanto, já não há escola, ou a escola se torna prescindível (Larossa, 2018, p. 249).

Nesse sentido, o afeto e a solidariedade também são itens básicos para seguir em frente na reconstrução de uma vida inteira, incluindo os laços de afetos. Seguindo as perguntas, [...] perguntamos sobre suas princi-

pais preocupações em relação às crianças e suas famílias durante esse período? “Ficamos preocupados com a possibilidade de morte, pois houve famílias que demoraram uns dois dias para conseguir comunicação. Foi um momento de bastante apreensão”.

De que forma a enchente afetou sua vida pessoal e profissional? “Ficamos em casa por vários dias, ministrando as aulas de forma on-line. Entrei em depressão, pois a situação das famílias ainda era preocupante, alguns deles não conseguiam acessar a internet e, após a volta às aulas presenciais, não tinham acesso à escola”.

Como você percebe a repercussão desses episódios no cotidiano da escola/instituição educativa, dos professores, de alunos e demais funcionários? Houve restrições, mudanças foram feitas na rotina escolar e/ou a escola foi impactada, de algum modo, em sua estrutura física, material e documentação? “Nossa escola foi a única atingida fisicamente, entrou aproximadamente um metro de água, levando materiais e estragando muita coisa. Os pais foram os primeiros a ir até a escola e começaram um mutirão para começar a limpeza. A escola mais próxima nos emprestou uma sala para podermos continuar ministrando as aulas de forma presencial”.

Como a comunidade escolar (alunos, pais, funcionários) reagiu diante da situação? “Percebi que era uma comunidade bem unida, pois logo que puderam foram para escola e começaram a limpeza, ajudaram-se da forma que puderam. Abrigando quem ficou desabrigado, ajudando com transporte de alimentos e o que era necessário para quem estava isolado pelos deslizamentos de terra”.

Como as crianças reagiram ao retorno às aulas após a enchente? “Foi um período de bastante conflito emocional, pois ao mesmo tempo em que estávamos todos felizes pelo reencontro relataram os episódios tristes vividos durante as enchentes, deslizamentos e período isolado”.

Quais estratégias foram adotadas para ajudar as crianças a lidar com o trauma? “Foram feitas muitas conversas, acolhimento às crianças e famílias”.

Houve mudanças no comportamento ou no desempenho das crianças após o evento? “Percebi que ficaram mais apreensivos, nervosos, quando o tempo estava chuvoso”.

Quais foram os maiores desafios enfrentados na reabertura da escola? “A escola precisou de reformas, portanto, demoramos um pouco para retornar. As famílias e corpo docente reuniram-se para fazer a limpeza da escola, para antecipar a volta”.

Como foi o processo de reconstrução ou adaptação do espaço escolar? “A volta para nossa escola foi só felicidade, pois foi muito desejada por todos”.

Quais recursos ou apoios externos foram recebidos para auxiliar na retomada das atividades? Quais lições você tirou dessa experiência em termos de resiliência e solidariedade? “A reforma da escola. E que uma sociedade unida se ergue mais rapidamente”.

De que forma essa vivência influenciou sua abordagem pedagógica? Foram desenvolvidas atividades esportivas, recreativas, artísticas e culturais para as crianças, visando fortalecer as capacidades de resiliência e ajudando-as a lidar com o trauma e o estresse? “Maior empatia e escuta ativa. Essa experiência pode ter ampliado nossa sensibilidade às dificuldades dos alunos, levando a uma prática mais acolhedora e empática. Sim, todas as atividades foram pensadas com muito carinho para que pudessem de certa forma trazer um pouco de paz e acolhimento aos alunos”.

O que você acredita que poderia ser feito para melhor preparar as escolas para eventos climáticos extremos no futuro? Rememorando os momentos difíceis que vivenciou, que mensagem você gostaria de deixar? “Infraestrutura condizente, planos de emergência e evacuação, educação ambiental e climática, integração com a comunidade e defesa civil, uso de tecnologia e alertas, políticas públicas e financiamento. Foram dias difíceis, de perdas e medo. Mas também foram dias de união, de força e esperança. Aos poucos, a vida foi voltando ao normal e com ela a certeza de que somos mais fortes do que imaginávamos”.

Que lógica rizomática e modos de resistência foram experimentadas como força do cuidado de si? Do estar junto com o outro e de precisar desse cuidado do outro? Se considerarmos que pensar em *si* demanda repensar os movimentos dos fatos e experiências, os quais estão implicados no processo do vivido e em relação aos gastos externos ou das intensidades de seu próprio tempo. É do testemunho acerca do papel da escola e suas materialidades que se criam novos esboços tecidos pela ideia do ordinário do cotidiano, do imprevisto, da incerteza de tudo o que ainda existe como dissolução da forma da escola, reencontrando a amorosidade e de uma memória afetiva.

### **Memórias que suscitam o devir**

A hipótese de um deslocamento possível frente a tantas imagens da paisagem devastada, das perdas e ausências de entes queridos produz o permanente movimento de um encontro com muitos e que de certa forma

parece que o recomeçar torna-se impossível. Nesse horizonte, a pedagogia da certeza interrompeu a dinâmica do controle, a qual mudou a rota para contar com a ajuda do outro. Como pensar o direito à aprendizagem das crianças frente à perdas e danos socioemocionais e materiais? As palavras, por vezes, não dão conta do alcance da destruição monumental de vidas, patrimônios e infraestruturas. O que as crianças terão para narrar a partir das experiências da crise?

A configuração de um eu subjetivado pelo espaço e tempo requer uma parada, uma escuta, um encontro. A demarcação da escola como um espaço que prevê resultados trama-se a movimentos não lineares da narrativa dos sujeitos históricos que vivem a partir dos relacionamentos.

O coletivo foi tecendo diferentes perspectivas espiralar, nos quais o caminho se faz caminhando. O retorno da história das cheias no Rio Grande do Sul, registradas nas fotos, superou as marcas do passado com a pior catástrofe já vivida pelo estado gaúcho.

O tempo circula e se desloca para guardar tantas histórias, dos desencontros, das opressões, dos medos e dos desvios, os quais nos possibilitam reencontrar com nós mesmos. Com base em um recorte de dois territórios em crise, o que fica como lição de vida é a força humana, da memória da solidariedade e de um esperar.

## Referências

- HERMANN, Nadja. **Ensaio sobre educação ético-estética**. Ijuí: Inujuí, 2010.
- LAROSSA, Jorge. **Elogios da escola**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.
- MALINOSKI, André; GONZATTO, Marcelo; LOPES, Rodrigo. **A história da maior tragédia climática de Porto Alegre: A enchente de 24**. Besouro Box, 2024.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- SANTOS, Antônio Bispo dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora/PISEOGRAMA, 2023.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **OSAL: Observatório Social de América Latina**, ano 6, n. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território, Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

# **Educar em meio à crise: a atuação da EMEF Pedro Zucolotto diante dos desafios climáticos de 2023/24**

*Alex Juarez Müller<sup>1</sup>*

*Bruna Hellen de Melo Gomes<sup>2</sup>*

*Jurema Benetti Wiltgen Cicarolli<sup>3</sup>*

## **Introdução**

Este relato detalha a experiência de nossa escola diante da série de eventos climáticos extremos que assolaram a região entre novembro de 2023 e maio de 2024. O objetivo central é documentar, analisar e refletir sobre as ações emergenciais implementadas, as estratégias de adaptação adotadas pela comunidade escolar e pelas autoridades municipais, assim como os impactos socioeducacionais decorrentes dessas crises. Este trabalho visa contribuir para a literatura sobre gestão de desastres em contextos educacionais, destacando a resiliência institucional e comunitária em situações de alta vulnerabilidade climática. A experiência vivenciada oferece sugestões importantes para o desenvolvimento de planos de contingência mais robustos e políticas públicas de resposta a desastres naturais em áreas urbanas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Zucolotto está localizada no bairro Três Pinheiros, município de Gramado. A instituição foi criada pelo decreto nº 800, de 1º de dezembro de 1992, e foi nomeada através do decreto nº 821, de 06 de julho de 1993. Teve seu funcionamento autorizado pelo parecer nº 1.531, de 30 de novembro de 1993, como Escola Municipal de 1ª a 4ª série, posteriormente ratificado pelo decreto nº 928/95, ficando denominada como Escola Municipal de Primeiro Grau Pedro

---

<sup>1</sup> Vice-diretor e professor de História. Licenciado em História e doutorando em História (UFRGS).

<sup>2</sup> Diretora e professora de Ciências. Licenciada em Biologia e doutoranda em Ecologia e Evolução (PUCRS).

<sup>3</sup> Orientadora Educacional. Licenciada em Pedagogia e pós-graduanda em justiça restaurativa – prevenção e restauração de conflitos (Faculdades EST).

Zucolotto. O nome da escola é uma homenagem a Pedro Zucolotto, antigo proprietário das terras.

A escola e o bairro possuem uma relação comunitária muito importante, uma vez que a instituição surgiu a partir da mobilização dos moradores do lugar. O prédio da escola está situado nos fundos do bairro, num lugar privilegiado pela mata nativa e pela vista dos arredores (Figura 01). A partir da escola é possível visualizar as casas no sentido da Perimetral (Estrada da Pedreira) (Figura 02) e também a rua Antigo Leito da Viação Férrea (Figura 03).

Figura 01 – Escola



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 02 – Vista do bairro sentido Avenida Perimetral



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 03 – Vista do bairro sentido RS-115



Fonte: Acervo dos autores.

O bairro Três Pinheiros está localizado em Gramado/RS e, para acessá-lo no sentido Várzea Grande – Centro, deve-se acessar a rotatória da Perimetral à esquerda. É um bairro com bastante vegetação, morros e casas aglomeradas devido ao relevo e tem moradores de diversos lugares do Rio Grande do Sul, outros estados do Brasil e migrantes estrangeiros. O nome Três Pinheiros é decorrente de três pinheiros (possivelmente araucárias). Segundo o relato dos moradores mais antigos, o lugar possivelmente era uma parada de descanso dos que vinham da Várzea Grande após a forte subida da Estrada Velha/Rua Miguel Tissot, também conhecida no passado como Morro do *Arrebeta Rabicho*, peça da montaria de animais que puxavam carroças ou carretas e que arrebetava por conta do aclave.

No passado, entre 1920 e 1963, o bairro foi trajeto da Estrada Férrea Taquara-Canela. Uma prova viva disso é a rua Antigo Leito da Viação Férrea. O trajeto da ferrovia foi resultado do desvio da forte subida do *Arrebeta Rabicho*, e por conta disso o empreiteiro da época da construção, João Correa Ferreira da Silva, projetou do outro lado do morro uma manobra que o trem subia em marcha ré até a parte plana e de lá passava a andar de frente novamente (Cavalcante *et al.*, 2020).

Na época da ferrovia, havia inclusive uma pequena vila de trabalhadores ferroviários; alguns deles trabalhavam na manutenção da linha férrea.

Junto da vila ferroviária havia também a Escola Rio Branco, uma instituição que era mantida pela Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul Limitada – COOPFER (Flôres, 2013).

A partir da década de 1980, o bairro passou a ser dividido pela ERS-115, e em 2012<sup>4</sup> foi inaugurada a Perimetral (Estrada da Pedreira), interligando as rodovias ERS 235 e 115. Dessa forma, o bairro tem historicamente uma importância vital nas vias que ligam Gramado a outras regiões, e ao mesmo tempo essas vias se encontram numa área de geografia acidentada, como é o caso da rua Miguel Tissot, antigo morro do *Arrebenta Rabicho*.

### **O eventos climáticos entre novembro de 2023 e maio de 2024**

O bairro está situado na escarpa nordeste do Rio Grande do Sul, coberto pelo bioma Mata Atlântica<sup>5</sup>, a uma altitude aproximada de 800m entre o Planalto Meridional e a Depressão Central<sup>6</sup>. O solo caracteriza-se por ser raso e pouco profundo, bem drenado, de coloração escura e que se fragmenta facilmente, sendo um perfil típico de áreas de relevo forte ondulado<sup>7</sup>, como é o caso da região.

Em 18 de novembro de 2023 choveu aproximadamente 150 mm em poucas horas<sup>8</sup>, o que ocasionou movimentos de massa na região do bairro, junto da Avenida Perimetral. Essa movimentação acarretou a queda de um prédio localizado na parte alta do aclive e na rua de acesso ao mesmo – rua Ladeira das Azaleias<sup>9</sup> (Figura 04). Essa situação resultou na necessária evacuação preventiva do bairro e conseqüentemente da escola. É importante ressaltar que a comunidade já havia sofrido situação semelhante no ano de 2002, quando parte do bairro veio a deslizar, inclusive soterrando algumas residências, como podemos ver na fotografia a seguir com registro a partir da escola (Figura 05).

---

<sup>4</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/06/primeira-parte-de-anel-viario-e-inaugurada-em-gramado-3789085.html>.

<sup>5</sup> <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/biomas>.

<sup>6</sup> <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/hipsometria-e-unidades-geomorfologicas>.

<sup>7</sup> <https://www.ufsm.br/museus/msrs/unidade-de-solos>.

<sup>8</sup> <https://portal.inmet.gov.br/noticias/eventos-extremos-novembro-2023-foi-marcado-por-chuva-acima-da-m%C3%A9dia-nos-estados-do-rio-grande-do-sul-rio-grande-do-norte-e-bahia>.

<sup>9</sup> <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/11/23/chuvas-no-rs-predio-gramado-rachaduras.ghtml>.

Figura 04 – Prédio colapsado na rua Alameda das Azaleias



Fonte: G1, 2023.

Figura 05 – Movimentação de massa no bairro Três Pinheiros no ano de 2022



Fonte: Acervo da EMEF Pedro Zucolotto.

Em maio de 2024, chuvas fortes tornaram a atingir o Rio Grande do Sul, causando fortes enchentes e novamente deslizamentos de terra. Dessa vez, o município de Gramado e região foram atingidos mais severamente, com inúmeros pontos de deslizamento em diversos locais da área urbana e rural. Em Canela, município vizinho a Gramado, o total de chuva registrado em maio de 2024 chegou aos 767,2 mm<sup>10</sup>. Por conta dessa situação climática, a EMEF Pedro Zucolotto e o bairro precisaram ser evacuados preventivamente, iniciando uma série de idas e vindas ao longo do mês de maio.

De acordo com a Cartografia de Risco Geológico de Gramado/RS de outubro de 2024<sup>11</sup>, confeccionada pelo Serviço Geológico do Brasil (SGB), 9.728 pessoas, ou 2.432 residências, estavam localizadas em áreas de risco classificadas nas mais variadas tipologias (Deslizamento planar, Deslizamento rotacional, Queda, Erosão, Enxurrada, Rastejo, Inundação). A área da EMEF Pedro Zucolotto e do bairro Três Pinheiros foram classificadas como *Risco Alto (zona amarela)*, sendo a classificação mais urgente de *Risco muito alto (zona vermelha)*.

Esses eventos climáticos criaram marcas profundas na comunidade escolar e no bairro, visto que a única medida a fazer emergencialmente com fins de proteção da vida era deixar as casas e a escola para trás. Essa situação vivida de novembro/2023 a maio/2024 revelou a importância de compartilhar as memórias, individual e coletiva, dos sujeitos envolvidos como forma de tornar a situação menos dolorosa. De acordo com Pollak (1992), a memória está em constante construção, sendo ela resultado de uma interação contínua entre o que é vivido, aprendido e transmitido. O autor diz que é um fenômeno que perpassa desde as lembranças individuais até as memórias coletivas.

A seguir, alguns relatos dessas memórias vividas coletivamente com profissionais e alunos da escola e também com moradores do bairro Três Pinheiros. O relato busca descrever situações de resposta e adaptação escolar aos eventos climáticos extremos vividos.

---

<sup>10</sup> <https://portal.inmet.gov.br/noticias/inunda%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-no-rio-grande-do-sul-completa-um-ano>.

<sup>11</sup> <https://www.gramadomagazine.com.br/post/entenda-as-%C3%A1reas-de-monitoramento-riscos-geol%C3%B3gicos-em-gramado>.

## **A crise de novembro de 2023: evacuação e reorganização emergencial**

A crise no bairro Três Pinheiros teve seu início em 19 de novembro de 2023, um domingo, quando a intensidade das chuvas atingiu níveis críticos. A direção da escola foi notificada pela Secretaria Municipal de Educação (SME), através da secretária Simone Tomazelli Andreis, sobre a necessidade de utilizar as instalações do ginásio escolar como abrigo temporário para os moradores afetados. A urgência da situação era evidente com relatos de risco de movimentação de massa em diversas áreas do bairro.

Ao se deslocar de sua residência para a escola – um percurso de aproximadamente 40 minutos –, a diretora Bruna de Melo Gomes deparou-se com um cenário de emergência em andamento. O ginásio já havia sido aberto pelo ecônomo da escola, abrigo para os primeiros moradores. Contudo, a situação geotécnica do bairro evoluiu rapidamente. Pouco tempo depois de sua chegada, novas orientações da Defesa Civil e da SME determinaram a evacuação completa do bairro, incluindo o fechamento do ginásio da escola, que serviria de abrigo emergencial devido ao agravamento do risco. Essa mudança repentina de ação representa a dinâmica necessária em casos de desastres naturais e a necessidade de flexibilidade e rápida reação no caso.

Diante do cenário de evacuação, a prioridade imediata da equipe diretiva, com o apoio de moradores voluntários, foi o resgate de bens essenciais da escola. Foram salvaguardados documentos, como pastas funcionais dos alunos matriculados, certidões do Círculo de Pais e Mestres (CPM) e os registros das Prestações de Contas dos Programas Dinheiro Direto na Escola (PDDE), fundamentais para a continuidade administrativa e legal da escola. Além disso, equipamentos tecnológicos para o funcionamento da escola, como as CPUs da Sala da Direção e da Secretaria Escolar, um *notebook* e a máquina de xerox foram retirados, estratégia necessária em meio a toda a confusão que estava iniciando.

Houve a colaboração da Secretaria Municipal de Educação (SME) com a chegada de um caminhão para auxiliar no resgate de outros materiais, porém não ocorreu pelo fato da gravidade da situação, apontada pelo alerta de um morador local, que informou sobre o colapso iminente de um prédio na outra extremidade da escola, audivelmente “estalando” e prestes a cair. Essa informação acarretou a retirada imediata das pessoas do local,

reforçando a iminência do perigo. A diretora Bruna permaneceu aguardando novas orientações na rótula das Bandeiras e, ao ouvir no rádio uma entrevista do prefeito Nestor Tissot à imprensa sobre as medidas emergenciais e os estudos geotécnicos que seriam iniciados pelo município de Gramado, retornou ao local.

Os dias subsequentes, 20 e 21 de novembro, mantiveram a escola fechada e a comunidade em estado de alerta. Rumores de um soterramento total do bairro Três Pinheiros, incluindo o prédio escolar, circularam intensamente, gerando um profundo choque emocional e incerteza sobre o futuro. Esse período de suspensão das atividades permitiu que a equipe diretiva se reunisse com a SME para elaborar um plano de atuação. O foco principal era garantir a continuidade do ensino, já severamente impactado pela pandemia de Covid-19, e crucialmente, oferecer acolhimento socioemocional aos alunos, para muitos dos quais a escola representava o que de mais próximo tinham de sua moradia.

A SME propôs em sua busca por soluções ágeis a utilização de um espaço na Vila Olímpica, um local reservado para modalidades esportivas. A análise da infraestrutura revelou uma limitação significativa: o espaço só conseguiria acomodar três das seis turmas por turno, necessitando de um esquema de revezamento entre turmas para atender toda a demanda. Além disso, a Vila Olímpica não possuía nenhum recurso educacional básico além de salas escolares, o que seria um grande desafio para a adaptação pedagógica.

A complexidade da situação foi ainda mais evidenciada na quinta-feira, 23 de novembro, quando moradores e equipe escolar foram autorizados a retornar ao bairro por um período extremamente limitado de dez minutos para resgatar pertences pessoais e institucionais. Dentro desse curtíssimo espaço de tempo, a gravidade da situação materializou-se: o prédio adjacente à escola havia de fato vindo abaixo, e as avaliações de risco da área estavam em pleno andamento.

A equipe escolar demonstrou uma capacidade notável de mobilização e improvisação. Nessa atuação conseguiu resgatar o máximo de recursos didáticos e materiais possível da escola e, em apenas dois dias, “montou” uma escola funcional iniciada do zero, no espaço da Vila Olímpica. Os desafios logísticos eram imensos: foi necessário organizar a demanda de atendimento aos alunos, definindo quais turmas seriam atendidas em cada dia; planejar a logística de transporte, considerando que os alunos estavam dispersos em diferentes locais de abrigo (casas de familiares, hotéis

cedidos); e mapear o paradeiro das famílias, visto que nenhum morador permanecia no bairro Três Pinheiros. A fase de transição foi marcada por um desgaste físico e emocional generalizado, tanto para a equipe escolar como para as famílias. Contudo, a dedicação e o compromisso permitiram que a nova estrutura começasse a funcionar. O retorno ao prédio original da escola só ocorreu após a liberação da área pelas autoridades competentes e a pressão crescente dos pais para a retomada do regime de aulas completo, culminando no encerramento do ano letivo de 2023.

Figura 06 – Escola adaptada na Vila Olímpica



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 07 – Logística do transporte escolar



Fonte: Acervo dos autores.

## O cenário de 2024: críticas, adaptação aprimorada e impactos duradouros

O início do ano letivo de 2024 trouxe consigo novos desafios e reflexões. A escola, possivelmente por ser o único prédio público no bairro, passou a ser alvo de críticas por parte da comunidade. Esse contexto de pressão adiciona uma camada de complexidade à já difícil tarefa de reconstrução da normalidade.

A resistência da região foi novamente testada com as chuvas de maio de 2024, que provocaram três novas evacuações do bairro. No entanto, a experiência traumática de 2023 serviu como um catalisador para o aprimoramento do plano de contingência. Desta vez, a Secretaria de Educação agiu estabelecendo uma parceria estratégica com o polo EAD da Universidade do Norte do Paraná, que possui uma unidade no município. A UNOPAR disponibilizou salas de aula, permitindo que a escola se transferisse com o mínimo de recursos – apenas a documentação essencial, um *notebook* e uma impressora, conseguindo atender a totalidade dos alunos de forma simultânea. Essa mudança representou um avanço significativo em relação ao esquema de revezamento da Vila Olímpica, demonstrando uma aprendizagem institucional e uma capacidade aprimorada de resposta rápida.

Figura 08 – Alunos em aula na UNOPAR



Fonte: Acervo dos autores.

Apesar de todos os esforços e medidas adaptativas implementadas para garantir a continuidade das atividades educacionais, a escola enfrentou um impacto demográfico significativo: uma perda de aproximadamente 40% dos alunos. As razões para essa evasão são complexas e refletem as profundas consequências socioeconômicas dos eventos climáticos. Uma parcela considerável dos alunos e suas famílias, muitas das quais eram moradores de aluguel no bairro Três Pinheiros, optou por mudar-se permanentemente para outras localidades em busca de moradia estável e segurança. Outra parcela expressiva retornou a seus estados de origem, impulsionada pela queda drástica no turismo em Gramado, que é a principal fonte de renda e emprego para muitos residentes da cidade. A retração econômica na principal atividade local impactou diretamente a sustentabilidade financeira das famílias, forçando-as a buscar novas oportunidades em outras regiões do país.

### **Acolhimento aos alunos e às famílias**

O planejamento de acolhimento aos alunos e às famílias buscou apoiar empaticamente os estudantes e suas famílias afetadas por calamidades climáticas. Os principais objetivos do programa incluíram oferecer um espaço seguro para diálogo, escuta ativa, compartilhamento de experiências, reconstrução de vínculos, fomento ao apoio mútuo e fortalecimento da comunidade escolar. Visou promover o cuidado mútuo, restaurar a esperança e incentivar ações solidárias, reconhecendo as dores, necessidades e potencialidades de cada um.

Figura 09 – Roda de conversa com os alunos – Vila Olímpica



Fonte: Acervo dos autores.

A iniciativa proporcionou um ambiente para que os alunos se conectassem, praticassem a empatia e compartilhassem sentimentos como alegria, dor, angústia, medo e incertezas. Reforçou a ideia de que ninguém está sozinho em suas lutas, pois muitos outros enfrentam situações semelhantes e recebem amplo apoio e solidariedade de todo o país. Um objetivo fundamental era oferecer um espaço seguro e acolhedor para que os alunos liberassem suas tensões, relaxassem e se tornassem mais receptivos aos conteúdos escolares. O programa também motivou alunos, professores e funcionários a colaborar e se ajudar mutuamente por meio de atos de solidariedade na escola, na família e na comunidade, expressando amor e carinho com pequenos e simples gestos que fazem muita diferença.

### Ações de acolhimento

A organização envolveu diversas ações de acolhimento:

- **Contato telefônico:** As famílias foram contatadas por telefone para verificar seu bem-estar, localização e necessidades, além de fornecer orientações sobre a retomada dos estudos, incluindo local, organização e forma de transporte.
- **Encaminhamentos:** As situações identificadas durante os contatos com as famílias foram encaminhadas a serviços relevantes, como Assistência Social, Secretaria de Educação, clubes sociais e grupos voluntários de apoio e suprimento de necessidades básicas.
- **Visitas a abrigos:** Foram realizadas visitas a abrigos que acolheram as famílias desalojadas sem apoio de familiares, com o objetivo de oferecer solidariedade, apoio, obter informações sobre a situação e fornecer as orientações necessárias.
- **Atividades domiciliares:** Atividades domiciliares foram providenciadas para alunos cujas famílias não tiveram outra opção a não ser mudar de cidade para se abrigar na casa de parentes distantes.
- **Preparação de salas de aula:** Materiais foram organizados e providenciados para equipar minimamente as salas no Pavilhão de Esportes, que serviu como local temporário para o retorno às aulas.
- **Escalonamento e transporte:** O programa organizou o escalonamento das turmas, visto que o espaço não comportava todos os alu-

nos todos os dias, planejamento de rotas para o transporte escolar, incluindo providências para alunos fora das rotas regulares.

- **Alojamento integral:** Foram feitas providências internas para acolher alunos que não puderam retornar para casa no final do turno de aula e precisavam permanecer em tempo integral no Pavilhão.
- **Rodas de conversa:** Foram realizadas “Rodas de Conversa” e “Círculos de Construção de Paz” para alunos da pré-escola ao 9º ano.

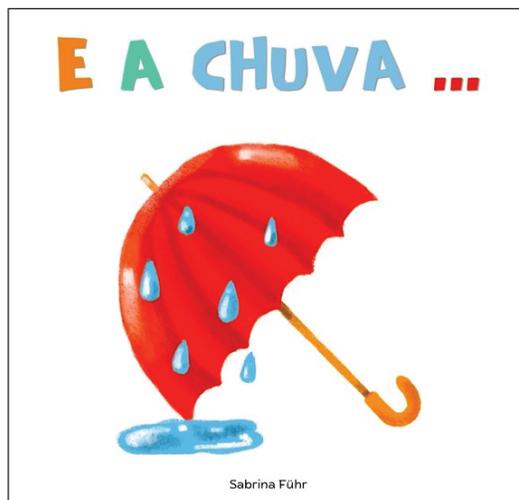
### Organização dos círculos

Os círculos foram organizados com atenção especial para criar um ambiente acolhedor:

- **Ambiente e objetos:** O ambiente foi preparado com carinho para o acolhimento e a formação do círculo. Uma peça central foi criada com objetos significativos para os alunos, como um tapete, uma flor simbolizando a vida, imagens significativas (emojis), palavras expressando sentimentos, objetos escolares e livros.
- **Combinações:** Os participantes concordaram com as regras como respeitar o “objeto da fala” (um item passado para indicar quem tem a palavra), praticar empatia e respeito, ouvir com atenção e não fazer julgamentos.
- **Mensagem inicial:** A sessão começou com a música “A enchente”, do padre Ezequiel Dal Pozzo, e um texto intitulado “E a chuva...”, de Sabrina Führ.
- **Perguntas de *check-in*:** Os alunos foram convidados a responder perguntas como: “Como você está se sentindo?”, “Como você se sente em relação à situação climática que estamos vivendo?”, “Como estão seus familiares e amigos? Conte-nos como vocês foram atingidos, no que foram afetados?”, “O que você está precisando para se sentir melhor?”, “De que forma você acha que pode ajudar nessa situação?” e “Quais as mídias sociais que você usa? Você identifica a veracidade do que é divulgado?”.
- **Mensagens de esperança:** Os alunos foram incentivados a escrever mensagens de esperança para outras crianças ou adolescentes e dirigiram-as para uma das escolas das regiões mais atingidas.

- **Responsabilidade coletiva:** O programa enfatizou que todos os sentimentos trazidos individualmente agora fazem parte do coletivo, exigindo cuidado e responsabilidade.
- **Coração simbólico:** Um grande coração foi apresentado para simbolizar a união, ecoando a mensagem da música sobre a união dos rios. Esse coração esteve em um painel ao longo da semana para que os participantes escrevessem mensagens de acolhimento, carinho e solidariedade para colegas, professores, funcionários e familiares.
- **Contexto geográfico:** Foi apresentado aos alunos no *Google Earth* o Rio Grande do Sul e a região atingida pela enchente.
- **Perguntas de check-out:** A sessão terminou com perguntas como: “Como você está se sentindo agora?”, “Como você está saindo e o que você leva deste encontro? O que foi significativo para você?”.
- **Dinâmica e encerramento:** Uma dinâmica chamada “Da minha mão na tua mão” foi realizada, seguida por uma cerimônia de encerramento com a música “Dentro de um abraço”, do Jota Quest, convidando os participantes a cantar e dar um grande abraço coletivo.

Figura 10 – Livro “E a Chuva” de Sabrina Führ



Fonte: Acervo dos autores.

A escola, localizada no bairro Três Pinheiros, tem demonstrado uma notável capacidade de resiliência institucional diante das crises enfrentadas em 2023 e 2024. A busca por alternativas para a reincorporação de alunos atraindo novos estudantes tornou-se um tópico fundamental em seu planejamento estratégico. A perda populacional no bairro, consequência direta dos eventos climáticos extremos, impôs desafios importantes que exigiram respostas inovadoras e adaptativas.

Uma das estratégias implementadas pela escola foi a abertura de duas turmas de primeiro ano em período integral. Essa iniciativa visou oferecer um diferencial pedagógico e atrair matrículas, posicionando a escola como uma opção de ensino mais abrangente para a comunidade. A oferta de educação em período integral não só otimiza o tempo de permanência dos alunos no ambiente escolar, proporcionando um aprendizado mais aprofundado e atividades complementares, mas também representa um apoio crucial para pais e responsáveis que enfrentam desafios de logística e cuidado em um cenário pós-desastre. Acreditamos que a qualidade do ensino e a estrutura diferenciada dessas turmas estão contribuindo para a recuperação do corpo discente.

A escola e a Secretaria de Educação investiram na disponibilização de um ônibus adicional para atender alunos de outras localidades da cidade. Essa medida é estratégica para expandir o alcance da instituição e compensar a diminuição da população no bairro Três Pinheiros. Ao facilitar o transporte para estudantes de regiões mais distantes, a escola não apenas demonstra seu compromisso com a acessibilidade à educação, mas também busca diversificar sua base de alunos, reduzindo os impactos demográficos locais. Essa flexibilidade no transporte é essencial para garantir que a localização não seja um impedimento para o acesso a uma educação de qualidade, especialmente para famílias que podem ter sido deslocadas ou que residem em áreas com menor oferta de escolas. A ampliação da rota de transporte é um reflexo do entendimento de que a recuperação da escola está ligada à sua capacidade de servir uma comunidade mais ampla, superando as barreiras geográficas impostas pela crise.

Essas ações, embora focadas na recuperação imediata da base de alunos, também apontam para uma visão de sustentabilidade a longo prazo. Ao criar um ambiente de aprendizado mais robusto e acessível, a escola não só se recompõe, mas também se fortalece para futuras adversidades. A resiliência nesse contexto não significa apenas a capacidade de resistir, mas

também de transformar-se e inovar frente aos desafios. O compromisso com a excelência educacional e a adaptabilidade das estratégias de captação de alunos são pilares para assegurar a continuidade e o crescimento da instituição em um ambiente dinâmico e, por vezes, imprevisível.

### **Considerações finais: a trajetória de recuperação e o futuro da educação em cenários de desastre**

A trajetória da escola no bairro Três Pinheiros mostra, sem dúvida, a força da comunidade educacional e de sua capacidade de adaptação frente a adversidades extremas. Os anos de 2023 e 2024 foram marcos de desafios sem precedentes, impostos pelos efeitos climáticos que assolaram a região. No entanto, o processo de recomposição e crescimento da escola, embora reconhecidamente gradual, reflete um forte compromisso com a educação e com o bem-estar dos alunos, mesmo em um cenário de incerteza. É a prova de que, mesmo diante da destruição e da desorganização social, a importância do conhecimento, da aprendizagem e da esperança deve permanecer estanque.

A experiência vivida por nossa escola serve como um estudo de caso relevante para outras instituições e comunidades que possam vir a enfrentar desastres naturais. Destaca-se a importância de diversos fatores interligados:

- **Planejamento de contingência:** A capacidade de ter planos preestabelecidos para situações de emergência é fundamental. Isso inclui desde a realocação de espaços físicos até a comunicação eficaz com alunos e famílias.
- **Colaboração intersetorial:** A atuação conjunta com a Assistência Social, Secretaria de Educação, clubes sociais e grupos voluntários de apoio foi crucial para atender as necessidades básicas das famílias e encaminhar as situações apontadas. Essa rede de apoio demonstrou que a recuperação de uma comunidade é um esforço coletivo.
- **Escuta ativa das necessidades da comunidade:** A realização de contatos telefônicos com as famílias para saber sua situação e suas necessidades, bem como visitas aos abrigos permitiram que a escola compreendesse profundamente as dores e desafios enfrentados, adaptando suas respostas de forma empática e eficaz. A sensibilidade em reconhecer as dores, necessidades e potencialidades de cada um é um pilar do acolhimento.

- **Ações de solidariedade e apoio mútuo:** A organização de rodas de conversa e círculos de construção de paz proporcionou um espaço seguro para que alunos e suas famílias pudessem compartilhar sentimentos e experiências, restaurando vínculos e fortalecendo a comunidade escolar. A motivação para colaborar e ajudar-se mutuamente, expressando amor e carinho com pequenos gestos, foi um motor de reconstrução.

O caminho à frente para a escola envolve não apenas a recuperação demográfica, que se busca com estratégias como as turmas de período integral e o transporte ampliado, mas também a consolidação de práticas que garantam sua sustentabilidade e segurança em um ambiente que, infelizmente, se mostra cada vez mais propenso a eventos climáticos extremos. Isso significa investir em infraestrutura, desenvolver currículos que abordem a educação ambiental e a preparação para desastres e manter canais de comunicação abertos e eficientes com toda a comunidade escolar. A capacidade de liberar tensões relacionadas a situações externas, descontrair e estar mais aberto para receber os conteúdos escolares é um desafio contínuo que a escola enfrenta diariamente.

Em última análise, a história da escola do bairro Três Pinheiros é um lembrete poderoso de que a educação é uma peça fundamental na reconstrução de vidas e comunidades após desastres. Demonstrando que com planejamento estratégico, colaboração e uma profunda empatia pelas necessidades humanas é possível não apenas superar as adversidades, mas também emergir mais forte, mais unido e mais preparado para o futuro.

## Referências

CAVALCANTE, Wanderley (org.); MÜLLER, Alex Juarez; WEBER, Eduardo da Silva; MARTINS, Amanda Elizalde; CANEPPELE, Jean Carlo Gessi. **Gramado: dos primeiros povoadores à chegada do trem (1919)**. 1. ed. Gramado: Secretaria Municipal da Educação, 2020. (Coleção Didática Gramado História e Turismo, v. 1).

FLÔRES, João Rodolfo Amaral. **Profissão e experiências sociais entre trabalhadores da viação férrea do Rio Grande do Sul em Santa Maria (1898-1957)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/465/2020/01/Tese-Joo-Rodolpho-parte-1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FÜHR, Sabrina. **E a chuva...** 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saude-mental/wp-content/uploads/2024/05/livro-E-a-chuva.-enchentes-RS-criancas.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

GAÚCHA ZH. Primeira parte de anel viário é inaugurada em Gramado. **ClicRBS**, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/06/primeira-parte-de-anel-viario-e-inaugurada-em-gramado-3789085.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

GRAMADO MAGAZINE. Entenda as áreas de monitoramento: riscos geológicos em Gramado. **Gramado Magazine**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.gramadomagazine.com.br/post/entenda-as-%C3%A1reas-de-monitoramento-riscos-geol%C3%B3gicos-em-gramado>. Acesso em: 17 jul. 2025.

G1 RIO GRANDE DO SUL. Chuvas no RS: prédio em Gramado apresenta rachaduras. **G1**, Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/11/23/chuvas-no-rs-predio-gramado-rachaduras.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. Eventos extremos: novembro de 2023 foi marcado por chuva acima da média nos estados do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Bahia. **Portal INMET**, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/eventos-extremos-novembro-2023-foi-marcado-por-chuva-acima-da-m%C3%A9dia-nos-estados-do-rio-grande-do-sul-rio-grande-do-norte-e-bahia>. Acesso em: 17 jul. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. Inundação histórica no Rio Grande do Sul completa um ano. **Portal INMET**, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/inunda%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-no-rio-grande-do-sul-completa-um-ano>. Acesso em: 17 jul. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Atlas Socioeconômico. Biomas. **Atlas Socioeconômico**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/biomas>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Atlas Socioeconômico. Hipsometria e Unidades Geomorfológicas. **Atlas Socioeconômico**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/hipsometria-e-unidades-geomorfologicas>. Acesso em: 17 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Museu de Solos do Rio Grande do Sul: Unidade de Solos. **UFSM**, Santa Maria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ufsm.br/museus/msrs/unidade-de-solos>. Acesso em: 17 jul. 2025.

# Formação para a cidadania em tempos de calamidade: ações educativas do Colégio Farroupilha

*Alice Rigoni Jacques<sup>1</sup>*

*Marícia Ferri<sup>2</sup>*

A história da cidadania confunde-se em muito com a história das lutas pelos direitos humanos. A cidadania esteve e está em permanente construção; é um referencial de conquista da humanidade, através daqueles que lutam por mais direitos, maior liberdade, melhores garantias individuais e coletivas [...] (Santana, 2009, n/p).

## Introdução

Calamidades públicas, situações de emergência e desastres naturais estão se tornando cada vez mais frequentes no Brasil e no mundo. Esses eventos têm impactos significativos nas comunidades afetadas, incluindo perdas humanas, danos materiais e desestruturação econômica e social. Para nós brasileiros, esses acontecimentos em épocas não tão remotas eram apenas histórias contadas e memórias reverberadas por nossos pais, avós e bisavós, quando relatavam as vivências e as consequências oriundas da imigração devido às guerras e à mudança para o novo país. Falta de emprego e

---

<sup>1</sup> Mestre, doutora e pós-doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Responsável pelo Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS. Diretora do Colégio Portoá POA/RS. Integrante do projeto de pesquisa EBRAMIC: Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar, projeto Instituições Escolares na Região Metropolitana de Porto Alegre e Vale do Rio dos Sinos: Acervos, Memórias e Cultura Escolar – Séc. XIX e XX. Integrante do projeto Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação financiado pelo CNPq (UFRGS e UDESC). E-mail: [alice.jacques@colegiofarroupilha.com.br](mailto:alice.jacques@colegiofarroupilha.com.br).

<sup>2</sup> Mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Cocriadora da Escola de Professores Inquietos. Diretora Geral do Colégio Farroupilha e membro da diretoria do Sindicato das Escolas Privadas do Rio Grande do Sul. Membro da Comissão Permanente de Estudos sobre saúde mental nas escolas – Leadership. E-mail: [maricia.ferri@colegiofarroupilha.com.br](mailto:maricia.ferri@colegiofarroupilha.com.br).

de alimentação, dificuldade para encontrar trabalho e assistência à saúde eram situações enfrentadas pelas gerações de imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul a partir do século XIX. Com a força e o empenho da comunidade que se formava essa nova coletividade tornou-se um movimento de ajuda e beneficência, despertando a consciência cidadã que perpassa a democracia e os direitos sociais.

O presente estudo tem como objetivo discutir e traçar pressupostos que possibilitem a compreensão do exercício da cidadania como um mecanismo transformador da sociedade. Em particular, este artigo versa sobre a participação cidadã e as decisões coletivas da comunidade do Colégio Farroupilha. Instituição de ensino localizada na cidade de Porto Alegre, o CF mobilizou, mediante a situação de crise e de calamidade que atingiu o Rio Grande do Sul por ocasião da enchente de 2024, relevante Campanha de Doações que atendeu significativamente várias regiões do estado. Entendemos que as ações promovidas pela escola e por sua comunidade (pais, estudantes, professores, educadores e ex-alunos) podem ser vistas como um meio de alcançar um contexto social em que todos tenham o direito a uma vida digna, apesar das resistências e dos desafios enfrentados pela sociedade como um todo. Além disso, essas ações não se limitam à resposta imediata à crise, mas se configuram como uma oportunidade de reforçar as histórias de solidariedade que caracterizam a escola, bem como um modo consistente de recompor identidades em contextos de desastres climáticos.

A mobilização diante da calamidade não apenas impactou as instituições beneficiadas, mas também fortaleceu o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade escolar, reconstituindo memórias coletivas e reafirmando valores de solidariedade e resiliência. Nesse contexto, a Campanha de Doações realizada no Colégio Farroupilha transcendeu seu caráter assistencial, tornando-se um marco histórico para a escola, capaz de reconfigurar identidades e reforçar laços sociais em um período de vulnerabilidade extrema.

Como alicerce metodológico foram utilizados depoimentos de alguns dos sujeitos envolvidos nas ações (estudantes, educadores, pais, parceiros e voluntários), dados estatísticos contemplando instituições beneficiadas e doações realizadas, além de pesquisa bibliográfica pertinente ao tema. Ao explorar as histórias da escola no cenário da enchente, buscamos também compreender como esses eventos contribuem para a preservação do patrimônio cultural e para a revalorização da memória escolar em tempos de crise.

Para a consolidação do estudo elegemos algumas categorias que nortearam o trabalho realizado frente à Campanha de Doações realizada pelo Colégio Farroupilha: a origem do assistencialismo na instituição; as ações realizadas na enchente de 1941; as ações desenvolvidas no contexto das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024 e o depoimento de alguns dos sujeitos envolvidos.

### **A origem do assistencialismo na instituição – 1858**

A palavra assistencialismo tem sua origem no latim, mais precisamente do termo *assistentia*, que significa ato de estar presente ou auxílio.

Entre os significados da palavra assistência constam “ação de ajudar, de dar auxílio” e “ajuda ou auxílio especializado” (Dicio, 2020). Nesse viés, o assistencialismo está presente na origem do Colégio Farroupilha, quando, em 1858, a Associação Beneficente e Educacional, mantenedora da escola, surgiu com o nome de *Deutscher Hilfsverein*<sup>3</sup> (Sociedade Alemã). Sua criação deu-se com o objetivo de dar amparo, assistência social, colocação de empregos e orientação profissional aos imigrantes alemães e seus descendentes.

Segundo Jacques (2013, p. 52), os imigrantes alemães trouxeram, além da bagagem representada por seus pertences, o acervo cultural reproduzido pelas características comuns a seu temperamento, o idioma, o amor pela pátria distante, o sentimento de nação, a filosofia de vida gregária, o pragmatismo e a vontade de ajudar. Esses imigrantes saíram de sua pátria de origem, mas o sentimento pátrio jamais saiu deles. Muitos tiveram uma integração na sociedade receptora, que foi marcada por essa germanidade – aqui traduzida como a “pátria dentro deles” (Silva, 2006, p. 79).

Em relação às populações de origem alemã do Rio Grande do Sul, há frequentes menções ao suposto caráter associacionista. De acordo com Silva (2006, p. 35-36), muitas redes constituíram-se a partir do convívio em várias associações de caráter étnico. E as sociedades foram locais de abrigo e desenvolvimento dessas redes de solidariedade e sociabilidade. Nesse sentido, a fundação do *Deutscher Hilfsverein* permitiu a visualização dessas redes de solidariedade e sociabilidade formadas pelo elemento teuto, pois,

---

<sup>3</sup> Sobre o *Deutscher Hilfsverein* ver Jacques (2013).

por meio das iniciativas realizadas, a Associação atendia os imigrantes recém-chegados com orientação, dinheiro e alimentos. Assim foi criada a “*Einwanderer Kommission* (Comissão de Imigrantes), que tinha a função de remeter para as colônias verbas para os imigrantes necessitados, auxiliando-os na ambientação e no provimento de recursos necessários para sua sobrevivência” (Jacques, 2013, p. 62).

Já nos seus primórdios, a Associação Beneficente também assumiu a mensalidade de alunos em vulnerabilidade social, reiterando o objetivo do *Deutscher Hilfsverein* aos necessitados, que, segundo Telles (1974), seria a entidade uma das pioneiras em Porto Alegre a realizar a distribuição de bolsas de estudo. Esse ato mobilizaria a intenção da criação de um estabelecimento de ensino, fundado e mantido pela Associação.

No ano de 1875 surgiu o interesse da Associação pela organização de uma escola. Por meio da criação de uma *Comissão Escolar* foram apresentados os critérios que deveriam pautar a criação da escola e de um currículo.

A escola, cuja criação nós recomendamos, deve dar a um rapaz um ensino tal, partindo dos rudimentos até um determinado grau, que, uma vez ele conclua o terceiro ou o quarto ano, esteja capacitado para enfrentar a vida, quer que ele deseje abraçar uma profissão manual ou se dedicar à atividade comercial. No currículo devem constar as seguintes matérias: Leitura, as quatro operações, escrever, Ensino Prático, Canto, Desenho, Geografia, História Universal, História Natural, Alemão, Português, Francês, Inglês, Geometria, Física, Literatura, Ginástica (Telles, 1994, p. 48).

Dessa forma, no ano de 1886, a Associação iniciou as atividades educacionais em salas alugadas nas dependências da Comunidade Evangélica sob o nome de *Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins* (Escola de Meninos da Sociedade Alemã)<sup>4</sup>.

## O colégio e a enchente de 1941

No ano de 1895, o Colégio, mantido pela Associação Beneficente e Educacional, passou a funcionar em sede própria na rua São Raphael, atual avenida Alberto Bins, local em que hoje se situa o Hotel Plaza São Rafael. Nesse endereço a instituição educacional permanece por 67 anos.

No ano de 1904, a Associação criou a *Mädchenschule* (Escola de Meninas) e, em 1929, ocorreu a união das duas escolas, tornando-se uma insti-

---

<sup>4</sup> Sobre a história do Colégio Farroupilha ver Telles (1974); Jacques (2013).

tuição mista, cujo nome passou a ser *Deutsche Hilfsvereinschule* (Escola da Associação de Ajuda Alemã).

Em 1936, com a criação do ginásio a instituição passou a ser denominada Ginásio Teuto-brasileiro Farroupilha. E, em 1949, a escola recebeu do Ministério da Educação e Saúde a concessão do funcionamento do curso colegial, passando a denominar-se *Colégio Farroupilha*.

Fiel às suas origens e à sua missão filantrópica, a Associação, assim como o colégio e seus corpos docente e discente, em 1941 dedicou-se ao atendimento das pessoas atingidas pela enchente daquele ano.

Esse desastre climático atingiu a cidade de Porto Alegre no mês de maio de 1941, quando as águas do Guaíba alcançaram a cota de 4,76 metros.

O prédio da antiga escola, conhecido como *Velho Casarão*, foi convertido em abrigo, paralisando em função do contexto emergencial todas as atividades a fim de atender os 300 desabrigados que ficaram aos cuidados da instituição. Professores e educadores, com o auxílio dos estudantes, dedicaram-se à tarefa de ajudar as pessoas atingidas pela enchente, proporcionando-lhes teto, roupas, alimentação e assistência médica. Dessa forma, a escola suspendeu as atividades de ensino no mês de maio a fim de atender os desabrigados da enchente. Essa prestação de ajuda figura, na história do Colégio Farroupilha, como um ato de solidariedade e de orgulho em um momento de crise e calamidade pública da cidade de Porto Alegre.

### **A cultura da escola no contexto da campanha de ajuda aos desabrigados da enchente de 2024**

A enchente de 1941 sempre foi lembrada como um fato histórico de grande impacto social, cultural e econômico nos bancos escolares. Por meio de fotografias, artigos escritos e relatos de quem viveu aquele momento professores e estudantes apropriaram-se do fato que marcou o Rio Grande do Sul no século XX. Porém, em 2024, fomos surpreendidos com uma crise climática ainda mais severa. Entre os meses de maio e junho choveu cerca de mil milímetros no estado do Rio Grande do Sul, o que superou a tragédia de 1941.

As águas invadiram áreas baixas em várias partes do Vale dos Sinos e em outras regiões do estado. Na Região Metropolitana, os diques romperam, e, em Porto Alegre, o sistema de proteção contra cheias, já sucateado, falhou completamente, deixando grande parte da capital submersa. Diante

disso, um grande movimento de solidariedade se criou e fortaleceu dia após dia, ampliando, articulando e fortalecendo ainda mais as redes solidárias do país. Nesse estabelecimento de redes percebe-se que a solidariedade é um exercício de cidadania.

Assim, ser solidário, além de envolver ações como arrecadação de alimentos, participação em campanhas do agasalho e trabalhos voluntários voltados a ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade, também representa o exercício da cidadania solidária, objetivando garantir os direitos fundamentais dos cidadãos previstos em nossa Constituição Federal. Dessa forma, a cidadania contribui para a atenuação da desigualdade social e para o fomento do desenvolvimento sustentável por meio de ações individuais e coletivas que objetivem o respeito e a solidariedade entre os indivíduos.

Entretanto, de acordo com Cruz (2019, p. 135), o conceito de cidadania deve abranger um novo tipo de cidadão, não somente o portador de direitos e deveres em relação a um Estado, mas que se refira ao cidadão do mundo.

Nesse viés da ajuda comunitária, as ações desencadeadas pelo Colégio Farroupilha frente às necessidades surgidas com a enchente legitimam os princípios norteadores de sua mantenedora, os quais primam por práticas de cidadania, solidariedade e assistencialismo.

### **Ações da comunidade escolar**

A solidariedade e o voluntariado são fundamentais diante da tragédia ambiental no Rio Grande do Sul. Com inundações e milhares de desabrigados a população precisou de apoio imediato. Foi com o envolvimento e a participação ativa da comunidade escolar, do Grupo de Pais do Colégio Farroupilha, dos ex-alunos e parceiros que muitas ações foram realizadas a fim de que fossem amenizados os impactos causados pelas enchentes e de que se pudesse acelerar o processo de recuperação.

De acordo com Moreno (2018, p. 1.040), “as comunidades têm o poder de ativar capacidades internas de resiliência para lidar com desastres naturais e desses se recuperar”. Um exemplo disso é a influência exercida pelas redes sociais no que se refere à organização, à cooperação, à confiança e à participação necessárias ao novo contexto, pois foram fatores fundamentais em cada etapa das ações realizadas.

Nesse viés de parceria, o Colégio Farroupilha sempre contou com a colaboração da comunidade nas campanhas efetivadas. E foi então, no dia

23 de abril, por meio de suas redes sociais, que novamente solicitou à comunidade escolar a participação na Campanha do Agasalho 2024, doando roupas de inverno, cobertores, meias e sapatos em bom estado. Inicialmente, a campanha estaria voltada para a Escola Municipal de Ensino Fundamental América, que atende 467 estudantes; porém, ao mesmo tempo em que era divulgada a campanha e que chegavam as primeiras doações ao Colégio, tem início a maior enchente enfrentada no Rio Grande do Sul. Primeiramente, as doações foram realizadas para a escola beneficiada pela campanha e também para a AMRIGS (Associação Médica do RS), que funcionou, naquele momento, como ponto de arrecadação em Porto Alegre. Entretanto, as notícias sobre o aumento dos desabrigados não paravam de chegar. Diante daquela triste situação, a comunidade escolar, sensibilizada, iniciou uma grande mobilização, que resultou na arrecadação de alimentos, água, agasalhos, calçados, colchões, roupas de cama e banho, além de produtos de limpeza e higiene. Diante do grande volume de doações, o Colégio Farroupilha disponibilizou a Praça de Convivência, área que fora inaugurada um pouco antes daquele período, para armazenar os itens recebidos.

Figura 1 – Área de convivência do Colégio Farroupilha.



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Farroupilha.

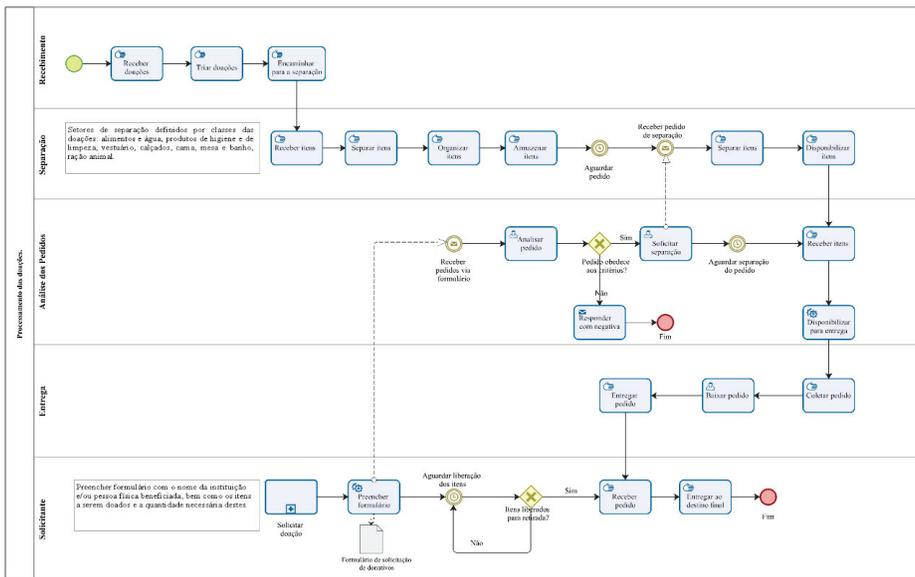
Havia no contexto da enchente uma rede de apoio aos abrigos da capital, e o Farroupilha estava conectado a ela, mapeando as necessidades de cada abrigo e providenciando a entrega dos alimentos e recebendo as manifestações de outras necessidades por meio do grupo de *WhatsApp* denominado “SOS Enchentes”. As doações chegavam ao Colégio, eram categorizadas, com vistas ao melhor atendimento à demanda, e o grupo de pais era acionado para realizar a entrega no abrigo necessitado.

### Organização da logística das doações

A logística no processo de doações humanitárias é essencial para garantir que a ajuda chegue de forma eficaz, rápida e organizada às populações que mais precisam, otimizando os recursos disponíveis e assegurando a maior eficiência possível nas operações de assistência. Assim, para assegurar um melhor fluxo no processo de recebimento e entrega das doações, o Colégio organizou uma logística funcional para a eficácia da operação.

A seguir, apresentamos um fluxograma do processo das doações realizadas no Colégio Farroupilha:

Quadro 1 – Fluxograma do processo das doações



Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

Para entendermos o fluxograma, destacamos que foram organizados dois processos: o de recebimento de doações e o de entrega das doações. Dessa forma, detalhamos cada etapa dos dois processos desenvolvidos.

### **Processo de recebimento de doações:**

Recebimento das doações diversas (alimentos e água, produtos de higiene e de limpeza, vestuário, calçados, cama, mesa e banho, ração animal).

1. Triagem: as doações eram triadas e distribuídas aos líderes dos setores pertinentes.
2. Encaminhamento aos líderes dos setores: após a triagem, os mantimentos eram entregues aos líderes de setores, que separavam os itens por tipo, tamanho e gênero.
3. Após a separação e a organização, as doações estavam disponíveis para a equipe responsável pela entrega.

### **Processo de entrega de doações:**

1. Recebimento dos pedidos de doação: os pedidos de doação eram realizados via formulário preenchido, o qual continha o nome da instituição e/ou pessoa física beneficiada, bem como os itens a serem doados e a quantidade necessária destes.

2. Membros estratégicos: os membros recebiam os pedidos no formulário e solicitavam a separação dos itens para os líderes de setores.

3. Líderes de setores: recebiam os pedidos dos membros estratégicos, separavam os itens e entregavam-nos novamente para os estratégicos.

4. Membros estratégicos: recebiam os itens organizados para doação, entregavam o formulário à equipe de recebimento e encaminhavam os primeiros às “formiguinhas<sup>5</sup>”, que direcionavam as doações para o destino final (entrega para o solicitante).

5. Baixa na solicitação de doações: a equipe de recebimento de pedidos era responsável pela baixa na solicitação de doações.

6. A doação era entregue ao grupo de pais que a levava até o abrigo solicitante.

---

<sup>5</sup> Nome atribuído aos estudantes que realizavam a entrega final aos solicitantes das doações.

Com o fluxograma estabelecido, a operação delineou as etapas sequenciais e a lógica do processo de doações, apresentando uma melhoria contínua no monitoramento e na execução das ações.

Para um desempenho eficaz em cada etapa do processo, a escola contou com o voluntariado de seus educadores, professores, pais e estudantes. Como em alguns dias ocorreu a paralisação das aulas, os estudantes também puderam participar do intenso movimento de ações que o Colégio estava realizando.

Sendo a escola promotora de desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, a participação dos estudantes na campanha de doações foi extremamente positiva e educativa nas seguintes perspectivas: encorajou-os a se colocar no lugar do outro e a se sensibilizar com as necessidades dos desabrigados; permitiu que percebessem a situação de vulnerabilidade em que as pessoas se encontravam; estabeleceu conexões e parcerias entre eles mesmos, do mesmo modo com professores e comunidade; auxiliou-os na participação e na execução do processo das doações, desenvolvendo importantes competências de liderança, comunicação e colaboração; contribuiu para o fortalecimento do propósito humanitário ao perceber o impacto positivo de suas ações; ampliou a visão de mundo e enriqueceu o aprendizado a partir das experiências vivenciadas; serviu de inspiração para outros colegas participarem das ações do Colégio e com elas contribuírem e, sobretudo, fortaleceu o senso de comunidade dentro da escola, promovendo uma cultura de ajuda mútua.

Com as turmas do Ensino Fundamental – Anos Iniciais os professores buscaram oferecer um ambiente acolhedor e de apoio aos estudantes no retorno às aulas após o período em que as atividades foram suspensas devido às enchentes. O intuito foi que eles se reintegrassem à rotina escolar de forma gradual. Diante disso, os estudantes do 1º ao 5º anos participaram de rodas de conversa motivadas por histórias, como *A Tempestade Passou, O Amor Ficou, Uma Chuva Diferente e Céu, Sol, Sul...* A partir desses diálogos, cada ano realizou uma atividade diferente sobre o momento que estava sendo enfrentado no RS. Os alunos confeccionaram cartas e desenhos que foram entregues com as doações, além de elaborar mensagens de esperança e positividade para a cidade de Porto Alegre.

## **Criação do abrigo na Sede Campestre em Viamão**

No intuito de auxiliar a campanha aos desabrigados pelas enchentes, o Colégio Farroupilha, junto à Defesa Civil do Estado do RS, criou um abrigo temporário em sua Sede Campestre, localizada na cidade de Viamão.

No período de 5 de maio a 4 de junho de 2024 foram acolhidas no local 68 pessoas desabrigadas, residentes do bairro Humaitá de Porto Alegre. Estas receberam alimentos, agasalhos, calçados, remédios, produtos de higiene, cobertas, colchões, roupas de cama e de banho, além de serem disponibilizadas a elas consultas médicas. Para atender todos os assistidos, a instituição contou com o apoio da comunidade para atuar como voluntária nas ações necessárias junto aos desabrigados.

As ações desempenhadas pela escola e por sua comunidade junto ao abrigo reafirmam a importância da assistência humanitária em momentos de crise, que, segundo a Global Humanitarian Assistance (2014), consiste em aliviar o sofrimento dos sujeitos atingidos, manter e proteger a dignidade humana e garantir aos afetados a manutenção de suas necessidades básicas, possibilitando-lhes restabelecê-las.

Para McConnan (2004, p. 208), o abrigo é um fator crítico e determinante para a sobrevivência nos estágios iniciais de um desastre. Além da sobrevivência, o abrigo é necessário para garantir a segurança e a proteção individual (proteção contra eventos climáticos adversos e a consequente maior resistência a problemas de saúde e a doenças). Além disso, o abrigo é importante para garantir a dignidade humana e para sustentar a vida familiar e comunitária, tanto quanto possível, em circunstâncias difíceis.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988) (Brasil, 2024) estabelece, em seu artigo 5º, os direitos fundamentais, incluindo a segurança e a propriedade: ‘XXII – é garantido o direito de propriedade’.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é, portanto, outro documento legal que reforça a ideia de que o abrigo é essencial, sendo um requisito mínimo para a manutenção da dignidade humana:

Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto [...] ao alojamento [...], na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade (Nações Unidas, 2024, art. 25).

Com a participação de educadores, professores e famílias os desabrigados instalados na Sede Campestre em Viamão foram atendidos, recebendo condições adequadas de higiene e segurança. Muitos profissionais da escola atuaram voluntariamente nesse espaço. Contação de histórias às crianças, momentos de leitura, atendimento médico e psicológico foram algumas das ações oferecidas às pessoas que, naquele momento, viviam uma tragédia sem precedentes. A expectativa diária durante esse período era o retorno aos locais de origem, o que só foi possível no mês de junho. Ressalta-se que todas as pessoas que foram acolhidas na Sede Campestre do Farroupilha só deixaram o espaço quando houve possibilidade de retornar ao lar.

### **Ajuda às cidades que estavam sem acesso por terra**

Durante a Campanha de Doações, cestas básicas, água e cobertores foram doados pela comunidade escolar, mas diariamente a instituição recebia notícias de que cidades estavam sem acesso terrestre devido a quedas de pontes e cheias de rios.

O trabalho da Defesa Civil e de empresas foi fundamental para que helicópteros levassem ajuda humanitária às regiões ilhadas e, devido à localização privilegiada, o campo de futebol do Colégio Farroupilha tornou-se uma área de pouso e decolagem de aeronaves em missões humanitárias. Para alcançar lugares mais remotos e de difícil acesso, o chamado Campão do Colégio Farroupilha foi transformado em um heliponto, realizando até oito voos diferentes por dia. Por meio dessa iniciativa, regiões como Vale do Taquari, Eldorado do Sul, Guaíba, Canoas, São Jerônimo, Muçum e Lajeado passaram a ter acesso a suprimentos básicos, como água potável, cestas básicas, agasalhos e itens de higiene pessoal. Alguns medicamentos e insumos hospitalares também foram entregues a casas de saúde e hospitais do Vale do Taquari com o acompanhamento e a supervisão de equipe médica autorizada.

Essas iniciativas foram essenciais para garantir que as populações afetadas recebessem os recursos indispensáveis para sua sobrevivência e bem-estar.

## **Outras ações implementadas na Campanha de Doações**

Atuando fortemente na questão humanitária da enchente, o Colégio Farroupilha tornou-se referência de solidariedade e trabalho social, sendo procurado para auxiliar na implementação do primeiro abrigo emergencial exclusivo para idosos. Com a contribuição de 36 colchões, roupas de cama, cobertores, travesseiros, toalhas e itens de higiene o Colégio ajudou na montagem e na organização do espaço, além de entregar uma cartinha, escrita pelos estudantes dos Anos Iniciais, para cada um dos idosos residentes.

A enchente que devastou o Rio Grande do Sul impactou profundamente todos. Profissionais de diversas escolas em várias cidades perderam suas casas e precisaram recomeçar suas vidas. Nesse contexto, esse recomeço passa também pela educação. Com o intuito de ajudar esses profissionais, o Colégio, inserido na Campanha de Doações aos desabrigados, promoveu uma ação voltada para a arrecadação de recursos a fim de que os atingidos pelas enchentes de abril e maio de 2024 pudessem recomeçar suas histórias de dedicação ao ensino. Segundo Ferri, “a educação é o alicerce do recomeço, e investir na retomada dos profissionais da educação atingidos pelas enchentes é um passo em direção a um futuro mais sólido e promissor para todos” (2024).

Assim, o Colégio atuou na distribuição das doações e na mobilização da *Campanha Farroupilha Ajuda*, destinada aos profissionais da educação que foram fortemente afetados pela enchente. A Solidariedade Farroupilha, que foi, inclusive, notícia nacional, é um dos valores ensinados diariamente aos estudantes e praticado por toda a comunidade escolar.

Nesse contexto de solidariedade e na perspectiva de contarmos com uma rede de apoio que envolveu a comunidade escolar, as mídias sociais desempenharam um papel fundamental na campanha de arrecadação de doativos para os atingidos pela enchente no Rio Grande do Sul, permitindo a rápida disseminação de informações sobre a situação de emergência e sobre as necessidades dos afetados. Desse modo, alcançou-se grande número de pessoas em pouco tempo; facilitou-se a comunicação contínua e transparente sobre como as doações estavam sendo utilizadas, com atualizações frequentes sobre a distribuição de recursos e o impacto da campanha; permitiu-se a comunicação direta e interativa com a comunidade e possibilitou-se o ajuste às estratégias de comunicação e mobilização conforme necessário, respondendo a novas informações e a necessidades emergentes.

Além das redes sociais da escola, notícias sobre a campanha foram veiculadas na CNN, no jornal *Zero Hora*, na Gaúcha ZH e na Masper TV. Assim, essas redes foram essenciais para o sucesso da campanha, viabilizando uma coordenação eficiente, um alcance ampliado e um engajamento ativo da comunidade, o que resultou em uma resposta mais eficaz e abrangente diante das necessidades dos atingidos pela enchente

### **Voluntário farroupilha**

Desde o início da campanha, a comunidade escolar participou ativamente da arrecadação de doações. Inicialmente foram recebidos muitos itens de roupas femininas, masculinas, infantis e de bebês, bem como roupas de cama e banho. Itens de higiene (escova de dentes, pasta dental, sabonete, xampu, desodorante) e itens de limpeza (desinfetante, sabão em pó, detergente, vassoura, rodo, pano de chão, escova, esponjas) também foram doados pela comunidade. Aos poucos, outros donativos foram oferecidos em grande quantidade, como água e cestas básicas. À medida que as necessidades surgiam, em função da criação de novos abrigos, as doações voltavam-se ao atendimento das demandas solicitadas, como foi o caso da oferta de colchões, roupas de cama, cobertores e toalhas, realizada, inicialmente, para atender os desabrigados do abrigo temporário da Sede Campestre e, mais tarde, para auxiliar na organização do abrigo para idosos na avenida João Pessoa e para outros abrigos que apresentavam essa demanda.

Quadro 2 – Ações da Campanha de Doações – 2024

<b>CATEGORIAS</b>	<b>DETALHAMENTO</b>
Doações recebidas na escola	60 toneladas de alimentos + de 2.000 kits de roupas + de 1.000 calçados 1.000 colchões 700 roupas de cama 18 toneladas de kits de higiene e limpeza 500 pacotes de fraldas + de 3.000 brinquedos e livros 300 kg de ração + de 35.000 litros de água + de 1.000 caixinhas de sucos + de 80 kg de café

Distribuição das doações	80 abrigos Mais de 25 voos de helicóptero realizados às cidades ilhadas Aproximadamente 12 mil pessoas beneficiadas 10 hospitais atendidos com as doações por helicóptero 5 casas geriátricas de Porto Alegre receberam doações 7 escolas públicas beneficiadas com doações de roupas e materiais escolares
Educadores do Colégio Farroupilha atingidos	17 gravemente atingidos 160 parcialmente atingidos A Festa Junina do Colégio foi cancelada, e a verba que seria usada para esse fim foi destinada aos educadores que foram fortemente atingidos.
Abrigo temporário criado na Sede Campestre do Colégio	Recebeu 68 pessoas desabrigadas.
Abrigo para Pessoas Idosas (60+)	Foram doados 36 kits (colchões, lençóis, cobertores, travesseiros, toalhas e produtos de higiene). A equipe do Colégio ajudou na montagem do abrigo.
Campanha de arrecadação: <i>Farroupilha Ajuda</i>	Campanha voltada ao apoio de profissionais da educação e que foram fortemente impactados pela enchente. Com os valores arrecadados foram comprados móveis e eletrodomésticos, que ajudaram 84 profissionais da educação.
Adoção de uma escola pública	A Escola Municipal Tio Barnabé, que atende aproximadamente 120 crianças de Educação Infantil, foi fortemente atingida. O Colégio Farroupilha doou o mobiliário para as salas de aula e comprou um novo <i>playground</i> para as crianças.
Pessoas físicas atendidas	Aproximadamente 400 pessoas que buscaram o Colégio foram atendidas com a doação de roupas, cestas básicas, brinquedos, produtos de higiene e limpeza.
+ 300 voluntários envolvidos	Durante todo o período em que a escola esteve envolvida com as doações, contamos com mais de 300 voluntários entre educadores, estudantes, ex-alunos e familiares.

Fonte: Formulários da campanha de doações do Colégio Farroupilha.

## **A civilidade escolar em tempos de calamidade**

Segundo Carlota Boto (2010), o modo pelo qual a escola cria e recria seus significados culturais carrega as marcas de um projeto civilizador, pois, conforme a autora, a civilidade estrutura-se como estratégia de formação (p. 42). Essa perspectiva evidencia que a escola, além da construção de conhecimentos, também forma sujeitos para a convivência e o bem comum.

Esse entendimento torna-se especialmente relevante em contextos de crise. Sabemos que as enchentes representam um dos desastres naturais mais devastadores, compreendendo um tipo de calamidade que exige respostas rápidas e eficazes. Nesse viés, a comunidade do Colégio Farroupilha, ao buscar alternativas para o enfrentamento dos desafios impostos pela calamidade, mobilizou em suas ações valores fundantes da civilidade. Respeito mútuo, solidariedade, empatia e cooperação tornaram-se alicerces essenciais para manter a coesão e o bem-estar da comunidade escolar, reforçando o papel da escola como espaço formador de sujeitos éticos e comprometidos com o outro.

Sendo o respeito mútuo a base da civilidade escolar, constata-se que, em tempos de calamidade, este foi essencial à comunidade do Colégio Farroupilha – e comprovou-se na expressão da postura respeitosa e compreensiva entre alunos, professores, educadores e famílias. O respeito às diferenças, às dificuldades individuais e às diversas maneiras de lidar com a crise foi crucial para garantir um ambiente saudável.

O espírito de solidariedade e ajuda mútua que a comunidade escolar demonstrou durante a campanha aos desabrigados foi fundamental, evidenciando a união em tempos de crise. Alunos, professores, pais e educadores mobilizaram-se para arrecadar doativos, destiná-los às instituições necessitadas, prestaram apoio e assistência às famílias afetadas, mostrando que a educação vai além da sala de aula e que envolve o compromisso com o bem-estar coletivo e a empatia com aqueles que mais precisam.

Em sala de aula e nos ambientes da escola, os professores e educadores desempenharam um papel fundamental, desenvolvendo uma escuta ativa e acolhedora, permitindo que os estudantes expressassem suas preocupações e medos, oportunizando reflexões e estudos sobre os fenômenos que causam enchentes, como o ciclo da água, as mudanças climáticas, o desmatamento e a gestão inadequada dos recursos hídricos. Dialogar sobre a importância da solidariedade, do voluntariado e do engajamento cívico

em tempos de calamidade também foi essencial nesse momento, bem como analisar o papel do governo, das ONGs e da comunidade na resposta aos desastres.

A escola, inscrita no traço do percurso civilizador das sociedades ocidentais, é por si só motivo suficiente para refletir sobre o ritual escolar e os modos de convívio que nela se produzem. De acordo com Carlota Boto (2010, p. 65), dialogar sobre esse aspecto, assumindo-o como tema da educação, pode contribuir para o surgimento de uma sociedade com hábitos educativos mais inventivos, mais delicados e sobretudo mais solidários. Assim, compreendemos que a civilidade escolar, especialmente em tempos de calamidade, não se apresenta apenas como um desafio que exige esforço coletivo, mas também como uma potente oportunidade de fortalecimento dos valores de respeito, solidariedade e resiliência. Cultivar um ambiente em que todos se sintam valorizados e apoiados é um passo fundamental para enfrentar crises com mais coesão e humanidade — garantindo, assim, que a história da escola tenha a continuidade que formos capazes de construir.

### **Depoimentos de alguns dos sujeitos envolvidos**

Durante a Campanha de Doações do Colégio Farroupilha, muitos educadores, professores e famílias da nossa comunidade enfrentaram os impactos devastadores da enchente de 2024. Sensível a essa realidade, o Colégio mobilizou-se para oferecer suporte imediato. Foram enviados mantimentos essenciais, como cestas básicas, água, roupas, calçados, colchões, cobertores, produtos de higiene e limpeza, além de apoio financeiro, fruto da solidariedade da comunidade escolar. A frase mais recorrente durante os contatos realizados foi: *Perdemos tudo, mas não perdemos a vida.*

Entre os atingidos destacam-se moradores do bairro Humaitá, Sarandi, além das cidades de Canoas, Guaíba e Eldorado, totalizando 17 pessoas diretamente afetadas. Esses educadores perderam seus lares, móveis, roupas e outros pertences pessoais, enfrentando momentos de grande vulnerabilidade.

Os depoimentos dos participantes envolvidos nas ações promovidas pela escola evidenciam tanto o impacto inesperado causado pela enchente quanto o surgimento espontâneo de uma mobilização comunitária diante da crise. A seguir, apresentamos alguns desses relatos extraídos do documentário *Colégio Farroupilha. Enchente de 2024 – uma lição de solidariedade* (2024).

Entre os diversos testemunhos que compõem a memória social da enchente de 2024 destaca-se o relato de Christian Voelcker, que não apenas revela o impacto inesperado do desastre, mas também enfatiza a emergência de uma mobilização comunitária espontânea ao redor do Colégio Farrroupilha.

Não achava que podia chegar à magnitude da enchente de 41, a gente ouviu falar, a gente tem fotos, eu já tinha reparado na marca da enchente de 41 no Mercado Público, eu obviamente conheço a cidade de Porto Alegre, como engenheiro, eu sei das obras que foram feitas e quais seriam as áreas possíveis de alagamento e, sinceramente, não pensei que iria acontecer o que aconteceu. Todas as notícias, a partir daí, passaram a ser (sobre) Porto Alegre e imediações em estado crítico, como era o caso. No sábado (eu moro muito perto do Colégio Farrroupilha), eu saí de carro e me chamou a atenção o movimento na frente do Colégio. Era um movimento diferente, carros parados, porta-malas abertos, mais adultos do que crianças, desci e vi que tinha começado um movimento não controlado, nem organizado por nós, mas 100% individual, da comunidade das famílias do Colégio Farrroupilha, A partir daquele momento, sábado de manhã, (esse movimento) não parou e foi crescendo significativamente (Christian Voelcker, presidente da ABE/1858, 2024).

O depoimento de Marília Dal Moro, assessora pedagógica do Colégio Farrroupilha, destaca como a escola se transformou em um centro de solidariedade durante a enchente em Porto Alegre.

Eu estava aqui na escola e vi essa escola se transformar. Eu acho que nunca imaginei, eu sempre soube que a comunidade do Colégio era uma comunidade de uma força incrível, mas a cada dia desse mês que a gente passou, a gente viu essa força aumentar e, na verdade, essa força se estruturar. Eu acho que é isso também: tinha muita gente querendo ajudar, tinha muita gente implicada, mas as pessoas não tinham talvez um espaço tão organizado, tão ágil que a gente (a ter) passou aqui, porque estava tudo muito bem organizado. Nós temos aqui uma força de pais, de alunos, de ex-alunos que faziam a coisa acontecer (2024).

O depoimento de Alexandre Cury, médico com experiências anteriores em trabalhos realizados em centros humanitários, oferece uma perspectiva única sobre a mobilização da comunidade escolar durante a enchente em Porto Alegre.

Quando cheguei aqui no Colégio, me apresentei *eu sou pai de aluno e tal*, trouxe os dois aqui, *onde é que a gente pode ajudar?* Aquela coisa meio assim “*vamo que vamo*”, né, cada um ajuda como pode. Eu lembro que eu fui para a triagem de roupa, o Bernardo foi triar sapato, o Henrique foi comigo ajudar a triar roupa também, enfim, sei que, no final, nós fomos desenvolvendo e aquela organização inicial em que a gente tinha – muito de amor e de ama-

dor – se tornou algo muito mais cheio de amor, de empatia, mas também com muito profissionalismo de voluntariado, de pessoas voluntárias se dando ali (Alexandre Cury, médico e pai de aluno).

Quando os pais se envolvem diretamente em ações solidárias, eles não apenas contribuem com recursos e apoio logístico, mas também servem como modelos para seus filhos, demonstrando, na prática, a importância de ajudar o próximo. Esse engajamento familiar amplia o alcance das campanhas e reforça o aprendizado dos estudantes sobre solidariedade e cooperação.

Sentimento! A gente não tem palavras para dizer: as pessoas precisando e, prontamente, todo mundo disposto a ajudar da forma que pudesse (Eduardo Lemmert, presidente do Grupo de Pais).

Eu senti que era o lugar certo para eu estar, porque estava tudo muito organizado. Ver os helicópteros descendo, subindo, os caminhões chegando, carretas que eu tinha conseguido mobilizar de São Paulo, que (eles) não iam ter onde descarregar, chegaram no Campão, e os alunos todos recolhendo, distribuindo. Foi muito legal participar. Obviamente que era um momento triste, mas tudo o que se fez aqui, se tivesse sido repetido em outros lugares, talvez a gente tivesse tido muito mais qualidade e chegado em muito mais gente do que conseguiu chegar, porque limitado. O que o Farroupilha fez foi espetacular. Mas a gente, não éramos poucos, éramos muitos aqui (Eduardo Goldstein, pai de aluno).

O envolvimento dos professores foi essencial durante todo o período da enchente e da campanha de doações. Além de suas funções pedagógicas, eles se colocaram como agentes solidários e acolhedores, ajudando a organizar os espaços, a orientar voluntários, a mobilizar famílias e a manter o vínculo com os estudantes em meio às adversidades. Sua presença constante e comprometida demonstrou que educar vai muito além da sala de aula – é também estar presente nos momentos difíceis, oferecendo apoio, empatia e exemplo de cidadania. Esse engajamento foi fundamental para fortalecer a comunidade escolar e garantir que o Colégio cumprisse seu papel social de forma ética, ativa e humanizada.

Quando as pessoas somam a generosidade, a empatia, a boa vontade, a disposição, a solidariedade, elas se multiplicam de uma forma muito absurda porque o que tinha de pessoas aqui no sábado, vamos dizer que, no domingo, era o quádruplo e sêxtuplo da quantidade de gente. Quando eu entrei na escola no domingo, eu me assustei num sentido bom, porque era muita gente (Renata Rosa, professora de Matemática).

A mobilização dos alunos e ex-alunos do Colégio Farroupilha foi uma das expressões mais genuínas de solidariedade durante a campanha.

Ao se engajarem nas ações de forma espontânea e generosa, mostraram não apenas empatia diante do sofrimento alheio, mas também o quanto os valores vividos na escola se estendem para além do ambiente escolar. Muitos participaram ativamente na triagem, na organização e na distribuição de donativos, revelando senso de responsabilidade social e forte conexão com a comunidade escolar. Essa presença ativa reafirma o papel da educação na formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o bem coletivo.

Foi incrível, foi de outro mundo. Primeiro, foi um choque porque eu saí do Colégio pela última vez e era um cenário. O cenário que a gente tá vendo das crianças correndo e pessoas em aula e o sinal tocando para voltar para a aula. E, mesmo assim, quando eu saí, já tinha alguns boatos do que ia dar, o Colégio já estava começando a se organizar, então eu já tinha noção disso. Agora, quando eu voltei, chega a ser uma coisa extraordinária. Assim a organização que estava dentro do Colégio, aquela parte inteira que o Colégio reformou né, porque era a parte nova e estava sendo usada para fazer a triagem, separar os materiais. E foi bem bonito assim, porque é a comunidade escolar se juntando (Pedro Azevedo Rodrigues, presidente do Grêmio Estudantil).

A gente conseguiu conectar aeronaves, pessoas, colaboradores e o Colégio Farroupilha para, de maneira, de uma forma muito rápida, ajudar. E teve dias que, mesmo chovendo, com dificuldade, a gente conseguiu fazer três, quatro aeronaves pousarem de forma simultânea e fazer entregas que ajudaram muito, muita gente (Eduardo Leal e Ricardo Leal, ex-alunos).

Os professores e educadores que acompanharam o trabalho realizado no abrigo da Sede Campestre de Viamão puderam testemunhar não apenas a eficiência da mobilização, mas sobretudo a sensibilidade com que cada pessoa foi acolhida. Os relatos revelam o compromisso coletivo com a dignidade, o conforto e o bem-estar das famílias em situação de vulnerabilidade.

Quando eu cheguei na Sede Campestre, já muitas pessoas estavam lá, colaboradores, famílias, estudantes. Já estávamos recebendo doações, colchões, cobertores, travesseiros, alimentos, roupas e nós precisávamos simplesmente mais de 60, 70 camas para poder receber. A notícia era que, naquela noite, a gente ia receber 70 pessoas para serem abrigadas (Diana Santos, psicóloga do Colégio Farroupilha).

Entre tantas mãos que ajudaram também ouvimos os depoimentos de quem esteve do outro lado – pessoas que, em meio à perda e à incerteza, encontraram apoio, acolhimento e esperança. Os relatos de quem recebeu as doações revelam o quanto cada gesto fez diferença e reforçam o verdadeiro significado da solidariedade.

Tudo que o Farroupilha nos mandou foi bastante cesta básica, água, roupas, colchões, cobertas, tudo, tudo foi mandado. Foi muita coisa! (Daniel Adolfo, representante da ONG SOS Resgatando Vidas).

Entre os muitos relatos que marcaram esse período destacam-se os de professores e educadores da escola, que, mesmo enfrentando perdas significativas com a enchente, foram acolhidos com apoio e carinho pela comunidade escolar. Esses relatos evidenciam não apenas a dor vivida, mas também a força da solidariedade que ultrapassou os vínculos profissionais, formando uma verdadeira rede de cuidado. Ao todo, 17 profissionais que tiveram suas casas atingidas pelas águas receberam doações da comunidade e da instituição – incluindo roupas, calçados, colchões, cobertores, cestas básicas, água, itens de higiene e limpeza, além de apoio financeiro.

De forma muito rápida, meio que no desespero, peguei algumas roupas, o celular e os documentos, mas lembrei do meu diploma de graduação de História que precisava levar comigo (Alan Ramos Machado, 2024).

Perdi tudo, não sobrou nada da minha casa! A gente perdeu tudo, tudo, tudo. Não tem nada! (Claudio Assunção, 2024).

Nós tínhamos reformado nossa casa, trocado o piso, os móveis da cozinha eram novos, nem tínhamos pagado tudo! Meu marido também tinha um carro de táxi que usava para trabalhar! (Valery Bitencourte, 2024).

Os depoimentos reunidos nesta seção revelam mais do que memórias de um tempo difícil: mostram a potência do encontro humano em meio à adversidade. Vozes de estudantes, professores, famílias e voluntários entrelaçam-se em narrativas que testemunham o cuidado, a empatia e a ação concreta. Em cada gesto solidário a dor foi acolhida e a esperança, reconstruída. Assim, mais do que registrar acontecimentos, esta seção preserva o sentido profundo da comunidade escolar, que, diante da tragédia, escolheu estar junta – e, estando junta, fez a diferença.

## Considerações

A história do Colégio Farroupilha, marcada por um longo compromisso com o assistencialismo e a promoção de valores humanitários, mostra como a cidadania pode ser uma ferramenta transformadora em tempos de calamidade. A resposta da escola e de sua comunidade à enchente de 2024, assim como em 1941, exemplifica a força da solidariedade e da ação coletiva na mitigação dos impactos de desastres naturais.

As ações realizadas, desde a arrecadação e distribuição de doações até a criação de abrigos temporários, demonstram que a educação vai além da sala de aula. Ela se concretiza na prática diária de valores como a empatia, a responsabilidade social e o cuidado com o próximo. A experiência vivenciada pelos estudantes e pela comunidade escolar reforça a importância de cultivar uma cidadania ativa e consciente, especialmente em momentos de crise.

Essas iniciativas não apenas atendem as necessidades imediatas das pessoas afetadas, mas também promovem o desenvolvimento de competências socioemocionais e de liderança nos estudantes, preparando-os para ser cidadãos globais capazes de enfrentar desafios futuros.

Como escola, entendemos que é no dia a dia que se exerce a cidadania, e isso começa nas relações que estabelecemos com os outros indivíduos. Ações sociais e solidárias, voltadas ao bem-estar, à garantia da dignidade humana, dos direitos sociais e dos direitos fundamentais do ser humano, são exemplos claros de cidadania e solidariedade. No entanto, como destaca Walzer (1999, p. 48), “as associações da sociedade civil frequentemente enfrentam desafios significativos em seu papel de atuação”. Devido à sua própria natureza, essas organizações muitas vezes chegam tarde, reagindo apenas às crises com uma capacidade de antecipação, planejamento e intervenção inferior à do Estado. Nesse contexto, reconhecemos que as ações desenvolvidas pela escola envolveram tanto acertos como aspectos a melhorar. É natural que diante de uma situação de calamidade, como uma enchente, o planejamento inicial precise ser ajustado conforme os desafios emergem e as necessidades se tornem mais claras. Durante o processo, a escola teve que adaptar suas estratégias, aprendendo com a prática e ajustando as ações para atender de maneira mais eficaz a comunidade escolar e as famílias afetadas.

A construção desse planejamento foi uma experiência de aprendizado coletivo, em que a flexibilidade e a capacidade de resposta rápida se mostraram essenciais. O que inicialmente parecia ser a solução ideal pode ter exigido revisões à medida que novas informações e *feedback* foram obtidos. Essas adequações de curso demonstram a importância de um planejamento participativo e colaborativo, no qual a contribuição de todos os envolvidos – desde a equipe pedagógica até os próprios estudantes e suas famílias – é considerada e valorizada.

Ao longo desse processo, a escola atuou não apenas como um centro de ensino, mas também como um exemplo de resiliência e capacidade de

adaptação em tempos de crise. Esse dinamismo na execução das ações permitiu que, apesar das adversidades, a comunidade escolar se mantivesse coesa e focada em proporcionar o melhor suporte possível a todos os afetados.

No segundo semestre de 2024 foi criada uma disciplina eletiva para os estudantes do Ensino Médio denominada *Emergências Humanitárias*; tal componente curricular teve como premissa sistematizar os conhecimentos construídos durante a tragédia das enchentes. Foi também criado uma espécie de manual com o passo a passo para que todas as pessoas saibam o que fazer caso tenhamos uma nova tragédia similar à vivenciada.

Por fim, o estudo ressalta que a formação para a cidadania em tempos de calamidade é essencial para construir uma sociedade mais justa e solidária, em que todos possam exercer seus direitos e contribuir para o bem comum, mesmo diante das adversidades. Entendemos que as lições aprendidas por meio dessas ações devem ser incorporadas às práticas pedagógicas e ao currículo escolar, fortalecendo o compromisso da escola com a formação integral de seus alunos.

## Referências

DICIO. Assistência. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assistencia/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga: Universidade do Minho, v. 23, n. 2, p. 35-72, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [s.d.]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 5 jul. 2024.

COLÉGIO FARROUPILHA. **Enchente de 2024 – uma lição de solidariedade** [documentário]. Porto Alegre: Colégio Farroupilha, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fNen-phrL9s>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FERRI, Marícia. Colégio lança campanha de arrecadação de recursos para profissionais da educação. **Colégio Farroupilha**. 10 maio 2024. Disponível em: <https://www.farroupilha.g12.br/novo/colégio-lanca-campanha-de-arrecadacao-de-recursos-para-profissionais-da-educacao/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

GLOBAL HUMANITARIAN ASSISTANCE. **Report 2014**. Bristol: Development Initiatives, 2014.

JACQUES, Alice Rigoni. A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886). In: BASTOS, Maria Helena Câmara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 51-76.

MCCONNAN, Isobel. **Humanitarian charter and minimum standards in disaster response**. Geneva: Sphere Project, 2004.

MORENO, Jenny. The role of communities in coping with natural disasters: Lessons from the 2010 Chile Earthquake and Tsunami. **Procedia Engineering**, v. 212, p. 1.040-1.045, 2018.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assembleia Geral, 1948. Disponível em: [http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao\\_universal\\_dos\\_direitos\\_do\\_homem.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf). Acesso em: 15 jul. 2024.

TELLES, Leandro. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: 1858-1974**. Porto Alegre: ABE, 1974.

SANTANA, Marcos Silvio de. **O que é cidadania**. Disponível em: <http://www.advogado.adv.br/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SILVA, Haike Roselane Kleber. **Entre o amor ao Brasil e o modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006. (Coleção Anpuhrs).

WALZER, Michael. Governing the globe. **Dissent**, New York, p. 48, Fall 1999.

# Um acervo que registra o caminho das águas: encontro entre memórias, artefatos, notícias e narrativas

*Mogar Damasceno Miranda<sup>1</sup>*

*Sergio Deves<sup>2</sup>*

*Jonas Adolpho Boesel<sup>3</sup>*

## O começo: caminhos interrompidos e inseguranças na travessia

O caminho dos professores do Centro Municipal de Educação Ambiental Nestor Weiler – CEMEA foi interrompido pelas águas; as manhãs de outono, antes marcadas pelas estradas metropolitanas, tornaram-se dias de incerteza. Era difícil saber se seria possível passar entre pontes e viadutos, se o trajeto até o trabalho ainda estava ali, transitável. A enchente não invadiu diretamente o espaço do CEMEA, mas nos atravessou profundamente como sujeitos, como educadores, como comunidade. A força da água que ora ia tomando conta de todo o estado mistura-se ao sentimento de incerteza e de angústia. Era maio de 2024. Na narrativa dos três educadores, autores do texto, é possível notar o impacto causado na rotina interrompida pela enchente e também os afetos produzidos pelas paisagens modificadas.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Biológicas (UCPEL), licenciado em Educação do Campo (UFPEL), licenciado em Pedagogia (Unilasalle), Mestre em Educação (UFPEL), Doutorando em Educação (UFPEL), membro do grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação Docente e Reconhecimento das Infâncias (Labforma/CNPq), Diretor Pedagógico do Centro Municipal de Educação Ambiental (CEMEA – Prefeitura de Campo Bom/RS).

<sup>2</sup> Licenciado em Ciências Biológicas (Unisinos), Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação (Ulbra), Professor do Centro Municipal de Educação Ambiental (CEMEA – Prefeitura de Campo Bom/RS).

<sup>3</sup> Licenciado e bacharel em Ciências Biológicas (Unisinos), Especialista em Gerenciamento Ambiental (Ulbra), Professor do Centro Municipal de Educação Ambiental (CEMEA – Prefeitura de Campo Bom/RS).

O sentimento foi de ansiedade e perplexidade. No início, não percebi que poderia ser um evento além das consequências de qualquer outro vivido, porém, à medida que as notícias iam chegando e a chuva não parava de cair, a consciência de que algo fora do comum estava por vir foi ficando real (relato professor Jonas do CEMEA, 2025).

Circulando pela rodovia há quase 30 anos, jamais poderia imaginar que a água chegasse até certos pontos onde chegou, a imagem de casas imersas na água, veículos submersos, de pessoas isoladas em casas de segundo andar, outras acampadas em barracas na margem da rodovia, um cenário até então para mim como algo inimaginável (relato professor Sérgio do CEMEA, 2025).

Ainda na madrugada, escutando o barulho da chuva, preocupado com os professores, logo encaminhava mensagem para que ficassem tranquilos se caso não fosse possível chegar até o CEMEA. Sem saber a situação do nível das águas sobre as pontes por onde eles precisavam trafegar, a minha preocupação como gestor era a segurança dos colegas; eu estava seguro. Moro a seis quarteirões do trabalho, enquanto eles precisavam enfrentar a fúria das águas (relato do gestor Mogar do CEMEA, 2025).

Os três fragmentos revelam diferentes perspectivas diante do impacto da enchente, compondo um retrato coletivo da experiência vivida por docentes comprometidos com a educação ambiental. Ansiedade, incredulidade e cuidado entrelaçam-se nos relatos, evidenciando não apenas o choque diante da destruição, mas também a preocupação com os vínculos e com a segurança dos colegas. Como educadores que atuam diariamente na mediação entre natureza e comunidade, esses relatos expressam um senso profundo de responsabilidade diante do território afetado e reafirmam o papel sensível da educação ambiental em tempos de crise. Foi nesse cenário que o *Memorial da maior enchente da história* teve seu nascedouro.

Este capítulo tem por objetivo narrar o processo de criação e os percursos de uso do acervo em formato de exposição do *Memorial da Maior Enchente da História*, uma iniciativa que emerge como uma resposta pedagógica, afetiva e política diante de um evento climático extremo com o propósito de sensibilizar a comunidade, aprofundar práticas de educação ambiental crítica, situada e comprometida com as relações ecológicas e humanas que atravessam os territórios de atuação do CEMEA.

Assim como o acervo do Memorial, o texto que narra os percursos de sua criação também não foi construído de forma linear. Ele se apresenta de maneira fragmentada, tal como a própria experiência vivida, reunindo impressões, memórias e sentidos que emergiram ao longo do caminho. Um texto que conta de um movimento que materializa a memória traz essa característica fragmentada, como nos inspira Daniel Munduruku, autor in-

dígena e pensador da palavra e da memória a granel, “porque tudo o que guardamos dentro da gente gera emoções, sentimentos, alegrias e dores” (Munduruku, 2016). Para ele, a memória é feita de fragmentos que vão se completando à medida que são contados.

É nesse movimento da escuta, da reflexão, da materialização e das narrativas que a memória se constrói. Por fim, neste primeiro contato com o leitor, convém relatar que a leitura deve ser feita não como a de um documento fechado, mas como um corpo vivo de experiências que se revelam aos poucos no ritmo do afeto e das lembranças de quem viveu a maior enchente da história do Rio Grande do Sul, em maio de 2024. O texto vai sendo costurado com as autonarrativas dos autores, os educadores do CEMEA, que tiveram seus corpos afetados pela enchente e consecutivamente suas docências. Nesse sentido, cada leitor é também convidado a se apresentar como esse guardador das memórias, deixando-se afetar pelas intenções deste texto.

Ao recolher as narrativas de crianças, professoras, moradores e visitantes do acervo, o memorial torna-se um território onde as histórias podem ser recontadas, relidas e ressignificadas. Cada fragmento recolhido, por mais breve ou simples que pareça, carrega uma parte de um todo maior, uma verdade sensível que ajuda a tecer a memória coletiva de um tempo marcado pela água e pela urgência do cuidado na intenção de colaborar para que não haja um negacionismo climático que leva a cairmos no esquecimento.

O texto está organizado em seis pequenas seções, que revelam, aos poucos, os elementos que foram constituindo o acervo do *Memorial da Maior Enchente da História*. Cada uma delas apresenta uma parte do percurso coletivo de escuta, coleta, curadoria e elaboração da memória da enchente. A primeira seção, “As águas negadas pelas crianças às margens do arroio: como todos sentiram e sentem a enchente?”, reflete sobre os diferentes modos de vivenciar e lembrar a tragédia a partir das infâncias que frequentam a Escola de Vivências Ambientais do CEMEA, revelando experiências em que o desastre não se inscreveu diretamente nos corpos, mas mobilizou perguntas e deslocamentos aos docentes.

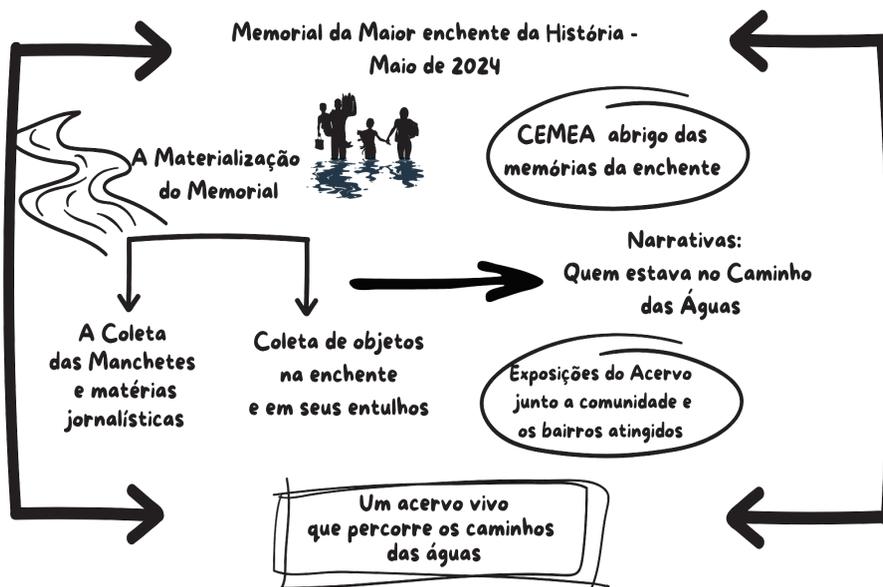
Na segunda seção, “A busca pelas manchetes: vestígios das águas registradas pela imprensa”, apresenta-se o processo de coleta e curadoria de reportagens jornalísticas locais, regionais e nacionais, compondo uma cartografia simbólica do acontecimento e das formas como ele foi narrado publicamente. A terceira seção, “Os pertences que carregam histórias encharcadas de lama”, mergulha na materialidade dos objetos encontrados

nos entulhos como fragmentos da vida cotidiana afetada pela enchente, carregando memórias, afetos e marcas do vivido. A quarta seção, “Quem estava no caminho das águas: fragmentos de memórias de quem enfrentou a enchente”, dá voz às pessoas diretamente atingidas, reunindo relatos que testemunham perdas, resistências e reconstruções.

A quinta seção, “Quem estava no caminho das águas: fragmentos de memórias de quem enfrentou a enchente”, dá continuidade ao trabalho de escuta, reunindo histórias orais e relatos de educadores, famílias e moradores, que, com generosidade, compartilharam vivências atravessadas pela destruição e pelo recomeço, compondo uma memória sensível da catástrofe.

Por fim, a sexta seção, “Um acervo vivo: inspiração para um observatório das enchentes e dos fenômenos climáticos – para que a história não seja esquecida”, apresenta alguns dados quantitativos e propõe a continuidade desse movimento de memória como ação política e educativa, reafirmando o valor do memorial como espaço de cuidado, reflexão e alerta diante das crises climáticas que marcam nosso tempo.

Antes de começar a dar continuidade ao texto, apresentamos uma pequena cartografia do texto; a imagem representa, de forma sintética e visual, os caminhos trilhados na construção do *Memorial da Maior Enchente da História da História* – Maio de 2024.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Trata-se de uma pequena cartografia que reúne ações, memórias, objetos, manchetes e narrativas colhidas junto à comunidade atingida. O CEMEA configura-se como abrigo dessas memórias, um espaço de escuta e cuidado, onde o acervo se torna vivo e circulante, atravessando bairros, histórias e territórios. Essa cartografia antecipa as ideias e experiências que serão aprofundadas no texto a seguir.

### **As águas negadas pelas crianças às margens do arroio: como todos sentiram e sentem a enchente?**

Neste início de texto, vamos dedicar à contextualização Centro Municipal de Educação Ambiental (CEMEA), o guardador do *Memorial da maior Enchente da História*, e às inspirações primeiras para a organização do acervo. O centro está situado entre a cidade e a natureza, às margens do Arroio Schmitt, antigo Arroio das Pedras, um dos principais cursos d'água que banham o território urbano. Localizado a apenas três quarteirões da zona central da cidade, o espaço integra a faixa verde do Parque Municipal Arno Kurtz, configurando-se como um lugar de transição entre o urbano e o natural, entre o cotidiano acelerado da cidade e o tempo mais lento do orgânico.

Mais do que um espaço físico, o CEMEA é um lugar de encontros entre pessoas, territórios, histórias e ecossistemas. É nesse cenário que acontecem as atividades da Escola de Vivências Ambientais, desenvolvidas no contraturno escolar com base em uma proposta de educação integral. O currículo é estruturado em percursos de aprendizagem, que favorecem a conexão das crianças com a natureza por meio do brincar, da pesquisa e do agir crítico. Essa proposta busca formar sujeitos sensíveis ao seu entorno, capazes de ler o território onde vivem e atuar de forma ética e transformadora.

Foi nesse território entre águas, cidade e educação que, em uma manhã qualquer, as crianças negaram a enchente. Conduzidas à beira do curso d'água, foram convidadas a olhar aquele lugar, o mesmo onde, nas manhãs de outono, costumavam brincar entre os córregos, construir pequenas pontes com galhos e pedras ou simplesmente saltar de uma margem à outra. Aquele espaço, tecido de vivências e liberdade, não carregava, para elas, o trauma da enchente. A experiência passou longe de seus corpos – ainda inteiros, ainda brincantes.

Enquanto isso, em outros cantos da cidade e nas cidades vizinhas, as águas tomaram conta das ruas e das casas, levando consigo pertences, deslocando famílias e apagando histórias. Mas ali, naquele recorte de território, resistia uma outra relação com a água, marcada não pela perda, mas pela presença lúdica e cotidiana. Um contraste que revela, com força, as múltiplas geografias do desastre e os diferentes modos de sentir e lembrar: nem todos os corpos foram atravessados da mesma forma, nem todas as margens foram inundadas da mesma dor.

Essa cena das crianças brincando às margens do arroio evidenciando que a enchente não se faz presente no corpo delas convida-nos a refletir sobre os diferentes modos de vivenciar, narrar e lembrar um mesmo acontecimento coletivo. A ausência da enchente em suas memórias imediatas não nega a tragédia, mas revela os limites da experiência direta como única medida da realidade. Ao mesmo tempo aponta para a potência de uma educação ambiental situada, que possibilita às crianças experiências com a água para além do trauma. Foi justamente essa multiplicidade de vivências entre o que se perdeu, o que foi sentido e o que permaneceu ausente que motivou a construção do Memorial da Maior Enchente da História como um espaço de escuta, memória e elaboração coletiva.

A escuta desses silêncios e a atenção às camadas desiguais da memória e da perda são fundamentais para a construção de um memorial vivo e comprometido com a complexidade dos territórios e das subjetividades que os habitam. A partir desse ponto seguimos para compreender como as memórias da enchente foram sendo colhidas, organizadas e compartilhadas no CEMEA, dando forma ao acervo que hoje abriga histórias, objetos, fotografias e ausências.

### **A busca pelas manchetes: vestígios das águas registradas pela imprensa**

Esta seção apresenta o movimento de coleta de matérias jornalísticas e a constituição de um acervo de artefatos midiáticos que compõem parte significativa do Memorial da Maior Enchente da História. Um dos gestos centrais nesse percurso foi o mergulho atento nas páginas dos jornais, tanto impressos como digitais, com ênfase especial na primeira quinzena de maio de 2024, período em que a enchente atingiu seu ápice no Rio Grande do Sul.

A coleta das manchetes e reportagens teve como objetivo reunir fragmentos da memória pública e coletiva do desastre, tal como foi narrado pela imprensa. Ao registrar os acontecimentos em tempo real, os jornais operam como documentos de época e, ao mesmo tempo, como dispositivos que moldam a percepção social do que é vivido. Nesse sentido, as matérias reunidas foram compreendidas como vestígios simbólicos das águas, resquícios do impacto material e afetivo da enchente nas cidades e nos corpos.

Os eventos foram registrados e nomeados pela imprensa local, regional, estadual e nacional, compondo assim uma singela cartografia das principais manchetes que marcaram a tragédia. Essa multiplicidade de vozes e enfoques, que varia conforme o alcance e a perspectiva dos veículos, permitiu a construção de um panorama fragmentado e, ao mesmo tempo, revelador da comoção social que se espalhou pelo território. Consideramos a enchente de 2024 como um marco que rompeu com a normalidade e exigiu novas formas de narrar, lembrar e cuidar. As manchetes, ao capturar o instante da ruptura, tornaram-se também artefatos de memória, preservados e reorganizados no acervo do memorial não apenas como registros factuais, mas como indícios da urgência, do medo e da solidariedade que emergiram com as águas.

A busca iniciou nos acervos digitais de grandes portais jornalísticos regionais, como *GZH*, *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *O Sul, dia a dia*, entre outros; as principais notícias selecionadas serão apresentadas em um quadro a seguir. No entanto, um olhar atento também foi voltado à imprensa local e regional, onde a dor e a solidariedade da comunidade ganharam repercussão e contornos mais próximos e particulares. Foram consultadas edições de jornais como *A Gazeta*, que registraram de forma sensível os impactos vividos nas cidades do Vale dos Sinos e arredores. Nessas páginas apareceram nomes de ruas alagadas, vozes de moradores, imagens dos abrigos e as primeiras mobilizações de ajuda, detalhes que raramente ganham destaque nos grandes meios, mas que são fundamentais para a construção da memória coletiva nos territórios da cidade e seus limites.

Durante a seleção dos fragmentos das notícias foi dada ênfase especial às narrativas das pessoas afetadas, buscando destacar as imagens e frases que expressassem não só os fatos, mas também as emoções, angústias, resistências e esperanças dos moradores e comunidades diretamente impactadas pela enchente. Muitas manchetes escolhidas estão relaciona-

das aos objetos recolhidos para o acervo do memorial, que serão apresentados na seção seguinte do texto, como brinquedos, fotos, objetos pessoais e outros vestígios da vida cotidiana, estabelecendo assim uma ligação sensível entre a palavra e os artefatos que irão compor o acervo.

Essa curadoria de manchetes foi guiada não apenas por critérios informativos, mas também simbólicos e afetivos: selecionaram-se palavras que tocam, que denunciam, que revelam e que convidam à reflexão. Os materiais foram impressos, na sua maioria, em papel couchê em tamanhos A3 (29,7 x 42cm), A4 (21 x 29,7cm), A5 (14,8 x 21cm) e colocados em molduras, sendo organizadas em painéis expositivos de madeira que primeiramente foram deixados no CEMEA, sendo utilizados em rodas de conversa com professores e as crianças que frequentam a Escola de Vivências Ambientais (contraturno escolar) como um dispositivo pedagógico que permitiu tensionar e aprofundar a compreensão da enchente vivida pelas pessoas moradoras dos bairros atingidos na cidade, mas por toda a população rio-grandense.

A seguir, apresentamos quadros resumidos com os principais grupos de manchetes que compõem os acervos reunidos por temáticas. O primeiro grupo com a temática *Cronologia dos fenômenos e principais acontecimentos da enchente no estado do RS e na capital gaúcha* é composto por 27 quadros organizados de forma cronológica de 1º de maio a 1º de julho de 2024. O segundo grupo com a temática *Campo Bom, a maior enchente da história, principais desafios enfrentados pela comunidade* é composto por capas, contracapa e páginas inteiras impressas no tamanho A3.

Quadro 1 – Relação das manchetes dos jornais da temática *Cronologia dos fenômenos e principais acontecimentos da enchente no estado do RS e na capital gaúcha*”

<b>Temática</b>	<i>Cronologia dos fenômenos e principais acontecimentos da enchente no estado do RS e na capital gaúcha</i>	
<b>Título da manchete principal do impresso</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Intenção do acervo</b>
Enchentes causa morte	01/05/2024	<p>As capas do jornal <i>Zero Hora</i> foram organizadas em uma sequência cronológica, dispostas em molduras no formato A5. A seleção apresenta as manchetes das edições diárias do mês de maio de 2024 até o dia 06 de junho de 2024, data em que o Guaíba retorna a seu leito.</p> <p>A intenção é permitir que o visitante perceba, capa a capa, como diferentes elementos foram sendo incorporados à narrativa da tragédia, revelando a construção simbólica e emocional do acontecimento ao longo do tempo.</p>
SEM TRÉGUA	02/05/2024	
A maior de todas	04-05/05/2024	
Dias de resgate	06/05/2024	
A capital sitiada	07/05/2024	
Terra de Refugiados	08/05/2024	
RS em Alerta	09/05/2024	
Eldorado sob a água	10/05/2024	
Passarela dá lugar a Corredor Humanitário	11-12/05/2024	
Repique dos Rios	13/05/2025	
Corrida pela água	14/05/2024	
Inundado, o Salgado Filho não tem data para ser reaberto	15/04/2024	
Nova Passagem	16/05/2025	
Diário de um resgate	17/05/2024	
Municípios em calamidade receberão verba federal extra	18-19/05/2024	
O difícil Recomeço	20/05/2024	
O desafio do Mercado	21/05/2024	
Retomada no Centro	22/05/2024	
Montanha de Entulho	23/05/2024	
Uma capital em Colapso	24/05/2024	
Barreira ao Repique	24/05/2024	
Enchentes deixam 30% das cidades do RS com problemas de internet	25-26/05/2024	
Voos em canoas	26/05/2024	
O retorno ao Leito	01/06/2024	

Fonte: Elaborados pelos autores (2025).

Quadro 2 – Relação das manchetes dos jornais da temática  
*Campo Bom, a maior enchente da história, principais desafios enfrentados pela comunidade*

Temática	<i>Campo Bom, a maior enchente da história, principais desafios enfrentados pela comunidade</i>	
Título da manchete principal do impresso	Data da publicação	Intenção do acervo
Mais uma Enchente Histórica (capa)	3 a 9 de maio	As capas ampliadas, impressas em tamanho A3, têm a intenção de atrair o olhar do visitante e destacar os fenômenos da enchente que afetaram diretamente os territórios da cidade de Campo Bom, com ênfase nos acontecimentos locais. Essa ampliação busca dar visibilidade às narrativas do município, muitas vezes ofuscadas pelas abordagens mais amplas da imprensa regional.
Previsão Aponta para a maior de todas (contracapa)	3 a 9 de maio	
História de uma vida inteira transformada em entulho	17 a 23 de maio	
A terceira do ano	21 a 23 de maio	

Fonte: Elaborados pelos autores (2025).

Reunir essas manchetes foi uma tentativa de possibilitar visibilidade ao que foi experienciado nos corpos, nos territórios e nas relações da sociedade no enfrentamento à tragédia climática vivida. Foi, sobretudo, uma forma de afirmar que os eventos climáticos extremos não são apenas fenômenos naturais, mas também acontecimentos sociais, políticos e históricos. Registrar a palavra escrita é também uma forma de construir resistência. Essas manchetes hoje, ao integrarem o acervo vivo do memorial, são fragmentos de história, eco das ruas alagadas e como convite à ações educativas sensíveis. O memorial nasce como gesto pedagógico e político. Um convite à memória, à escuta e à invenção de outros modos de estar no mundo, mais conscientes, mais sensíveis, mais comprometidos com a vida em todas as suas formas.

E assim foi se consolidando a proposta de criação do *Memorial da Maior Enchente da História*. Enquanto tantas escolas da região se transformaram em abrigos físicos para pessoas desalojadas, nossa instituição assumiu outro tipo de abrigo: o das memórias. Um lugar para recolher, guardar, narrar e refletir, para que as experiências vividas durante a enchente não se perdessem no tempo e para que delas emergissem sentidos capazes de alimentar novas aprendizagens.

## **Os pertences que carregam histórias encharcados de lama**

Outro movimento que começou antes mesmo da escola do acervo jornalístico foi a recolha do acervo de objetos; esta seção tem a intenção de contar e apresentar de forma sucinta como isso aconteceu. Os primeiros objetos foram coletados de forma espontânea em meio às ações de voluntariado realizadas pelo diretor da escola nos dias que se seguiram à enchente. Em um gesto de cuidado com a comunidade ribeirinha próxima ao rio dos Sinos, no bairro conhecido como Barrinha, justamente no domingo do Dia das Mães, ele se uniu a tantas outras mãos solidárias que percorriam as ruas do bairro, entre lama, destroços e silêncios.

Foi ali, naquele cenário de perdas e memórias espalhadas, que alguns objetos chamaram sua atenção: brinquedos, um carrinho de criança, uma boneca encharcada de barro e uma pequena imagem religiosa. Havia algo de profundamente simbólico e delicado nesses vestígios da vida cotidiana, uma espécie de apelo silencioso para que não fossem deixados para trás. Impactado por essa presença tão concreta da infância, da fé e do afeto em meio ao caos, o diretor recolheu esses objetos com o cuidado de quem entende que a memória também mora nas coisas. Esses primeiros elementos tornaram-se sementes do acervo do memorial, inaugurando não apenas uma coleção, mas um gesto: o de dar forma ao que não pode ser esquecido.

Mais tarde, uma segunda forma de coleta viria a ampliar e aprofundar ainda mais o significado do memorial. No mês de julho, aproximadamente dois meses após as águas baixarem, o diretor visitou o espaço onde a Prefeitura Municipal havia depositado os entulhos recolhidos das ruas dos bairros atingidos e da frente das residências. Ao se deparar com os amontoados de resíduos, reconheceu entre o descarte materiais que resistiam como testemunhos silenciosos da tragédia. Com olhar atento e respeito foram recolhidos objetos representativos e significativos: um álbum de fotografias ainda úmido, utensílios de cozinha como xícaras e colheres, um calçado infantil, um chinelo de adulto e um urso de pelúcia. Esses itens, resgatados do esquecimento, passaram a compor o acervo como fragmentos da vida interrompida – testemunhos daquilo que foi perdido, mas que segue presente na memória coletiva.

Ambos os conjuntos de objetos passaram por um cuidadoso processo de higienização sem tirar as características e a presença da lama, sendo secos na estufa de esterilização e secagem do espaço de pesquisa do CEMEA, com

atenção técnica e sensível. Após esse processo, cada item foi acondicionado em caixas de acrílico transparente, devidamente identificadas. Essa escolha garantiu não apenas a preservação do acervo, mas também a segurança dos visitantes e observadores, permitindo que a exposição mantivesse o vínculo com o real sem oferecer riscos à saúde. O quadro a seguir apresenta a descrição dos objetos que foram organizados por temática e também seus respectivos locais de coleta.

Quadro 3 – Relação dos objetos e descrição dos objetos e suas respectivas temáticas

<b>Objetos</b>	<b>Local e circunstância da coleta</b>	<b>Temática relacionado</b>
Boneca	Recolhida dos entulhos das ruas do bairro Barrinha no dia 12/05/24 (Dia das Mães) durante ação de voluntariado.	Brinquedos
Óculos infantil com adereços		
Carrinho	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	
Trator	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	
Urso de pelúcia	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	
Xícara	Encontrada nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	Objetos domésticos
Duas colheres de café	Encontradas nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	
Chinelo adulto	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	Pertences de vestuário
Tênis infantil	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	
Álbum de fotografias	Encontrado nos entulhos recolhidos pela Prefeitura nos bairros afetados.	Memórias familiares
Imagem de santa	Recolhida nos entulhos das ruas do bairro Barrinha no dia 12/05/24 (Dia das Mães) durante ação de voluntariado.	Ícone religioso

Fonte: Elaborados pelos autores (2025).

A exposição dos objetos resgatados, em diálogo com as manchetes de jornal, compõe um acervo potente que entrelaça memória íntima e narrativa coletiva. Ao lado das notícias que documentam a tragédia, os objetos, simples, cotidianos, afetivos dão corpo à experiência vivida nos territórios atingidos. Essa justaposição transforma a exposição em um espaço de escuta e reconhecimento, onde a dor, a perda e a resistência se tornam visíveis, sensíveis e compartilhadas. É uma forma de recontar a enchente não apenas como um evento, mas como uma experiência humana marcada por vínculos, afetos e memória.

Esses elementos foram organizados não como uma exposição estática, mas como uma composição viva, que segue sendo alimentada, ressignificada e compartilhada. O memorial não é apenas um lugar de guardar, mas de provocar: provoca a memória, a escuta, a empatia, a responsabilidade. Ele se tornou um espaço pedagógico potente, onde o passado recente se entrelaça com o presente e convoca as memórias.

### **Quem estava no caminho das águas: fragmentos de memórias de quem enfrentou as enchentes**

A proposta do *Memorial da Maior Enchente da História* vai caminhando também para um gesto sensível de escuta e cuidado diante de um acontecimento que atravessou profundamente a vida das pessoas. Aos poucos, essa escuta vai ganhando corpo, e o que era intenção passou a habitar o espaço do CEMEA e também de outras escolas, e o memorial vai além do que apenas contemplar palavras, objetos, imagens e silêncios. Ele passa a produzir narrativas que estão presas nas lembranças de quem viveu a enchente. Nesse momento, as narrativas das pessoas que visitam o acervo estão sendo cuidadosamente coletadas, buscando dar voz àqueles que vivenciaram diretamente os impactos da enchente. Essas histórias pessoais são fundamentais para compreender não apenas os fatos, mas também os sentimentos, as resistências e as reconstruções que emergem a partir da experiência do desastre. A escuta atenta dessas memórias fortalece a dimensão humana do memorial, aproximando-o da realidade vivida e transformando o acervo em um espaço vivo de memória coletiva, compartilhada e continuamente renovada.

A partir de um roteiro elaborado pelos coletivos do CEMEA, de forma não estruturada, mas com três momentos que conduzem o roteiro da conversa: (a) lembranças de antes da enchente, (b) lembranças durante a

enchente e (c) lembranças do pós-enchente e as mudanças na vida. Os visitantes do *Memorial da maior enchente da História* são convidados a participar da conversa em formato de entrevista. A grande maioria dos entrevistados chega encaminhada pela diretora ou diretor da escola ao espaço do acervo, sem combinar com a equipe de professores, mas eles vão identificando as pessoas da comunidade que foram afetadas e que estão dispostas a contribuir com as narrativas. Muitas delas chegam com muita vontade de contar evidenciando a importância de conversar sobre o assunto; algumas falas são carregadas de emoção, que exige dos professores entrevistadores um cuidadoso tratamento e acolhimento das narrativas.

“Eu estava olhando, olhando a TV, e a água começou a subir... Eu tive medo.” Assim, registramos uma das primeiras narrativas coletadas: a história do Joh, um menino de nove anos, aluno e vizinho da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, uma das escolas mais afetadas do município; foi a primeira escola a receber o acervo e já o acolhe pela segunda vez a pedido da direção da escola. Essa voz infantil, carregada de sinceridade e emoção, abre caminho para outras memórias que compõem o acervo do memorial, fragmentos vivos das experiências daqueles que estiveram no caminho das águas. Seu João, de 62 anos, morador da mesma comunidade de Joh, relata que “estava dentro de casa quando percebeu a água entrando na casa de forma assustadora” e percebeu “gritos de socorro dos vizinhos, barcos pelas ruas, olhava pela janela e só via água”.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Princesa Isabel e na Escola de Educação Infantil Princesinha, uma anexa à outra no bairro Barrinha, mesmo bairro em que foram coletados alguns dos objetos que compõem o acervo de objetos do memorial, as narrativas também trazem a potência das redes de apoio. “Tivemos todo o apoio, quando não tínhamos mais roupas para vestir, pois saímos de casa na quinta para voltar no final da semana e os dias passaram. Mas chegou uma caixa de roupas, shampoo, desodorante. Eu usei roupas de quem não conhecia”, diz Abigail, de 42 anos, mãe da escola.

A professora Maide, de 40 anos, que mora no bairro Barrinha desde os dois anos de idade, conta: “A gente teve que ir com a reta da prefeitura”. Continua relatando o dilema de viver a enchente duas vezes, quando saiu de casa e também na casa onde foi se abrigar, a residência do sogro que fica no bairro Operário, o bairro que também já abrigou a exposição do acervo do memorial. A professora conta:

Só que no momento que começou a entrar na minha casa, eu fui obrigada a pegar a minha família, meu cachorro e ir embora, e fui parar na operária, na casa do meu sogro, da minha cunhada, e a enchente chegou a ir até os fundos da casa deles na outra rua. Então, eu passei pelo medo duas vezes (Relato da professor Maide – EMEF Princesa Isabel, 2025).

O relato da professora Maide revela a intensidade e a duplicidade do medo vivido durante a enchente, um medo que não terminou ao deixar sua casa, mas que se repetiu ao buscar abrigo. A força de seu testemunho evidencia como os impactos emocionais e territoriais da enchente ultrapassam os limites físicos da água, marcando trajetórias, vínculos familiares e a noção de segurança. É uma narrativa potente sobre deslocamento, cuidado e resistência. E ao retornar para casa, ela se depara com a ausência das memórias da história de vida de suas filhas. A professora toca em uma camada profunda das perdas causadas pela enchente, aquela que o dinheiro não alcança.

O pessoal diz, ah, mas financeiro, tu corre atrás e tu conquista de novo. Sim, a gente conquista de novo. Só que não era só isso. Eram as memórias, eram fotos, eram... Que nem eu tenho duas filhas. A gente guarda fotos delas de bebê com a gente, sabe? E esse tipo de coisa, tu não tem como pegar de volta. Não existe. Então, o que doeu mais (...) (Relato da professor Maide – EMEF Princesa Isabel, 2025).

Ao destacar as memórias afetivas, como as fotos de infância das filhas, ela revela que o que mais dói não é o que se perde materialmente, mas o que desaparece do acervo simbólico da vida. São lembranças que ancoram identidades, histórias de família e afetos. Sua fala convida-nos a reconhecer que, em meio aos escombros, também se perdem pedaços de tempo que não se recompõem.

As histórias, contadas em diferentes tons e ritmos, revelam não apenas o medo, mas também a coragem, a solidariedade e a força de uma comunidade que enfrentou a enchente. Essas narrativas tendem a ser incorporadas futuramente no acervo; os termos de consentimento para o uso das narrativas estão sendo preenchidos pelos entrevistados para que o acervo possa ser usado em forma impressa ou na formatação de um pequeno documentário audiovisual para acompanhar o acervo do memorial.

## Um acervo vivo, inspiração para observatório das enchentes e os fenômenos climáticos: para que a história não seja esquecida

O Memorial da Enchente tornou-se um instrumento pedagógico e sensível, capaz de mobilizar comunidades, escolas e espaços culturais em torno de uma causa comum: lembrar, refletir e reconstruir. Ao longo dos anos de 2024 e 2025, a Exposição Itinerante do Memorial foi acolhida por diferentes espaços educativos e culturais do município, promovendo momentos significativos de escuta, partilha e reconstrução simbólica após a maior enchente da história local.

Cada local por onde o Memorial passou proporcionou uma experiência singular de encontro com a memória coletiva, fortalecendo vínculos comunitários e possibilitando que diferentes públicos pudessem se reconhecer nos fragmentos, objetos, imagens e histórias ali reunidos. A seguir, apresentamos um quadro-síntese que organiza os espaços que receberam a exposição, destacando os bairros, o tempo de permanência, o contexto dos eventos, o público envolvido e observações relevantes sobre cada vivência.

Quadro 4 – Relação dos espaços que receberam o acervo do memorial

Espaços que acolheram a exposição do Memorial	Bairro	Número de dias de interação com a comunidade	Evento	Público	Observação
Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas	Bairro Operário (bairro atingido pela enchente)	Momento de 3 horas de visitação da comunidade local	Feira de Iniciação Científica 2024		
Espaço Institucional do CEMEA na 10ª Semana de Ciência e Tecnologia	Centro da cidade	3 dias aberto ao público e a todas as escolas do município em três períodos		148 crianças (0 a 5 anos) e equipe de 33 educadoras, e as famílias que visitaram o espaço.	
Espaço de Cultura Dr. Liberato	Centro da cidade	40 dias aberto à comunidade em geral	Exposição da galeria de arte	Aproximadamente 470 visitantes entre comunidade em geral e turmas de escolas que agendaram a visita à galeria	Maior tempo de permanência; articulação com arte e memória

Escola Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho	Bairro 25 de julho (um dos mais atingidos pela enchente)	15 dias	Mostra de vivências e exposição no hall de entrada da escola		
Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho	Bairro 25 de julho (um dos mais atingidos pela enchente)	Momento de 3h de visitação da comunidade local	Feira de Iniciação Científica		
Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas	Bairro Operário (bairro atingido pela enchente)	Momento de 3h de visitação da comunidade	Feira de Iniciação Científica		O memorial retorna à escola um ano depois de ter sido exposto na escola. A primeira experiência de coleta de narrativas foi realizada.
Escola Municipal de Ensino Fundamental Princesa Isabel e Escola e Educação Infantil Princesinha	Bairro Barrinha (bairro mais atingido pela enchente)	Momentos de visitação da comunidade em dois momentos aproximadamente 5h	Feira de Iniciação Científica. Entrega de portfólios da EMEI Princesinha		Segunda sessão de coleta de narrativas.

Fonte: Elaborados pelos autores (2025).

O quadro apresentou uma diversidade de espaços e contextos onde a exposição do memorial foi acolhida, destacando um importante processo de aproximação e interação com diferentes segmentos da comunidade afetada pela enchente. Observa-se que a exposição percorreu tanto instituições educacionais, abrangendo escolas de ensino infantil e fundamental situadas nos bairros mais atingidos, como o Operário, 25 de Julho e Barrinha, quanto espaços culturais e institucionais localizados no centro da cidade, ampliando o alcance da ação para além do ambiente escolar.

Os diferentes tempos de interação, que variam de momentos pontuais de visitação de 3 horas a períodos prolongados de até 40 dias, indicam uma flexibilidade e adequação às realidades e demandas locais, favorecendo o envolvimento da comunidade de forma mais ampla e acessível. As visitas durante eventos como a Feira de Iniciação Científica e a 10ª Semana de Ciência e Tecnologia, por exemplo, potencializam o diálogo entre o Me-

morial e o público escolar em geral, promovendo reflexões sobre o impacto da enchente e a valorização da memória coletiva.

Esse movimento desdobrou-se como parte da missão presente no Projeto Político-Pedagógico do CEMEA, que propõe *viabilizar a troca de saberes com a comunidade campobonense, incluindo crianças, adolescentes, adultos, professores e famílias, por meio de vivências que envolvem a natureza e as relações ecológicas* (PPP, CEMEA, 2024). Trata-se de uma proposta de educação ambiental sensível, situada e crítica, que toca o corpo e a vida das pessoas. Uma educação que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que busca sensibilizar atitudes e provocar processos de construção coletiva do conhecimento, especialmente no que se refere às formas de se relacionar com o ambiente, o território e com os outros.

Como um movimento permanente, o acervo do *Memorial da Maior Enchente da História* já incorporou também as manchetes e registros da enchente ocorrida em junho de 2025, demonstrando o caráter dinâmico, vivo e contínuo desse processo de memória. Essa atualização constante reforça o compromisso do Memorial em acompanhar e registrar os desdobramentos dos fenômenos climáticos que seguem afetando o território, reconhecendo a urgência de manter a história viva não apenas para lembrar, mas para evitar que o esquecimento se repita.

## Referências

CEMEA. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria Municipal de Educação: Campo Bom, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. Edelbra: Porto Alegre, 2016.

A última década do século XXI tem apresentado características climáticas adversas ao meio ambiente e produzido fenômenos cada vez mais violentos: enchentes, ciclones, calor prolongado. Esta obra reúne estudos que evidenciam ações empreendidas por escolas-abrigos, bem como por instituições que cooperaram com diferentes ações durante o período dos abrigamentos no Rio Grande do Sul, em decorrência das enchentes de 2024. Nesse sentido, busca-se tanto compreender as respostas construídas pela comunidade escolar, refletindo sobre as configurações que o espaço assume em diferentes contextos, como entender o tempo presente e a condição humana diante de situações análogas como a vivenciada com as chuvas de abril de 2024. É uma obra que reúne dedicado esforço de síntese do grupo de vinte pesquisadores de diferentes instituições, agregando a colaboração de pesquisadores universitários e de professores que atuam na Educação Básica nas Redes Municipais e Estadual de Educação.